

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

A História Oral na Captação de uma
Reportagem Documental da Rádio
Universidade

Projeto Experimental de Conclusão de Curso

Trabalho apresentado na disciplina de
Pesquisas Experimentais como requisito
necessário para a obtenção do título de
bacharel em Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo.

Glaíse Bohrer Palma
Santa Maria, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROJETOS EXPERIMENTAIS

**A HISTÓRIA ORAL NA CAPTAÇÃO DE UMA REPORTAGEM
DOCUMENTAL DA RÁDIO UNIVERSIDADE**

Autoria:

Membros:

Prof. Paulo

Prof. Eugênio

Prof. Eunice

Prof. Ada Cristina

Avaliação:

Trabalho apresentado na disciplina de
Projetos Experimentais como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social,
Habilitação em Jornalismo.

Autoria: Acadêmica Glaíse Bohrer Palma

Santa Maria

1995

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROJETOS EXPERIMENTAIS

**A HISTÓRIA ORAL NA CAPTAÇÃO DE UMA REPORTAGEM
DOCUMENTAL DA RÁDIO UNIVERSIDADE**

Autoria: Acadêmica Glaíse Bohrer Palma

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araujo - Presidente

Prof. Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello -

Prof. Eunice Teixeira Olmedo -

Prof. Ada Cristina Machado Silveira - Suplente

Avaliação:

Santa Maria, 1995.

Dedico este projeto experimental

de conclusão de curso

ao professor orientador

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA ARAUJO.

A ele, a minha homenagem,

pela dedicação e busca diária

na qualificação de melhores profissionais.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO

1. A CAPTA

2. HISTÓR

Agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste projeto experimental.

Aos dezesseis entrevistados, sem os quais não seria possível a produção deste trabalho.

Aos meus pais, pelo alicerce necessário em mais essa conquista.

A Marcelo Barcellos da Rosa, pelo carinho, dedicação e paciência, não só no transcorrer deste projeto, mas na trajetória destes últimos quatro anos.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	01
1. A CAPTAÇÃO NO JORNALISMO	02
2. HISTÓRIA ORAL, UMA NOVA POSSIBILIDADE	06
2.1. Um Pouco de História sobre a História Oral	06
2.2. História Oral. Conceitos, Problemas e Soluções	08
2.3. História Oral e História de Vida	10
3. ANÁLISE	13
3.1. Os Passos	13
3.2. Caso a Caso, Todos os Casos	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	30
APÊNDICE 1 - RÁDIO UNIVERSIDADE - UMA HISTÓRIA	32
APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS	44

Resumo

Título: A História Oral na Captação de Uma Reportagem Documental da Rádio

Universidade

Autora: Gláise Bohrer Palma

Orientador: Paulo Roberto de Oliveira Araujo

Curso de Comunicação Social - Habilitação: Jornalismo

Projeto Experimental (X) Monografia ()

A captação convencional no Jornalismo é feita basicamente através de entrevistas, com perguntas e respostas; às vezes até mesmo respostas já esperadas de fontes oficiais. Este tipo de captação faz com que as reportagens sofram limitações quanto ao seu conteúdo. As riquezas pessoais e sociais são desta forma substituídas pelas informações mecânicas. Na intenção de abrir o leque de possibilidades, foi proposto, através deste projeto experimental, uma alternativa no processo de captação. Acredita-se que a História Oral, método utilizado especialmente na Antropologia e Sociologia, pode ser eficiente também no Jornalismo. Fugindo do oficialismo e dos documentos escritos, a história foi construída a partir dos depoimentos das próprias pessoas que fizeram ou ainda fazem parte da história da rádio Universidade. Através de entrevistas, realizadas pelo método da História Oral, com dezesseis pessoas que trabalharam ou trabalham na Universidade, foi produzida uma reportagem documental sobre a emissora. Através deste método de captação de dados os participantes da história têm liberdade para contá-la baseados em suas lembranças. Não é seguido um roteiro rígido, como nas entrevistas utilizadas na captação convencional, onde o jornalista segue a pauta como parâmetro. Na História Oral, as pessoas dão seus depoimentos sobre os aspectos que mais as marcaram dentro de determinado assunto, isto é, no caso em questão, as pessoas relataram o que lhes vinha à memória dentro do assunto rádio Universidade. Concluiu-se que a História Oral é eficiente, possibilitando uma nova forma de construir uma reportagem. Os aspectos mais importantes deste tipo de captação de dados é que ele possibilita uma maior humanização e uma maior liberdade no relato, ouvindo vozes que não são frequentemente ouvidas na apuração de uma reportagem.

INTRODUÇÃO

Na intenção de abrir o leque de possibilidades no processo de captação do Jornalismo, propõe-se através desse projeto experimental a utilização da História Oral para a apuração de dados de uma reportagem. A História Oral é um método de entrevistas que se baseia nas lembranças sobre algo que se quer retratar. Pretende-se provar que o Jornalismo necessita de novas técnicas de captação e que a História Oral pode ser um método eficaz.

Neste projeto experimental foi produzida uma reportagem documental da rádio Universidade, através de entrevistas com dezesseis pessoas que participaram ou participam da história da emissora. Os depoimentos foram gravados, num total de oito fitas cassetes, e transcritos para o papel.

Em princípio serão apresentados os pontos básicos do processo de captação convencional no Jornalismo, discutindo-o e propondo a História Oral como alternativa.

A seguir, será feito um breve relato histórico da História Oral, conceituando-a e discutindo os prós e os contras desse método, baseado na literatura consultada.

Finalmente, será feito um relato de como foi o processo de utilização da História Oral no caso específico desse projeto experimental, com a posterior análise das entrevistas, chegando-se às conclusões finais.

Em anexo, a reportagem produzida, cujo título é "Rádio Universidade: Uma História" e todas as entrevistas transcritas.

1. A CAPTAÇÃO NO JORNALISMO

Na imprensa cotidiana a velocidade da produção jornalística tornou-se um verdadeiro entrave. Existe uma urgência de captação imediata e, desta forma, as riquezas pessoais e sociais vêm sendo substituídas pela informação mecânica. Não há tempo para ouvir muitas vozes sobre o mesmo assunto e as matérias são feitas basicamente através de entrevistas com as fontes oficiais, produzindo assim o dia-a-dia do jornalismo. O esquema pergunta-resposta, com pré-delimitações e até mesmo respostas já previstas, tolhem a liberdade da reportagem e limitam a compreensão do mundo. O jornalista, em seu trabalho diário, segue como parâmetro a pauta, que lhe indica o que coletar, tentando ao máximo evitar ou reduzir o desperdício de tempo. Mas, na busca da prática jornalística, dita objetiva, não se pode negar o aspecto benéfico da captação realizada atualmente, possibilitando critérios precisos na seleção e ordenamento dos elementos. No entanto, acredita-se que outros métodos, no caso, a História Oral, também podem oferecer precisão e ordenamento, além de outros aspectos que a qualificam como um bom método de captação e que serão relatados ao longo deste trabalho.

à indicação Mas como é feita a captação convencional? Segundo o Manual de Redação e Estilo de O Globo "a maior parte das informações é produto de entrevistas, formais ou informais"(1994:17)

entre o per Para o Manual Geral da Redação da Folha de São Paulo, entrevista é "um instrumento através do qual o jornalista apura idéias, opiniões e informações do personagem da notícia para relatá-las com fidelidade ao leitor."(1987:110)

A entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre num colóquio entre pesquisador e narrador.

Estes relatos às vezes fornecem dados originais, e às vezes complementam dados obtidos de outras fontes. Segundo HAGUETTE

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. (1987:86)

Convencionalmente, as informações são obtidas através de um roteiro de entrevista, que consta de uma lista de pontos ou tópicos estabelecidos de acordo com uma problemática central. De acordo com HAGUETTE, o processo de interação da entrevista contém quatro componentes básicos. São eles: o entrevistador, o entrevistado, a situação da entrevista e o instrumento de captação de dados, ou o roteiro de entrevista. No projeto experimental em questão a intenção é propor a História Oral como alternativa na captação de dados. Acredita-se que este método, utilizado até hoje especialmente na Antropologia, História e Sociologia, pode ser eficiente no Jornalismo. Adiante nos deteremos mais nos aspectos específicos da História Oral.

Atualmente, o processo de entrevista jornalística começa a sofrer críticas no meio acadêmico, no que diz respeito à "reflexão sobre seus métodos e à indicação de rumos possíveis que conduzam a um efetivo processo de compreensão do real." (LIMA, 1993:74) A compreensão do real pressupõe um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, que resultará em uma interação entre o personagem dos acontecimentos e das situações e o receptor, intermediada pelo jornalista. Segundo Dulcília Schroeder Buitoni, citada por LIMA:

Se não é aplicável o esquema de perguntas e respostas programadas, o repórter acha que não está diante de um fato jornalístico, pois não acredita que haja perguntas e respostas que ele não conheça. Só trabalha com narrativas fechadas e com probabilidades previamente conhecidas. Ora, essa improbabilidade de enxergar além do padrão aumenta muito a pobreza de conhecimento pertencente à notícia. (1993:74)

Assim como a entrevista, a observação também se faz presente na captação jornalística. Mesmo com o tempo reduzido, repórteres mais experientes desenvolvem uma boa observação, de onde surgem muitas vezes grandes pautas e informações diferenciadas daquelas captadas através de entrevistas. Conforme o Manual de Redação e Estilo de O Globo:

Muitas vezes a notícia completa, ou mesmo a verdadeira notícia, está naquilo que o repórter observa e sente (ele deve aprender a consultar as emoções, com o cuidado de não permitir que elas controlem a sua cabeça). Só o bom observador pode enriquecer seu texto com os detalhes que ajudam o leitor a entender a notícia, recriando para ele o ambiente em que os fatos aconteceram e dando vida aos seus personagens. (1994:17)

Outra forma utilizada para captar informações é a documentação, no sentido de coleta, exame, classificação e uso de dados registrados. Departamentos de documentação e pesquisa muitas vezes oferecem um suporte considerável às matérias (principalmente às que se caracterizam por se aprofundarem no assunto), aliado a outras fontes de consulta.

Voltando ao relato oral, vê-se que existem possibilidades, formas diferentes de fazer uma entrevista, que não limitam tanto o jornalismo. São formas como a História de Vida, a Observação Participante, a História Oral, nas quais é dada liberdade ao entrevistado para que a história seja contada. Edvaldo Pereira Lima, em seu livro Páginas Ampliadas, não se refere à História Oral, mas

fala do método que denomina de "memória" e que interpretamos neste projeto como a captação através da História Oral. Segundo o autor:

Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada.(1993:99)

2. HISTÓRIA ORAL

UMA NOVA POSSIBILIDADE

2.1. Um pouco de História sobre a História Oral

O relato oral constitui, através dos séculos, uma fonte humana de conservação e difusão do saber, o que significa ter sido uma grande fonte de dados para a ciência em geral. O resgate da história com a gravação de depoimentos é um método criado no começo deste século nos Estados Unidos. Desde o começo do século até o início da década de 50 a História Oral foi utilizada especialmente por sociólogos e antropólogos. Segundo Sônia Maria de Freitas, no prefácio à edição brasileira do livro "A Voz do Passado"(1992), a primeira experiência da História Oral como atividade organizada data de 1948, quando um professor lançou o Projeto de História Oral (The Oral History Project) da Universidade de Colúmbia. Em 1967 foi criada a Associação de História Oral (Oral History Association - OHA) . A partir daí houve a proliferação de História Oral em universidades, centros de pesquisa e instituições ligadas aos meios de comunicação.

Hoje a História Oral está consolidada em diversos países além dos EUA, como Itália, França, Canadá, Alemanha, Grã-Bretanha, fazendo parte do currículo escolar de diferentes níveis de aprendizado. Em universidades como a de Colúmbia e Oxford são oferecidos regularmente cursos sobre método e teoria. No Brasil, uma das primeiras experiências com História Oral ocorreu em 1971, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. Outras experiências foram realizadas no Museu de Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná (1972) e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral em 1975. Já segundo matéria publicada no Jornal Zero Hora, consta que a História Oral é um método de

captação que chegou no Brasil na década de 60, através de um curso de especialização em Florianópolis, Santa Catarina. (ZERO HORA, 1995: 46)

Segundo Freitas (in THOMPSON, 1992:17) a experiência mais importante e enriquecedora tem sido a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) sediado na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que dispõe de um Setor de História Oral desde a sua fundação em 1975. O acervo do Centro é constituído principalmente de entrevistas com personagens da história política contemporânea do país.

Mesmo com todo o interesse que a História Oral vem despertando no pesquisador brasileiro, a literatura sobre o assunto ainda é escassa. Em termos de números, uma pesquisa feita no ano de 1992 identificou no Brasil 125 projetos de História Oral em desenvolvimento, sendo que 76 destes projetos eram institucionais e 49 individuais. (THOMPSON, 1992:17)

No Rio Grande do Sul existe um trabalho de História Oral em Caxias do Sul e há pouco tempo, em agosto de 1995, começou a ser desenvolvido o projeto História Oral/História de Vida, na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). O projeto da UNISC está sendo desenvolvido por acadêmicos de Jornalismo e História e tem o objetivo de enriquecer o material já existente sobre a colônia germânica, formada no século passado, quando a região pertencia ao município de Rio Pardo. As fitas com os depoimentos de pessoas idosas vão ser transcritas e traduzidas (do alemão para o português) e devem integrar o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (Cedopeh) da Universidade. Conforme afirma o Coordenador do projeto, professor Jorge Cunha:

este tipo de trabalho consegue dar uma qualidade nova aos fatos históricos porque são levantadas as impressões causadas nas pessoas comuns, impressões de acontecimentos que até agora só foram descritos com base em documentos. (ZERO HORA, 1995:46)

baseando-se em depoimen

Em Santa Maria, foi desenvolvido um projeto experimental para conclusão de curso na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal em 1994, pela acadêmica Raquel Tolazzi, onde foi utilizada a História Oral como método de captação para a produção de uma reportagem histórica sobre a Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria.

2.2. História Oral

Conceitos, Problemas e Soluções

Segundo HAGUETTE, a História Oral, ao contrário de outros instrumentos de coleta de dados utilizados nas ciências humanas (como História de Vida, Entrevista e Observação Participante), é um dos métodos mais complexos e, devido a isso, é mais simples descrevê-lo do que defini-lo (1987:92). HAGUETTE conclui que:

A História Oral é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido através da interação entre o especialista e o entrevistado, ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade. (1987:95)

A utilização dessa técnica para coleta de dados é muito ampla, dependendo do resultado a que se quer chegar. QUEIROZ conceitua:

"História Oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. (1988:19)

Uma das críticas feitas à História Oral é de não ser confiável, pois, baseando-se em depoimentos, o que existe de fato é a versão dos acontecimentos

e não a reconstituição dos próprios acontecimentos. Outro problema colocado na literatura é que o relato dos fatos pode ser distorcido, pois a memória humana é falha. No entanto, mesmo considerando essas críticas pertinentes e representando limitações à História Oral, não são problemas exclusivos desse método. O componente ideológico se faz presente em qualquer método de coleta de informações. E, como afirma LIMA:

Neutralidade, já é ponto pacífico, não existe nem mesmo na ciência, porque a própria visão de mundo do experimentador, por si só, condiciona a experiência. E a objetividade jornalística, questão polêmica, parece nos dias de hoje ganhar a condição de mito ou de utopia. (1993:68)

Até mesmo os Manuais de Redação não pregam mais a utopia da imparcialidade total. Segundo o Manual da Folha de São Paulo:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorreram, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. (1987:34)

No entanto, acredita-se neste projeto experimental que produzir uma reportagem utilizando para captação das informações a História Oral possa retratar melhor o real, visto que várias pessoas deram seu depoimento, contribuindo para que não fossem utilizadas na reportagem informações que tenham sido fruto de apenas uma ou algumas poucas fontes oficiais, mas sim de um grupo de pessoas, de várias idades, cargos e que trabalham ou trabalharam na emissora em várias épocas. Acredita-se que a reportagem em questão "fugiu do estreito círculo das fontes legitimadoras e abriu o leque para um canal de vozes

variadas"(LIMA, 1993:71), permitindo desta forma que a rádio Universidade fosse vista através dos olhos de cada um.

Já a limitação pelo fator memória com certeza se faz mais presente na História Oral. Mas como as informações não são coletadas de um só depoente e os dados podem ser checados, não só entre si (depoimento X depoimento) como também através de outras fontes (jornais, por exemplo), esse problema pode ser resolvido. No presente caso, para não haver erros de informação, os depoimentos foram comparados. Na verdade, quase não houve casos de informações contraditórias. Na análise da captação voltar-se-á a esse aspecto.

2.3. História Oral e História de Vida

Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente.(QUEIROZ, 1988:21)

No caso da História Oral, se o informante não disser nada a respeito de determinado aspecto do assunto tratado, o pesquisador pode tentar "avivar a memória" de seu interlocutor. Já na História de Vida a finalidade é sempre um personagem e o entrevistador não impõe os temas a serem abordados pelo entrevistado.

A história de vida trata do relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu." (QUEIROZ, 1988:20).

Através de uma narrativa linear e individual dos acontecimentos que considera significativos, o entrevistado delinea as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social e de sua sociedade. Em síntese, o depoente dá a idéia do que foi e é a sua vida, e do que ele mesmo é. Na História de Vida o objetivo é a história do personagem e as questões são

variadas"(LIMA, 1993:71), permitindo desta forma que a rádio Universidade fosse vista através dos olhos de cada um.

Já a limitação pelo fator memória com certeza se faz mais presente na História Oral. Mas como as informações não são coletadas de um só depoente e os dados podem ser checados, não só entre si (depoimento X depoimento) como também através de outras fontes (jornais, por exemplo), esse problema pode ser resolvido. No presente caso, para não haver erros de informação, os depoimentos foram comparados. Na verdade, quase não houve casos de informações contraditórias. Na análise da captação voltar-se-á a esse aspecto.

2.3. História Oral e História de Vida

Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente.(QUEIROZ, 1988:21)

No caso da História Oral, se o informante não disser nada a respeito de determinado aspecto do assunto tratado, o pesquisador pode tentar "avivar a memória" de seu interlocutor. Já na História de Vida a finalidade é sempre um personagem e o entrevistador não impõe os temas a serem abordados pelo entrevistado.

A história de vida trata do relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu." (QUEIROZ, 1988:20).

Através de uma narrativa linear e individual dos acontecimentos que considera significativos, o entrevistado delinea as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social e de sua sociedade. Em síntese, o depoente dá a idéia do que foi e é a sua vida, e do que ele mesmo é. Na História de Vida o objetivo é a história do personagem e as questões são

orientadas em função do percurso histórico do entrevistado. Já na História Oral o objetivo é obter a narração de uma experiência vivida ou observada pelo personagem.)

Narrar sua própria existência consiste numa autobiografia, e toda história de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nesta categoria tomada em sentido lato... Mesmo que o cientista social registre somente uma história de vida, seu objetivo é captar o grupo, a sociedade de que ela é parte; busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo. O biógrafo, mesmo que retrate a sociedade de que seu personagem participa, o faz com o intuito de compreender melhor a existência do biografado. (QUEIROZ, 1988:24)

Na coleta das Histórias de Vida a interferência do entrevistador é preferencialmente mínima, para deixar o entrevistado contar o que quiser a respeito de si mesmo, com os possíveis avanços e recuos que marcam as Histórias de Vida. Uma das diferenças básicas da História de Vida e do depoimento (termo utilizado por Queiroz e interpretado aqui como História Oral), está na forma específica de agir do pesquisador. No depoimento o pesquisador dirige o assunto. Na História Oral, da vida dos informantes só interessam os acontecimentos que dizem respeito ao assunto em pauta. Em caso de digressões, o entrevistador deve trazer o narrador de volta ao assunto. O encerramento do depoimento acontece assim que o entrevistador considere ter obtido o que deseja. Diferente da História de Vida, em que o narrador é quem decide o que vai narrar e quando deve encerrar seu relato.)

Na escolha de um ou outro método não está em jogo apenas a maneira de aplicá-los, mas também o que o pesquisador quer com os dados que pretende obter. Como no presente caso não interessava a vida toda dos entrevistados, mas sim um aspecto, ou seja, suas lembranças de acontecimentos significativos na rádio Universidade, optou-se por utilizar a História Oral.) Além

de ser um método que foge do oficialismo e do estático dos documentos, pretende-se provar que esse instrumento de coleta de dados pode ser utilizado no Jornalismo com sucesso, por vários motivos. A História Oral democratiza a informação, neste projeto experimental, através de depoimentos de várias pessoas que ocuparam cargos diferentes e que trabalharam em épocas distintas na rádio Universidade, e que, pressupõe-se, têm experiências diferentes a contar. Traz à tona a possibilidade de serem revelados e documentados, fatos novos que de outra forma não seriam relatados, na medida em que dá liberdade ao depoente de falar o que quiser sobre o assunto. Humaniza o relato, captando emoções que não seriam explicitadas através de outro método.

3. ANÁLISE

Na reportagem produzida o objetivo foi de que os entrevistados, através da História Oral, recompusessem fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade, recorrendo às experiências e à memória, permitindo dessa forma construir uma reportagem documental. Segundo SODRÉ E FERRARI, reportagem documental "é o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado." (1986:64) A intenção foi utilizar a História Oral para fugir do aspecto estático do documento escrito que permanece o mesmo através do tempo, para retratar através de depoimentos a história de uma instituição por quem a vivenciou e a vivencia.

3.1. Os Passos

O primeiro passo foi definir o tema específico sobre o qual seria feita uma reconstituição histórica. A escolha de se produzir uma reportagem documental da rádio Universidade foi devido ao fato de que a emissora tem grande importância para a história da Universidade Federal de Santa Maria, sendo a primeira emissora educativa do interior do Rio Grande do Sul. Além disso, pensou-se em colaborar com o arquivo histórico, registrando a memória da rádio nestes 27 anos de funcionamento. Segundo THOMPSON

A utilização da evidência oral rompe as barreiras entre os cronistas e seu público; entre a instituição educacional e o mundo exterior. Essa mudança brota da natureza essencialmente criativa e cooperativa do método da História Oral. (1992:28)

3. ANÁLISE

Na reportagem produzida o objetivo foi de que os entrevistados, através da História Oral, recompusessem fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade, recorrendo às experiências e à memória, permitindo dessa forma construir uma reportagem documental. Segundo SODRÉ E FERRARI, reportagem documental "é o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado." (1986:64) A intenção foi utilizar a História Oral para fugir do aspecto estático do documento escrito que permanece o mesmo através do tempo, para retratar através de depoimentos a história de uma instituição por quem a vivenciou e a vivencia.

3.1. Os Passos

O primeiro passo foi definir o tema específico sobre o qual seria feita uma reconstituição histórica. A escolha de se produzir uma reportagem documental da rádio Universidade foi devido ao fato de que a emissora tem grande importância para a história da Universidade Federal de Santa Maria, sendo a primeira emissora educativa do interior do Rio Grande do Sul. Além disso, pensou-se em colaborar com o arquivo histórico, registrando a memória da rádio nestes 27 anos de funcionamento. Segundo THOMPSON

A utilização da evidência oral rompe as barreiras entre os cronistas e seu público; entre a instituição educacional e o mundo exterior. Essa mudança brota da natureza essencialmente criativa e cooperativa do método da História Oral. (1992:28)

Ao atribuir um lugar central a pessoas de toda espécie, a história se beneficia enormemente. A História Oral implica numa ruptura da fronteira entre a instituição educacional e o mundo, entre o profissional e o público comum.

A partir da escolha do objeto sobre o qual se faria a reportagem, utilizando a História Oral, foi feita a escolha dos entrevistados. Conforme Haguette, na Sociologia:

A escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística. Embora a montagem do universo - listagem dos atores que poderão fornecer contribuições úteis ao desvelamento de certo tema - seja fundamental, sempre existem alguns personagens cuja contribuição é imprescindível, daí por que sua inclusão na lista de entrevistados é intencional. (1987:96)

Neste sentido procurou-se entrevistar as pessoas que trabalharam por mais tempo na rádio, as que fizeram parte da equipe fundadora da emissora e que, conseqüentemente, teriam coisas valiosas a contar. Algumas dessas entrevistas consideradas imprescindíveis foram de Antônio Abelim, Quintino Oliveira, Saulo Dalfollo, Nicola Garofallo, Áurea Fonseca e Maria Helena Mello. Antônio Abelim foi o diretor fundador da rádio Universidade e, mesmo morando atualmente no Rio de Janeiro, foi contactado; gravou e enviou uma fita com seu depoimento. Quintino Oliveira também fez parte da primeira equipe da rádio e já havia sido entrevistado em 1994, por ocasião da produção de uma reportagem sobre a rádio Universidade na disciplina de Teoria e Prática da Reportagem Impressa, ministrada pelo professor Paulo Roberto Araújo, mesmo professor orientador do projeto experimental em questão. Saulo Dalfollo e Nicola Garofallo fizeram parte da primeira equipe da rádio e trabalharam como diretores da emissora. Áurea Fonseca é a atual diretora da rádio, onde trabalha há 18 anos. Maria Helena Mello criou o programa infantil "Era Uma Vez", programa este que marcou a história da emissora. Ao todo foram 16 entrevistados. Por ocasião da

reportagem feita em 1994, já mencionada, foram entrevistados Áurea Fonseca, que já exercia o cargo de diretora da rádio na época, César Saccol, Norton César, Roberto Montagner, Sérgio Assis Brasil e Quintino Oliveira. Com exceção de Quintino, todos ainda são funcionários da emissora. Já este ano, para a produção exclusiva deste projeto, foram entrevistados Maria Helena Mello, Saulo Dalfollo, Antônio Schmitz, Nicola Garofallo, Ivone Dalcol, João Teixeira Porto, Áurea Fonseca, Gaspar Miotto, Adair Peruzzollo, Nedi Medeiros Lima e Antônio Abelim, que embora não tenha sido entrevistado pessoalmente, deu seu depoimento através da gravação em uma fita, o que, acredita-se, não desqualifica a entrevista como História Oral. As entrevistas feitas este ano foram basicamente com pessoas que não trabalham mais na emissora, com exceção de Ivone Dalcol e Nedi Medeiros Lima que ainda atuam na rádio, e Áurea Fonseca, que foi um depoimento chave para a atualização dos dados.

Os 17 depoimentos, 16 entrevistados, com a repetição de um depoente, resultaram em oito fitas transcritas para o papel, onde foi assinalado o mais importante em cada depoimento e então produzida a reportagem. Há que se considerar que ter feito uma reportagem sobre a rádio no ano passado colaborou para a produção do texto atual. As informações dadas nos depoimentos anteriores foram utilizadas e a linha central da reportagem continuou a mesma.

No que se refere ao tipo de entrevista, segundo HAGUETTE, pode ser do tipo biográfica ou temática.

Para o primeiro tipo incluir-se-ão os personagens que, ao longo de suas vidas, desempenharam um papel relevante, seja na política, na administração, nas artes, na economia, etc. Já aqueles cuja vinculação ao objeto da entrevista se limita a uma participação mais restrita como, por exemplo, o desempenho em um cargo de direção no DNOCS que o qualifique como depoente em uma entrevista sobre a seca no Nordeste etc. deverão fazer parte do bloco de entrevistas temáticas."(1987:97)

Sendo assim, os depoimentos neste trabalho fazem parte do tipo entrevista temática, pois o que nos importa nos entrevistados não é o fato de terem desempenhado um papel de destaque, mas sim de terem exercido funções na rádio por algum tempo, que os qualifica como depoentes, e que tenham coisas a contar. Entende-se que o primeiro tipo de entrevista é mais abrangente, e trata da história da pessoa, abordando-se o destaque que o entrevistado teve em determinado assunto. Nas entrevistas, a intenção foi deixar o depoente o mais livre possível para narrar suas lembranças, sem deixar, é claro, a entrevista seguir outro rumo que não dissesse respeito à história da rádio Universidade. No entanto, pode-se constatar que houve uma certa dificuldade pela parte dos entrevistados em falar livremente, sem interferências da entrevistadora. Os depoentes falavam um pouco e logo silenciavam na espera de que algo fosse perguntado.

Na História Oral os fatos não são contados apenas por fontes oficiais, e a reportagem deste projeto experimental não é baseada em documentos ou em apenas algumas entrevistas com pessoas de cargos importantes. A reportagem escrita foi produzida a partir de depoimentos de ex-diretores, locutores, produtores, funcionários de vários cargos e que trabalharam em várias épocas na emissora. Através do método de captação utilizado, a história se torna mais democrática, como afirma THOMPSON:

Constestando alguns dos pressupostos dos historiadores e julgamentos por eles aceitos; reconhecendo grupos importantes de pessoas que haviam estado ignoradas, dá-se início a um processo cumulativo de transformações. Amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção histórica; e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro, a história se torna mais democrática. (1992:28)

Procurou-se contactar com pessoas que trabalharam na rádio em várias funções e em épocas diferentes para que se pudesse contar a história da rádio Universidade desde sua fundação, sem deixar nenhum espaço vazio, isto é,

a intenção foi não deixar passar nenhum acontecimento importante. Na questão da checagem dos depoimentos, não houve muito problema. Os depoimentos sobre os mesmos aspectos não foram controversos a não ser algum esquecimento ou algum nome trocado, que foi confirmado ou corrigido por outros entrevistados, sendo que não atrapalhou a fidelidade da captação dos dados. Em caso de informações que o entrevistado não sabia responder, ou respondia sem certeza, com "acho que", "Talvez...", os dados não foram utilizados ou foram confirmados por outra fonte para serem utilizados na reportagem. Foi o caso do programa "Era Uma Vez", sobre o qual quase todos os entrevistados falaram. Os depoentes em sua maioria lembraram com saudades, como uma época agradável de um trabalho prazeroso, no qual quase todos os funcionários participavam (mais especificamente na época do radioteatro, que foi uma fase do programa). As informações dos depoentes levaram à criadora do programa, Maria Helena Mello, que ratificou e acrescentou dados aos já obtidos. A memória dos depoentes em geral não foi falha e o consenso das informações dadas pelos entrevistados facilitou o trabalho de coleta de dados. A cada entrevista a história da rádio ia se delineando mais claramente e as informações iam se repetindo. Assim, um depoimento confirmava a credibilidade do outro. Em relação às entrevistas, alguns entrevistados não precisaram que muitas perguntas fossem feitas, pois tinham facilidade para falar livremente, como é o objetivo desse método. Procurou-se fazer perguntas gerais para dar liberdade ao entrevistado, sem delimitar aspectos da rádio que interessassem mais à entrevistadora. A intenção não era direcionar a linha da entrevista, mas sim de ver onde a captação através da História Oral ia nos levar, deixando a história ser feita pelas palavras de quem a viveu. Assim, a reportagem foi um produto de um ponto de vista alternativo à documentação oficial.

A realidade é complexa e multifacetada, e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. (THOMPSON, 1992:25)

e ainda

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história...e na produção da história...pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (1992:25)

3.2. Caso a Caso, Todos os Casos.

O caráter singular de toda memória e a forma como esta sempre se reconstrói a partir do olhar do presente fazem cada entrevista ter um significado muito próprio. (MONTENEGRO, 1992:150)

Por acreditar neste pressuposto é que será feita uma análise descritiva de cada uma das dezesseis entrevistas realizadas através do método da História Oral para a produção da reportagem sobre a rádio Universidade. Acredita-se que, após a análise de cada entrevista, poder-se-á ver com mais clareza a que resultados a pesquisa levou.

Cabe, a princípio, colocar alguns dos pressupostos teóricos nos quais a entrevistadora se baseou para fazer as entrevistas. Antes mesmo de partir para a captação dos dados, foi feita uma revisão bibliográfica que permitiu a melhor compreensão sobre a História Oral e o aprendizado sobre como se faz uma entrevista através deste método.

Segundo MONTENEGRO as perguntas feitas ao entrevistado devem ter um caráter descritivo, evitando qualquer indução ou juízo de valor. As perguntas devem ser curtas para que não se perca o objetivo de resgate de memória. Muitas vezes, fatos e detalhes considerados de pouco significado

tornam-se importantes, abrindo novas perspectivas. O pesquisador deve interferir sempre que alguma passagem não parecer clara ou quando algum aspecto chame especial atenção. Um outro fator importante com que o entrevistador tem que aprender a lidar é com o silêncio. Os momentos de silêncio devem ser respeitados, pois muitas vezes antecedem a narrativa de lembranças e, dessa forma, o silêncio nada mais é do que sinal de introspecção.

objetivo da Para um melhor procedimento na análise das entrevistas, deter-se-á em dois aspectos fundamentais: o aspecto da interferência por parte da entrevistadora, se foi ou não preciso e o por quê; e o fator humanização/factualidade, pois um dos aspectos positivos do método da História Oral é a humanização do relato e o objetivo aqui será verificar se esse fator se comprovou na prática.

dos depoimentos Adair Caetano Peruzzolo - Peruzzolo foi um depoente que não precisou de muita interferência da entrevistadora. Conhecedor do método da História Oral, ele discorreu sobre o tempo em que foi diretor do Departamento de Divulgação com fluência. Com alguns detalhes e reflexões sobre os acontecimentos, Peruzzolo humanizou o relato.

lembranças Antônio Abelim - Como primeiro diretor da rádio Universidade, acredita-se que Abelim poderia ter dado um depoimento significativamente mais produtivo se a entrevistadora estivesse frente a frente com ele. Isso não foi possível já que Abelim mora atualmente no Rio de Janeiro e não tinha planos de vir a Santa Maria na época em que as entrevistas estavam previstas. Através de um telefonema foi feito um primeiro contato, no qual foi combinado que a entrevistadora escreveria uma carta dando detalhes do projeto em questão e colocando as perguntas centrais, os aspectos mais importantes sobre os quais se queria informações. A carta foi escrita e enviada, procurando-se deixar claro que o importante era Abelim dar seu depoimento sobre os aspectos que lhe viessem à

memória, baseado nas suas lembranças sobre a emissora. Mesmo assim, foi feito um breve roteiro de perguntas, como sobre a programação e audiência no período inicial do funcionamento da emissora. Na intenção de caracterizar o depoimento como História Oral, foi pedido ao entrevistado que o depoimento fosse gravado em uma fita cassete, o que foi feito no Rio de Janeiro e enviado a Santa Maria. No seu depoimento Abelim baseou-se nas perguntas feitas e isso foi contra o objetivo da História Oral de deixar o entrevistado falar livremente, baseado em sua memória. Por isso, acredita-se que o depoimento seria melhor se fosse realizado frente a frente com a entrevistadora, sem o pré-roteiro que foi feito.

entrevistado: Antônio Schmitz - Schmitz formou-se em Jornalismo e logo foi trabalhar no Departamento de Divulgação (DED), ao qual a rádio pertencia. Com a extinção do DED, Schmitz foi trabalhar na emissora na qual ficou por cerca de dois anos. Schmitz foi o único entrevistado que apresentou problemas em gravar a entrevista. Ligar o aparelho o intimidava. Intervenções foram feitas a todo momento para que o depoimento não encerrasse ali, na tentativa de que o entrevistado falasse algo mais. Mas nada parecia surtir efeito. Ao desligar o gravador o entrevistado ficava tranquilo e falava com mais fluência sobre suas lembranças. Então o gravador foi desligado e religado, deixando-o sobre o sofá, como se não estivesse ligado, embora o entrevistado soubesse que estava ligado. Procurou-se manter uma postura mais informal, na qual o entrevistado discorreu sobre sua vida, sua experiência com vídeo e fotografia. A partir daí Schmitz melhorou seu depoimento, mas não falou exclusivamente sobre a rádio, mas também sobre outras experiências profissionais. Um depoimento mais livre como esse, que não se restringiu a apenas um aspecto, como já foi registrado, caracteriza a História de Vida. Na intenção de deixar o entrevistado mais a vontade a entrevistadora fugiu um pouco das regras da História Oral, no qual

deve-se interferir quando o entrevistado tomar outro rumo que não seja o assunto em questão.

Áurea Evelise Fonseca - Foram feitas duas entrevistas com Áurea. Uma em 1994, por ocasião da produção da reportagem já citada e outra entrevista em 1995 para este projeto experimental, na intenção de atualizar alguns dados. A entrevistada, nos dois depoimentos, foi bastante factual, sem deixar de colocar suas impressões e dar detalhes sobre determinados aspectos em sua narrativa. Mostrou muita fluência, tendo facilidade para contar sobre suas lembranças e também sobre dados atuais, sem precisar de muita interferência por parte da entrevistadora.

fez parte de César Saccol - Saccol foi breve e extremamente factual em seu relato. Basicamente, contou sobre quando começou a trabalhar na emissora, sua gestão como diretor e a atual situação da emissora. Talvez a entrevistadora devesse ter feito mais perguntas para que mais informações fossem dadas.

Mesmo de Gaspar Bianor Miotto - Miotto foi diretor do Departamento de Divulgação, ao qual a rádio era subordinada. Em seu depoimento, sua memória foi boa, sua narrativa foi fluente, sem precisar fazer muitas perguntas para que a história fosse contada. Em alguns momentos de silêncio, quando a entrevistadora achava que o depoimento tinha acabado, o depoente recomeçava a falar. Eram os momentos de instrospecção, que antecedem a narrativa de novas lembranças, como já foi mencionado. Sua narrativa contou com alguns detalhes e algumas reflexões pessoais sobre os acontecimentos.

respeito da Ivone Dalcol - Na entrevista com Ivone houve bastante interferência por parte da entrevistadora. A própria Ivone afirmou que sempre costumou fazer o seu trabalho sem se envolver com o resto, e por esse motivo não lembrava de muita coisa. Quanto à emoções e recordações "o emocionante é que todo mundo

fundadora e passou por

trabalhava e ninguém se queixava." Em sua narração, Ivone colocou um pouco de suas impressões, não sendo demasiadamente factual.

primeira eq João Teixeira Porto - Porto já lutou na guerra, trabalhou em teatro, escrevia histórias e, imaginava-se, teria muitas histórias para contar. Porto falou sobre muitas coisas, sobre sua vida, suas experiências, sobre a rádio Universidade. Mas as lembranças se misturaram, e a história da rádio Universidade acabou ficando em meio a tantas outras lembranças. Como é regra da História Oral, a entrevistadora tentou durante a entrevista redirecionar o depoimento para a história da rádio, mas não deu muito resultado.

segunda eq Maria Helena Mello - Essa entrevistada foi uma das poucas que não fez parte da primeira equipe da rádio, mas que demonstrou emoção ao lembrar do tempo em que trabalhava e produzia o programa "Era Uma Vez". Aliás, este programa foi citado na maior parte dos depoimentos, e quando não citado, se as pessoas eram perguntadas a respeito, o programa era lembrado com carinho. Mesmo demonstrando fluência para contar sobre suas lembranças foi necessário interferência da entrevistadora para orientar no sentido de que tipo de informações se queria. Isso é perfeitamente adequado e não foge das regras do método utilizado.

época, tudo Nedi Medeiros Lima - Nedi demonstrou muito carinho por toda equipe, dizendo sentir-se em casa quando está na emissora. Nedi ouve rádio enquanto trabalha e não tem nenhum programa preferido, apenas diz gostar de música. Basicamente, a entrevistada colocou suas impressões e sentimentos a respeito da equipe da rádio, sem a narração de fatos marcantes que tenha lembrado.

imaginação Nicola Garofallo - O depoimento de Garofallo foi rico em informações. Em mais de 15 anos de trabalho na emissora, ele fez parte da equipe fundadora e passou pela direção da rádio. Quanto à emoção "trabalhar na rádio

Universidade, naquela época, em si só, já era muito gratificante". Garofallo contou sobre desde antes da rádio entrar no ar, passando pela composição da primeira equipe, dificuldades iniciais para a emissora entrar no ar, audiência e programação. Houve interferência por parte da entrevistadora, no sentido de saber sobre algum aspecto não citado pelo entrevistado.

algum aspecto Norton César - Com 21 anos de experiência na rádio Universidade, o entrevistado poderia ter falado mais. Pressupõe-se que um profissional com tantos anos no mesmo ramo teria mais a contar. As perguntas foram feitas a partir das próprias afirmativas do entrevistado, mas poucas informações foram dadas, sendo bastante factual. A entrevistadora falhou, pois deveria ter feito mais perguntas para que a entrevista se desenvolvesse.

com Quintino de Oliveira - Quintino concedeu uma entrevista, na qual não houve muita interferência por parte da entrevistadora. Isso se deve ao fato de que o entrevistado demonstrou facilidade para contar sobre suas lembranças, falando sobre desde antes da rádio entrar no ar, passando pela inauguração da emissora, a organização da programação, o objetivo da rádio Universidade, a situação da emissora perante a ditadura, programas específicos, problemas, a intenção de montar uma TV educativa e a audiência das rádios de Santa Maria na época, tudo isso sem nenhuma pergunta da entrevistadora, a não ser o pedido inicial de que Quintino falasse sobre suas lembranças, contando a história da rádio. Após toda essa explanação, foram feitas então algumas perguntas com a intenção de que o entrevistado se aprofundasse em alguns pontos, como o motivo do sucesso de audiência da emissora, as modificações editoriais, o motivo da mudança da rádio para o Campus e mais algumas lembranças do dia da inauguração da rádio. Quintino deu informações ricas sem que a entrevistadora precisasse interferir muito.

interessantes para ser

Mem Roberto Montagner - Bastante factual em suas lembranças, Montagner contou sobre quando entrou na emissora, em 1979, sobre suas metas e o que realizou quando foi diretor da rádio. Basicamente, foram dados sobre estes aspectos. O que mais marcou o entrevistado foram as metas cumpridas no período de sua administração. As interferências feitas foram no sentido de saber sobre algum aspecto não comentado pelo entrevistado.

em o caso Saulo Dalfollo - O depoimento de Dalfollo foi emocionado, colocando muito sentimento no que narrava, com detalhes em suas impressões. Ele lembrou com muito carinho do tempo em que a equipe era movida por um idealismo, que segundo ele, era colocado acima do profissionalismo. Frases como "a gente fazia tudo com muito amor", "Eu cheguei em muitas ocasiões às lágrimas com os textos que brotavam do coração", "era uma oficina de trabalho, era como se fosse um atelier do pintor, como um recanto de um poeta", deram ao depoimento uma riqueza muito grande em termos de emoção, que partiu de alguém que ficou pouco mais de 10 anos na rádio Universidade. Não foram precisas muitas intervenções para que brotasse do coração desse poeta lembranças de uma época que, em suas palavras, pareceu mágica.

bastante Sérgio Assis Brasil - Assis Brasil concedeu a entrevista num intervalo da gravação de um programa que ele produzia e apresentava na rádio Universidade em 1994. Foi uma entrevista breve, mas ele lembrou de dois momentos marcantes em sua trajetória na rádio. Um deles foi quando a emissora fez a cobertura do vestibular da UFSM com um helicóptero, transmitindo ao vivo a situação do trânsito e a movimentação na Universidade nos quatro dias de vestibular. Outra lembrança foi da época em que era produzido o programa "Era Uma Vez" em que Assis Brasil participou como ator. Apesar do pouco tempo que dispunha, Assis Brasil deu um depoimento curto mas com informações interessantes para serem utilizadas na reportagem.

Mesmo com os eventuais problemas que ocorreram e que prejudicaram alguns depoimentos, todas as entrevistas foram válidas à medida em que forneceram alguma informação importante para a produção da reportagem, com exceção de um entrevistado, que divagou sobre vários assuntos.

Alguns aspectos chamaram a atenção nas entrevistas, como casos de pessoas com muitos anos de rádio Universidade e que falaram 5 ou 10 minutos, ou o caso do entrevistado que tinha pouco tempo para falar mas que deu informações valiosas e outros que tinham mais tempo e que falaram menos, ou ainda pessoas que afirmaram não ter muito o que dizer, pois sempre fizeram o seu trabalho, sem se envolver muito com o resto. O que fazer nesses casos? Por que aconteceu isso? Bem, acredita-se que isso se deve a fatores idiossincráticos, isto é, "disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. Maneira de ver, sentir, reagir, próprio de cada pessoa."(AURÉLIO, 1986:914), que está entre os fatores colocados por HAGUETTE, que podem de alguma forma interferir na qualidade das entrevistas.(1987:89)

Quanto à emoção que se pretendia captar, esse foi um aspecto bastante frustrante. Poucos entrevistados demonstraram saudades ou revelaram recordações emocionadas. De todos os entrevistados, três pessoas que fazem parte do círculo de pessoas mais velhas que deram seus depoimentos, foram as que falaram mais, com menos interferência e colocando mais emoção em seus depoimentos. Esses três entrevistados fizeram parte da equipe fundadora da rádio e talvez esse seja um fator que tenha colaborado com a boa entrevista. Os primeiros anos da emissora parecem ter sido os mais gratificantes e de maior entusiasmo, ou talvez seja uma tendência natural das pessoas mais velhas relembrar o passado como se fosse o melhor de suas vidas. Muitas vezes, no desenvolvimento de um trabalho de resgate de memória pressupõe-se que todas

as pessoas idosas são contadoras de histórias exemplares. No entanto, esta é uma capacidade que alguns têm bastante desenvolvida e outros não. Segundo MONTENEGRO:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência, ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. Na associação dessas duas ordens de fatores (a descritiva e a imaginária) descobrem-se as condições básicas de um narrador. (1992:152)

Os entrevistados mais jovens e que não fizeram parte da primeira equipe, de modo geral, foram mais factuais em seus depoimentos. O que pode ser constatado é que a emoção foi decrescendo à medida em que eram entrevistadas pessoas que trabalham ou trabalharam na emissora mais recentemente. Isso talvez se deva, em parte, ao contexto das emissoras de Santa Maria, que mudou muito se comparado ao tempo de fundação da rádio Universidade. Hoje há mais competição, a emissora não conta com fatores que existiam na inauguração e em seus primeiros anos de existência, como o fator novidade, o pioneirismo na cobertura de alguns eventos e a não existência de FMs na região.

Outro fator observado nos entrevistados, foi a necessidade de interferência da entrevistadora para que os depoimentos se prolongassem mais e assim fossem colhidas mais informações. Mesmo tendo explicado em todas as entrevistas que seria utilizado o método da História Oral, que se baseia em depoimentos livres, onde o entrevistado fala sobre tudo que lhe vem à memória sobre determinado assunto, as pessoas tiveram dificuldade em se expressar ou em saber o que dizer. Na bibliografia consultada esse problema não é abordado,

apenas existe a regra de deixar o entrevistado falar sobre suas lembranças, interferindo em caso de divagações, para trazer o entrevistado de volta ao assunto; para saber mais sobre determinado aspecto ou ainda quando algo não parecer claro. Portanto, é difícil explicar o que aconteceu. Uma hipótese é que as pessoas não estão acostumadas a falar sobre um assunto sem haver um certo direcionamento, um roteiro para seguirem. A entrevista baseada em pergunta-resposta parece ser mais cômoda ao entrevistado, que se limita a falar sobre aspectos sobre os quais é questionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, além da Universidade A História Oral mostrou ser eficaz como um novo método de captação para a produção de uma reportagem. Foi possível reconstruir a história da rádio Universidade baseando-se em depoimentos das pessoas que trabalharam ou trabalham na emissora. Os aspectos mais importantes deste tipo de captação de dados é que ele possibilita uma maior liberdade e, conseqüentemente, uma maior humanização no relato, ouvindo vozes que não são freqüentemente ouvidas na apuração de uma reportagem.

Espera-se que esse projeto experimental seja como um embrião para novos e mais aprofundados estudos sobre a História Oral. Tudo na intenção de qualificar o método de captação no Jornalismo.

Fica aqui a sugestão para a Faculdade de Comunicação Social, que invista mais, através de seus professores da habilitação em Jornalismo, na produção de textos mais trabalhados, como também no desenvolvimento e estudo de novos métodos de captação. A técnica jornalística tem que abrir espaço para o ensinamento mais humanizado. Fazer jornalismo não é só saber como se faz uma pirâmide invertida ou saber as perguntas do lide: quem? o quê? quando? onde? como? e por quê? Fazer jornalismo é, antes de mais nada, ter um compromisso social e ético, procurando trabalhar a técnica em função das pessoas e lutando contra o tempo para fazer um trabalho criativo.

Foi na intenção de colaborar com uma proposta diferenciada, em que o ser humano é colocado como ponto de partida, que foi desenvolvido este projeto experimental.

Foi alcançado o que se pretendia. A intenção não foi de mostrar um método melhor do que os outros, pois para isso teríamos que nos aprofundar mais na discussão, mas sim propor uma forma eficiente de captar dados, que tem

algumas características diferenciadas dos outros métodos, que a valorizam.

Agora, além dos documentos já existentes, o arquivo da rádio Universidade passa a contar com depoimentos gravados de pessoas que fizeram a história ser como é, além de contar com a reportagem produzida, que foi construída fugindo dos padrões tradicionais de captação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BARBIZAZ, Silvio. Universidade registra lembranças do passado. **ZERO HORA**. Porto Alegre, 4 setembro 95: p. 46.
2. DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral in. CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
3. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M., Editores, Ltda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
4. FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual geral da redação**. 2ª ed. São Paulo: 1987.
5. O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. 20ª ed. org. e editado por Luiz Garcia. São Paulo: Globo, 1994.
6. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
7. KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.
8. LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**, São Paulo: UNICAMP, 1993.
9. MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.
10. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível" in. VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
11. RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.
12. SILVEIRA, Ada Cristina Machado. **Projetos experimentais: caderno didático**. Santa Maria: FACOS, 1995.

13. SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.
14. _____. **Técnica de redação: o texto nos meios de informação.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
15. THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
16. TOLAZZI, Raquel. **História oral como técnica de captação de dados na reportagem histórica.** Projeto Experimental de Conclusão de Curso. Santa Maria: UFSM, FACOS, 1994.

ÍNDICE I

RÁDIO UNIVERSIDADE
UMA HISTÓRIA

Introdução

1. O rádio

pré-dit

autor

A. W.

APÊNDICE I

P
me
se tr
e há
um ma
muito poq

CM

E po

nova emissora de rádio

rádio

RÁDIO UNIVERSIDADE UMA HISTÓRIA

Quinta-feira. Uma tarde quente do ano de 1982. O décimo andar do prédio da Reitoria estava repleto de pessoas. Entre os presentes, várias autoridades e representantes dos meios de comunicação social de Santa Maria. Além, é claro, da comunidade universitária, ansiosa por conhecer as instalações da Rádio Universidade, que inaugurava uma nova fase em sua história. "Era um dia de visitação e de portas abertas", relembra Áurea Fonseca, atual diretora da rádio e que trabalha na emissora desde 1977.

Esta transferência parece ter sido um fato um pouco polêmico. "Muitas pessoas até hoje não entenderam o que veio fazer a Rádio Universidade aqui no Campus, sendo que a proposta inicial e o objetivo maior seria de estar em contato permanente com a comunidade de Santa Maria e a Universidade, evidentemente", é o que afirma Norton César, locutor e produtor de programas e que trabalha na rádio há mais de vinte anos. Já Quintino Oliveira - que fez parte da equipe fundadora da rádio em 1968, como Coordenador Artístico Cultural - acha que isso trouxe vantagens e desvantagens, criando dificuldades principalmente por restringir o campo de trabalho da rádio. Mas vários foram os motivos que levaram a essa transferência. O Curso de Comunicação Social estava se transferindo para o Campus, a Administração Central também se localizava lá, e há comentários de que a Reitoria pretendia aproximar a emissora de si para ter um maior acesso a ela. Além disso, o espaço físico das antigas instalações era muito pequeno.

UM OUTONO DIFERENTE

E por falar em antigas instalações, foi no outono de 1968, que a nova emissora de rádio surgiu para esquentar o clima santa-mariense. Era a Rádio

Universidade, que nasceu oficialmente em 27 de maio de 1968, sob a direção do professor Antônio Abelim, no prédio da antiga reitoria, onde permaneceu por 14 anos, até se transferir para o prédio da Administração, no Campus, onde está até hoje. Quintino conta que as primeiras instalações da emissora, em sua inauguração, eram precárias. "O professor Antônio Abelim havia viajado, quando o Dr. Mariano da Rocha marcou a data para inauguração. Nós não tínhamos móveis e a rádio funcionava no terraço do prédio da antiga reitoria. O engenheiro Wilson Aita havia feito um projeto, e construiu-se uma casinha lá, onde funcionava a rádio. Mas nós não tínhamos nem gravadores profissionais. Era um corre-corre, às vésperas da inauguração nós ainda estávamos conseguindo algumas coisas por empréstimo em algumas lojas. Conseguimos gravadores com os Irmãos Ugalde, um terno de sala com a antiga Central de Máquinas, e uma série de coisas de última hora, que era para poder mostrar a rádio, que era pequenininha e onde nós íamos receber autoridades".

"A Rádio Universidade surgiu em Santa Maria por iniciativa do reitor José Mariano da Rocha Filho, atendendo a uma solicitação dos profissionais de imprensa de Santa Maria que, em uma festa de final de ano, solicitaram ao reitor que tomasse a iniciativa de fundação da rádio", lembra o primeiro diretor da Rádio Universidade, Antônio Abelim, que foi encarregado pelo Reitor de organizar a primeira emissora educativa do interior do estado.

A inauguração foi meio que internacional, recorda Saulo Dalfollo - que participou da equipe fundadora da rádio e, posteriormente, foi um dos diretores. A bênção inicial foi dada de Roma pelo Bispo de Santa Maria Dom Antônio Reis. Antônio Abelim, que também estava viajando, mandou uma mensagem. A visitação foi intensa. Foi colocada sonorização em algumas lojas, no período em que a rádio funcionava experimentalmente, e dessa maneira foi

divulgada a inauguração da emissora e feito o convite para que as pessoas participassem.

Garofallo, e Mesmo sendo uma emissora educativa, a Rádio Universidade não deixou de sentir, mesmo que muito pouco, o reflexo da censura que imperava no Brasil. A programação da rádio, a princípio, não contava com assuntos polêmicos e que pudessem vir a ser vetados. Mas Nicola Garofallo - que participou da equipe fundadora da emissora como repórter e chegou a ser diretor da rádio - lembra de fatos isolados, como "quando a rádio começou a falar muito em ecologia e houve um mal entendido, porque quando se fala em ecologia é sempre uma linguagem mais contundente para poder mexer com as pessoas, e isso aí foi mal interpretado, foi interpretado como assunto proibido". Mas não passou de um comentário e a emissora deu prosseguimento a sua programação sem maiores intervenções.

A CONQUISTA AO OUVINTE

E a Rádio Universidade foi, durante alguns anos, a primeira em audiência, entre as cinco emissoras existentes na época, segundo Quintino. Entre os motivos que levaram a emissora a essa colocação tinha o fator novidade, pois "qualquer emissora que abre tem um período inicial muito bom", comenta Quintino. Outro fator importante é que a emissora surgia dentro de uma Universidade que estava muito integrada à comunidade e que era o assunto do momento. Além disso, o número de emissoras era pequeno e o equipamento era novo e de ótima qualidade, transmitindo um som "limpo", com uma programação variada, que contava, além de outras coisas, com músicas de todos os gêneros. Já Garofallo conta que as rádios comerciais de Santa Maria contratavam a pesquisa do IBOPE para ver a quantas andava a audiência dos veículos. No entanto, como a Rádio Universidade não tinha faturamento, ela não participava da pesquisa e a

equipe da rádio não tinha uma idéia exata da audiência. Mas um dia uma planilha com os números de todas as rádios de Santa Maria acabou por cair nas mãos de Garofallo, e o que pode ser constatado foi que "os números da Rádio Universidade eram ótimos, justamente num momento em que afloraram muitas críticas....Com esse documento oficial do IBOPE nós desmanchamos muitos mal entendidos dentro da própria Rádio Universidade", lembra ele.

1985 **relembra** A idéia inicial era de uma divisão de imprensa, rádio e TV Educativa. Na realidade a Universidade chegou a ter mais tarde um canal de televisão, que terminou se transformando na TV Imembuí, hoje RBS TV.

1985 **relembra** Mas, afinal, o sonho idealizado pelo professor Mariano da Rocha estava se realizando. Segundo Abelim, "a Rádio serviu, em grande parte, para o desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Maria. A sua presença nas programações, nos eventos, foi de extraordinária importância para a divulgação dos trabalhos da Universidade".

relembra A iniciativa de implantar uma emissora de rádio na Universidade tinha por objetivo principal desenvolver educação e cultura através de sua programação. E através de um convênio com a Fundação Educacional Padre Landel de Moura - FEPLAM -, que já produzia na época programas de rádio educativo em várias emissoras de Porto Alegre, entrou em cena o projeto "Escola no Ar". Com mais de 50 telepostos distribuídos pela cidade, o projeto previa o ensino de primeiro grau. Todas as noites as pessoas interessadas se reuniam nos telepostos, onde haviam monitores treinados, que davam orientações. As aulas eram ouvidas pelo rádio e acompanhadas através de apostilas. No entanto, depois de algum tempo, as dificuldades acabaram por superar as possibilidades de continuação do programa. Os monitores eram voluntários e muitos desistiam. Os alunos, por sua vez, também, em grande parte, acabavam desistindo, por trabalhar durante o dia e já estarem muito cansados quando chegava a noite. Mas este

projeto é apenas uma amostra do que a rádio vem desenvolvendo ao longo destes 27 anos de existência.

Na década de 80, quando o professor Armando Valandro cumpria seu mandato como reitor, foi criado o Departamento de Divulgação da UFSM, que incluía a gráfica da Universidade, a editora, o setor fotográfico, a própria Assessoria de Imprensa e a Rádio Universidade. Passaram pelo DED, como era assim chamado o Departamento, três diretores, sendo que o primeiro foi Luiz Fernando Vinadé, depois Gaspar Miotto e o último diretor, antes do Departamento ser extinto, foi Adair Peruzollo. Gaspar lembra que por volta de 1985 "a rádio tinha um bom conceito na comunidade, algumas pesquisas feitas na época mostravam que, em alguns horários, ela chegava a ser a mais ouvida na cidade." Foi então que Roberto Montagner assumiu a direção da rádio e foi implementado um convênio com o Sistema Nacional de Radiofusão Educativa(SINRED). Montagner, que trabalha na rádio desde novembro de 1979, relembra com orgulho esta fase: "naquele tempo, as emissoras ligadas a este sistema produziam e apresentavam programas que eram veiculados em todo o Brasil, na grade do antigo projeto Minerva, que hoje está extinto". A Rádio Universidade tinha a responsabilidade de produzir determinado número de programas, sobre certos assuntos, envolvendo música, cultura, história, e havia um intercâmbio cultural com produções de todo o Brasil. Programas sobre as Missões, sobre a região paleontológica de Mata, sobre o Castelo de Pedras Altas da família Assis Brasil, são alguns exemplos de programas veiculados nas emissoras educativas de todo o país, através do Sistema Nacional de Radiofusão. Entretanto, este processo foi desativado no governo Collor. Mas em 1994, em uma reunião no Rio de Janeiro, surgiu a possibilidade da reimplantação do SINRED nas rádios universitárias do país. E a Rádio Universidade pode então participar deste processo de renovação da rádio educativa. Mas por todos os

entraves burocráticos, a parte operacional da programação em convênio com o SINRED ainda não se consolidou. A parte técnica está pronta, com uma parabólica instalada aguardando a programação para ser transmitida. Mas a grade de programas que deve entrar em rede ainda não foi completamente definida. É esperada para logo alguma novidade ou até uma definição para a total reimplantação do Sistema. Quanto ao Departamento de Divulgação, também foi desativado, durando apenas 5 anos, de 1982 a 1987. Hoje, a rádio é subordinada à Pró-Reitoria de Extensão. Adair conta que começou a haver um desmembramento, com o objetivo de formar uma assessoria de divulgação em cada centro da Universidade, e isso causou alguns atritos com as pró-reitorias, podendo ter colaborado para a idéia de extinção do Departamento. Mas Adair vê hoje a possibilidade do retorno do DED, e acredita que dentro de um ou dois anos a Universidade vai fazer algo para remontar as atividades que, segundo ele, foram perdidas na sua dissolução.

Colônia

tem seu esp

AMANHECE

E um novo dia, de muito trabalho, começa na Rádio Universidade. A programação da rádio segue a fórmula: manhãs informativas, tardes com música e informação e noites musicais.

diferenciada. De segunda a sexta, logo cedo, às 7:35 da manhã, a programação produzida pela emissora começa com o "Campus da Gente", um programa que sempre traz um entrevistado por dia, convidado a falar sobre sua área de atuação dentro da Universidade.

convênio há. Ao longo da manhã, o programa "Redação Aberta" se encarrega de dar as mais diversas informações ao ouvinte. Com notícias, entrevistas, comentários sobre o cinema e informações meteorológicas. O programa é apresentado por Cândido Otto da Luz e César Saccol.

santa

Maria A. P. A emissora também abre espaço em sua programação para dar a palavra ao Sindicato dos Servidores e ao Sindicato dos Professores da UFSM.

Luiza T. N. Também professores e colaboradores em geral produzem e apresentam programas em suas respectivas áreas. Um exemplo é o "Antes Que a Natureza Morra", que é um programa sobre ecologia, produzido e apresentado pelo professor James Pizarro, do Centro de Ciências Naturais e Exatas. Outro programa, que é um dos mais antigos da emissora, é o "Panorama Agropecuário", que está há 24 anos no ar, e é apresentado pelo professor Paulo Muceneck do Centro de Ciências Rurais.

coberta A Faculdade de Comunicação Social não poderia deixar de ter seu espaço na programação da rádio, apresentando e produzindo semanalmente o "Ciência no Ar", o "Rádio Ativo" e o "Repórter do Campus". Fazendo parte do projeto Quarta Colônia, a Faculdade também produz os programas mensais "Filó Radiofônico", que divulga o Projeto Quarta Colônia da UFSM, e "Parla Quarta Colônia", que é um programa que resgata a cultura italiana. E nos sábados o DCE tem seu espaço reservado, na apresentação do "Conexão DCE".

rádio p Além de toda esta programação jornalística, a emissora produz programas com todos os gêneros da música. "Em Nome da Música", com Sérgio Assis Brasil, que trabalha na emissora desde 1974, apresenta uma proposta diferenciada, dando destaque ao Jazz. "Roteiro", com Roberto Montagner, apresenta músicas nacionais e internacionais, além de divulgar informações culturais e transmitir reportagens internacionais, vindas da Deutsche Welle, a emissora internacional da Alemanha, com quem a Rádio Universidade tem convênio há muito tempo.

Rádio Univ Em termos de programas nativistas, Norton César produzia e apresentava o programa "O Canto do Gaúcho", que ficou no ar por mais de 20 anos e foi o primeiro programa nativista a ser produzido e apresentado em Santa

Maria. A princípio, o programa era chamado "Querência Xucra" e tinha a produção e apresentação de José Figueiredo Vasser, quando foi premiado com o troféu "Negrinho do Pastoreio", premiação estadual instituída pela Fundação Padre Landel de Moura. Norton César conta que a Rádio Universidade é pioneira no trabalho de cobertura de eventos musicais, como a Califórnia da Canção. A emissora é a única, talvez, do Rio Grande do Sul, fora de Uruguaiana, que acompanhou a Califórnia desde sua primeira edição. Outro momento na área do nativismo, lembrado por Ivone Dalcol, que trabalha na rádio desde 1978, é a cobertura da Primeira Coxilha de Cruz Alta, por volta de 1980. Foi a primeira cobertura de Festival, além da Califórnia, que por muitos anos foi transmitida. Mas atualmente, o programa nativista que existe na Rádio é o "Canto Livre", que vai ao ar aos sábados e domingos. Este programa é recente e surgiu em substituição aos dois programas nativistas que iam ao ar nos finais de semana.

RECORDAÇÕES E POSSIBILIDADES FUTURAS

Lembranças povoam as mentes de quem trabalha ou trabalhou na rádio por muito tempo. A época do radioteatro é carinhosamente lembrada. O programa infantil "Era Uma Vez" tinha à frente Maria Helena Mello e João Teixeira Porto, que criava histórias em torno de um personagem, o "Sapinho Hortêncio". "Porto produzia tudo e já definia os papéis, dando as dicas de interpretação. Saía produções lindíssimas", recorda Áurea. Os atores eram da própria equipe da rádio e o programa tinha por objetivo desenvolver uma consciência ecológica nas crianças.

A criadora do programa, Maria Helena, começou sua carreira na Rádio Universidade em 1974 e o seu primeiro trabalho foi o programa infantil "Era Uma Vez", que ela afirma ter sido o trabalho que mais marcou sua trajetória na emissora. "A duração era de uma hora, aos domingos e, dentro deste

programa, eu procurava levar as historinhas que as crianças gostam, as músicas infantis, mas, acima de tudo, transmitir cultura...", lembra ela. O programa começou com historinhas contadas, e foi evoluindo, até chegar ao radioteatro. "Eu trabalhava muito em cima de pesquisa, redigia os textos e levava ao ar. Com o passar do tempo foi se aprimorando e mais recentemente a gente teve radioteatro, através de histórias criadas pelo João Teixeira Porto", conta Maria Helena. Mas o programa chegou ao fim, com a aposentadoria de Maria Helena, após vinte e um anos de trabalho na Rádio Universidade. Quem também lembra desta época é Sérgio Assis Brasil: "Eram historinhas infantis, dirigido especificamente ao público infantil, mas que os adultos também assistiam".

Outro momento lembrado por ele é o de uma transmissão do vestibular em que um helicóptero sobrevoava o Campus. "Na época, isso lá por 76, era uma inovação. Um helicóptero sobrevoava o Campus, dava flashes lá de cima contando sobre a movimentação e o trânsito".

Mas o entusiasmo e a união da equipe talvez seja o fato mais marcante nas recordações de quem trabalhou na emissora nos primeiros anos. Garofallo recorda: "eu acho que todo o trabalho lá na rádio era feito com muito entusiasmo por parte de todos, realmente era uma equipe muito boa, uma equipe entusiasmada com o que estava fazendo, justamente pela rádio ter aquelas características, abrir espaços. Sempre se fazia uma festa na data de aniversário da rádio, era uma coisa muito badalada, importante. Cada ano era muito comemorado".

Pinto, Paulo - E por falar em "abrir espaços", Saulo Dalfollo - que fez parte da equipe fundadora da rádio - relembra emocionado que chegou muitas vezes às lágrimas com textos como um poema sobre Santa Maria, escrito por João Teixeira Porto, "era uma oficina de trabalho, era como se fosse um atelier de pintor, como um recanto de um poeta...a rádio era um lugar onde se podia criar, exercitar a

criatividade, isso é a coisa mais linda que se tem...". O idealismo acima do profissionalismo, jornadas de trabalho que se transformavam de oito horas diárias a dezessete horas, muito amor, recordações de um homem que começou a trabalhar na rádio meses antes dela vir a funcionar, que conta suas lembranças deixando visível o amor pelo que fazia.

Mas lembranças não muito boas também estão presentes. No cinzeno 31 de maio de 1994, um acontecimento pegou a todos de surpresa. O terreno onde estava instalado o parque de transmissões da emissora cedeu e a torre foi ao chão. Resultado: a rádio saiu do ar. A queda da torre aconteceu por problemas que foram ao longo dos anos se acumulando, problemas de ordem técnica, de engenharia, de erosão do terreno. E um dia, sem o menor aviso, a rádio saiu fora do ar. Foram estudadas soluções, não só para a questão da torre, mas para outras questões que vinham se acumulando, como o problema do transmissor principal que está desativado já há três anos por sucateamento. Era chegada a hora certa de avaliar possibilidades de renovações e melhorias. Com a queda da torre, que estava instalada num terreno que não pertence à Universidade, surgiu a possibilidade de construção de outra em um terreno da Universidade. Com o problema que surgiu outra possibilidade era a transformação da emissora em FM. Há uma reserva de canal FM Educativo em Santa Maria, e a prioridade é da Rádio Universidade. Foram feitos dois estudos completos, com o orçamento de cada um e apresentados à Administração Central, que também foi buscar orientação em Brasília, inclusive da Fundação Roquete Pinto, para que fosse definido realmente qual era a melhor solução. E a decisão final foi da rádio continuar a ser transmitida em AM, pois, além do alcance ser maior do que em FM, se a Universidade abrisse uma emissora em uma nova frequência, deixaria de transmitir na frequência antiga e perderia a concessão para AM.

Depois de todos os trâmites legais, começou a construção do novo parque de transmissões, que foi implantado em uma área do Campus da UFSM. A emissora ficou no ar com instalações transmissoras provisórias por mais de um ano, pois, por trás de todos os problemas há toda uma burocracia, que foi cumprida e que acabou prolongando a solução. Apesar de tudo, Áurea conta que o mais gratificante é que nesse período crítico de qualidade de transmissão a equipe conseguiu renovar e qualificar a programação, cumprindo uma função social que superou a expectativa inicial. Mas a torre e a casa de transmissores, que abriga os equipamentos, já foram construídas e a emissora já está no ar, funcionando ainda com um alcance pequeno de 1 Kw, mas com uma boa qualidade de som.

Agora é ouvir e aplaudir a chegada da Primavera que conseguiu resolver os problemas de um outono cinzento.

OBS: Esta reportagem foi produzida a partir de depoimentos de Adair Caetano Peruzollo, Antônio Abelim, Antônio Schmitz, Áurea Evelise Fonseca, César Saccol, Gaspar Bianor Miotto, Ivone Dalcol, João Teixeira Porto, Maria Helena Mello, Nedi Medeiros Lima, Nicola Garofallo, Norton César, Quintino Oliveira, Roberto Montagner, Saulo Dalfollo e Sérgio Assis Brasil.

Entrevistado: Adair Caetano Peruzzolo
Data: outubro/95

Eu vou tentar lembrar a experiência por que passei quando assumi, em dezembro de 1985, a direção do hoje extinto Departamento de Divulgação da Universidade. O Departamento de Divulgação juntava, como atividades coordenadas pelo diretor, as atividades da gráfica, as atividades de relações públicas, a distribuição de notícias e...tipo informação...não a assessoria do Gabinete, mas a assessoria da Universidade, de imprensa da Universidade e o complexo da rádio Universidade. Neste depoimento vou ater-me mais exclusivamente às atividades desenvolvidas na rádio, as relações que tinha com respeito aos trabalhos desenvolvidos pela rádio da Universidade. O Departamento de Divulgação situava-se exatamente dentro do ambiente da rádio. A sala ocupada era uma sala dentro do interior da rádio. A estrutura atual da rádio Universidade, nas suas diferentes salas, foi exatamente uma das primeiras atividades desenvolvidas pelo Departamento de Divulgação, no ano de 1986, de reestruturação da rádio. O diretor do departamento indicava o diretor da rádio, como indicava o diretor da gráfica e como indicava o responsável pelas relações públicas e também gerenciava as atividades de assessoria de imprensa da Universidade, não as do Gabinete, com exceção das do Gabinete. Indicando o diretor da rádio, restava ao diretor do Departamento, digamos assim, toda a supervisão, decisão dos mais altos níveis, daquilo que se fazia na rádio. Bom, a rádio, além do seu diretor, tinha mais o conjunto dos locutores, como tem hoje, dos noticiaristas, das pessoas que trabalhavam com composição de informação. Um dos primeiros trabalhos que nós fizemos foi tentar introduzir a rádio num certo esquema, hoje bastante divulgado, de músicas ambientais. E foi no nosso trabalho que nós abrimos a rádio Universidade à programações feitas por grupos da Universidade, não pelos alunos, porque exatamente a justificativa da criação da rádio junto ao MEC foi que ela serviria ao curso de Comunicação Social; uma meia verdade, porque a rádio nunca serviu exatamente ao curso de Comunicação Social. Mas, nós abrimos uma vasta gama de programas desenvolvidos por alunos e na época havia alguns professores muito interessados em produzir programas. Eu lembro muito bem de alguns deles, o professor Quintino de Oliveira, o Paulo Araujo, que ainda hoje continua, o próprio professor Gaspar Miotto, que hoje está muito no jornalismo, produzir programas junto com equipes de alunos e que eram veiculados pela rádio Universidade.

...chegou uma pessoa e o depoimento foi interrompido....

Como eu dizia, nós estávamos organizando programas que estivessem relacionados com as atividades comunitárias, porque até então, não exclusivamente, mas de um modo geral, também não por questões dos diretores do DED, mas era uma idéia geral da Universidade, todo mundo pensava que devia ser assim, inclusive impunha que fosse assim, a Universidade girava em torno de músicas clássicas, música brasileira, mas não aquela do momento, mas aquela música tradicional, MPB, tipo assim. E nós começamos a introduzir assuntos de ordem comunitária. Inclusive um grupo de professores do Centro de

Artes e Letras tinha o seu próprio programa montado na rádio Universidade e havia um grupo de professores que estava tentando montar, um grupo de música clássica, com explicações, etc., que não chegou a ir ao ar, porque nas discussões que começaram a ser promovidas em torno da liberação da rádio à comunidade universitária, à comunidade social e à comunidade dos estudantes começaram a criar alguns problemas, inclusive porque o diretório acadêmico passou a ter o seu programa exclusivo na Universidade e os diretores do diretório acadêmico, esse conjunto, criticava demasiadamente as posições do reitor, de alguns pró-reitores, da pró-reitoria, o que começou a pesar negativamente nessa abertura. Então, houve uma relativa pressão de grupos de professores e de funcionários em cima dessa liberação da rádio para outros trabalharem. Mas a gente conseguiu contornar de certa forma, nós falamos com os estudantes algumas vezes, embora eles achassem que era anti-democrático, etc., mas alguns programas passaram a ter, vamos dizer, relativo controle dos próprios produtores. O que eu lembro ainda que nós passamos a incentivar foi programas de cunho ecológico, voltamos a retomar um convênio com a Alemanha pelo qual nos mandavam programas e, pelo que eu sei, ainda hoje essas fitas...chegavam, aliás, pelo que eu sei, até poucos dias chegavam, agora o convênio foi rompido, e, desse programa, o James Pizarro que tinha uma hora de programa "Antes Que A Natureza Morra", passou a produzir duas horas semanais de programa. Esse programa inclusive chegou a ser oferecido e veiculou em algumas rádios do próprio país numa espécie de convênio que eu não sei quanto durou. Em 87 quando eu me afastei para doutoramento, eu sei que alguns problemas foram colocados e foi quando o Departamento de Divulgação por uma opção do Conselho Universitário, sei lá quem, passou a ser, digamos assim, foi repartido, para pró-reitorias. Inclusive com algumas sugestões minhas a quem deviam pertencer, mas não...eu não estava exatamente de acordo naquela época em que se repartisse o Departamento de Divulgação. A intenção era inclusive de tentar organizá-lo oficialmente, fazer com que o Conselho Universitário aceitasse como um elemento da própria Universidade, porquanto ele existia, mas não tinha lugar na estrutura da Universidade. Bom, ainda em termos de rádio, eu lembro que nós levamos adiante e conseguimos aprovar no Conselho Universitário a introdução de publicidades pagas na rádio. Só que foi impossível poder introduzir uma delas na rádio Universidade, por oposição de uma série de pessoas, "porque isso não condiz com uma Universidade pública, porque não se pode fazer isso, é gratuito e é tal", e a rádio Universidade sempre teve problemas de verbas para seus discos, a renovação de suas músicas, para a introdução de programas, sempre passou por grandes questões. Inclusive o problema mais angustiante da época era a torre da rádio que terminou tendo problemas homéricos agora, esse ano, e tem nova torre. Mas a pró-reitoria de administração da época que era...hoje é o atual vice-reitor, o Adalberto, aceitou contratar um serviço de terceiros pela primeira vez na rádio, tinha um serviço de um engenheiro em eletricidade, uma firma que cuidava da rádio e dos problemas da própria rádio, contratados por preços mensais. Até aquela altura, sempre era um engenheiro da tecnologia, da eletricidade, da nossa Universidade. Mas alguns problemas existiam, como também continuam

existindo, alguns problemas com serviços de terceiros, nós tivemos a garantia de manter a rádio no ar de uma forma melhor, porquanto o serviço de terceiros previa a manutenção da rádio no ar durante as 16, 18 horas, não recordei exatamente, que a rádio Universidade funcionava. E o Contreiras, que havia assumido isso, manteve a palavra dele e deixou a rádio sempre em funcionamento. Naquele ano ainda, a pedido do reitor, o professor Benetti, nós estruturamos um plano e fizemos um projeto de ampliação da rádio para 50Kw, ondas médias, deveria atingir até o Paraná, e depois nós tivemos alguns problemas de deslanche do projeto junto ao MEC e quando eu saí não foi além do que a tentativa de compra dos transmissores, que não conseguimos. Eu sei que no ano que nós estivemos, trocamos alguns aparelhos, principalmente a mesa de som, nós trocamos toda ela, mas sempre com dificuldades. O diretor da rádio, em termos de função, o diretor da rádio cuidava do funcionamento interno da rádio. O diretor do Departamento tinha que se ater a todos os compromissos relativos a situações financeiras, econômicas, funcionários e a papelada administrativa, burocrática, era tudo feito no Departamento. O diretor da rádio era diretor da rádio, cuidava da programação, pensava programas, atendia os seus funcionários, cuidava da rádio. O que era um relativo alívio para a época, porque ele tinha esse tipo de funcionamento. O restante, a burocracia inclusive era desenvolvida por um secretário do Departamento que nós tínhamos, aliás na pessoa de um funcionário altamente efetivo, que mantinha as coisas tudo em dia, em controle, para a época.Eu não sei o que eu lembro agora, que outras coisas eu podia lembrar?...

Porque terminou o DED?

Ah, uma outra coisa que eu lembro, os alunos tinham aula de rádio lá no estúdio da rádio. Aquele era um anexo que fica ao lado das salas de som, ali era ocupado para colocar as aulas de rádio. O Quintino e o Pauló Araujo davam aulas lá. Quer dizer, uma boa pessoa de entrevistar seria o Paulo Araujo, como o Quintino, que tá na cidade também. Além de ter a rádio lá... bom, os alunos causaram alguns problemas. Levavam embora discos, e a gente tinha que correr atrás dos discos, não conseguiam controlar, a gente caía pra cima dos professores, os professores ficavam brabos. Aquelas pequenas coisas assim, burocracia, ditadura, e já querem controlar, e queriam uma liberação completa, o que era muito difícil de manter porque aí não há organização possível. Outra coisa eram horários para gravar programas, eram bastante restritos e a gente passou a liberar, conseguimos duas mesas, aquela que nós tiramos já botamos para isso e passou a servir, ajudava bastante. Nós tínhamos também um discotecário e esse passou a fazer fichas inteiras de discos e coisa que facilitava bastante. Aliás, na época, para retirar disco tinha que pedir para o discotecário, hoje não sei nem direito como se faz isso, mas na época tinha que fazer isso, mantinha bastante esse tipo de controle. O porquê o DED terminou?... bom, tem a versão, digamos, oficial, que é aquela da qual a gente fala, e tem as suspeitas, que é aquela das quais a gente não fala. Mas o Departamento de Divulgação ia além da rádio, e eu acho que o ponto de crise foi, eu acho, eu entendi, eu tinha esse

sentimento na época, e que foi exatamente o serviço de relações públicas, porque o serviço de relações públicas até a minha entrada no Departamento era controlado, feito assim de acordo com as solicitações da reitoria como um todo. Quando o professor Benetti assumiu, ele liberou o DED para fazer um plano, e nesse plano eu disse que nós estenderíamos o serviço de relações públicas a toda a Universidade, porque foi alguma coisa que o reitor gostou muito, ótimo, a Universidade tem que se abrir, etc. Então nós tínhamos pessoas chaves que atendiam a determinados centros, não desenvolviam mais o trabalho na sala do DED, o Departamento de Divulgação lá na rádio, que é aquela sala, logo que se sobe a escadaria, no décimo, bem na frente, essa sala era nossa, e depois passou, quando nós paramos, foi cedida à Associação dos Funcionários e depois eu não sei como terminou essa sala. Ah, eu esqueço, nós tínhamos também a editora da Universidade, nós dirigimos a editora, então, além da gráfica, tinha a editora e nós tínhamos ao lado da sala da Associação, de RP, nós tínhamos também a editora, nós publicávamos alguns livros, conseguimos publicar seis ou sete livros, não chega a tanto... uns três livros e uns quatro cadernos, é, mas é por aí. Três, quatro livros e três, quatro cadernos didáticos, e eram negociados, comercializados por essa editora, além disso nós entrávamos em contato com outras, etc. E era também responsável pela assessoria de imprensa da Universidade de modo geral. Então era isso daí, no serviço de relações públicas nós começamos a soltar os profissionais mais gabaritados para atender os centros. Então tinha uma RP do CCSH, fazia o projeto, o atendimento, dava assistência, etc., uma outra que atendia a Tecnologia e as Ciências Naturais e Exatas e uma outra que atendia o Centro de Educação Física e o Centro de Ciências Rurais. Nós tentamos fazer um trabalho junto ao hospital, esse trabalho foi desenvolvido com uma das funcionárias, mas ligada ao curso de Comunicação Social, tentaram fazer um plano, fizeram um levantamento, uma análise da situação de relações públicas no hospital, fizeram um plano de incremento, só que esse plano ficou nas mãos da tentativa de arrumar as necessidades para poder incrementar o plano, e foi feito pouca coisa. Mas alguma coisa se fez, não como era projetado pelo Departamento em termos de relações públicas e nem pelo projeto da Comunicação Social. Então esse tipo de desmembramento criou alguns atritos entre o Departamento de Divulgação e alguns pró-reitores, que vigiam muito o trabalho das relações públicas em serviço de algumas pró-reitorias e esse serviço das pró-reitorias não pode ser feito, daí o caráter negativo de que esse pessoal não faz nada, não tem interesse, não tem projeto, não sei o quê, e isso influenciou na idéia de alguns, que alguns já tinham. Porque o Departamento de Divulgação não era oficial, ele existia de fato, mas não estava no estatuto da Universidade e nem tava no orçamento da Universidade. Então para ser contemplado com algum dinheiro tinha que entrar os projetos pela pró-reitoria de administração, que era quem geria os recursos para o Departamento. Então a gente ficava sempre na dependência da pró-reitoria de administração. A nossa sorte é que tinha um pró-reitor que entendia muito os nossos desejos e nunca nos negou nada. Nem compra de discos, essas coisas, sempre atendeu as reivindicações mais urgentes que a gente tinha. Mas em função disso, do Departamento não poder cumprir com as

determinações, os desejos de alguns, é que eu tenho impressão que foi encaminhado o pedido de fechamento do Departamento e a relativa divisão dele. Porque na verdade assustava um pouco certas pessoas da Administração Central, porque o Departamento de Divulgação tinha na mão um grande poder, que era a rádio, as relações públicas, a editora e a gráfica, e isso dava a ele um conjunto de uns oitenta funcionários. Além de ter um conjunto de uns oitenta funcionários, alguns diretores e tal, podia divulgar muita coisa ou podia não divulgar muita coisa, então, na medida que o DED fazia os projetos ia aparecer o DED fazendo e não algumas pró-reitorias. Então, quando, por exemplo, a extensão, a pró-reitoria de extensão, a de assuntos estudantis, alguns outros assim que precisavam do DED e o DED começava a querer negociar algumas coisas, tudo bem que eu faço isso, mas eu quero um bolsista, quero isso, quero aquilo, então começou a haver um pouquinho de atrito de poderes. Então eles não queriam pedir nada, queriam mandar, e esse mando deve ter influído na decisão de...deve...não sei, é percepção minha, deve ter influído nesse tipo de fechamento do DED. Mas eu tenho impressão que o que mais decidiu isso foi a sua extraoficialidade, e além disso um peso no orçamento que ficava difícil. A gente transitava da pró-reitoria de administração, pra pró-reitoria de planejamento, e tinha que correr atrás de quem perdia o quê pra ceder ao DED. Eu acho que por aí chegou a extinção dele e hoje em dia eu estou vendo, e já sei, porque me procuraram, o crescimento de uma necessidade da criação desse departamento. Então, provavelmente, tenha sido uma boa idéia fechá-lo, porque daí, fica vazio e o vazio, que é o lugar psicanalítico do desejo, cria a necessidade e criando a necessidade as pessoas têm que dar um jeito de satisfazê-la. Eu acho que nós chegamos de novo a esse ponto de partida. Alguma coisa a Universidade vai fazer, dentro de 1 ano, 2 anos, para remontar as atividades que foram perdidas na dissolução do DED.

Entrevistado: Antônio Abelim

Data: setembro/95

A rádio Universidade surgiu em Santa Maria por iniciativa do reitor José Mariano da Rocha Filho, atendendo a uma solicitação dos profissionais de imprensa de Santa Maria que, em uma festa de final de ano, solicitaram ao reitor que tomasse a iniciativa de fundação da rádio Universidade. O reitor aceitou a sugestão e solicitou-me que tomasse as providências, já que eu era integrante do quadro de professores da Universidade, solicitou-me as providências para organizar a rádio Universidade, com o que eu contei com a colaboração de várias pessoas que eu vou procurar citar daqui a pouco. Mas, embora eu estivesse preparado a organização da rádio, a estruturação, a programação junto com a equipe, eu, no dia da inauguração não pude estar presente porque eu havia sido convidado a uma visita aos Estados Unidos e não havia como adiar essa visita. O Quintino de Oliveira me representou na oportunidade.

Como foi a organização da estrutura da rádio?

Nós não tínhamos funcionários, a nossa equipe foi toda requisitada do quadro de funcionários da Universidade, professores, alunos e, até que fosse tudo organizado, houve alguns contratos com profissionais do rádio de Santa Maria. Eu gostaria de citar alguns, eu não tenho de memória, isso faz mais de 20 anos, mas estavam à frente comigo, o professor Quintino Correa de Oliveira, Luiz Fernando Vinadé, Saulo Dalfollo, Roberto Bisogno, DiGiácomo, o responsável técnico que agora não lembro. Enfim, uma equipe voluntariosa que organizou a estrutura da programação voltada exclusivamente para a educação. E a rádio passaria a ser um laboratório do curso de Comunicação Social, que também tive o privilégio de dirigir e, efetivamente, ela serviu-lhe de laboratório para o curso porquanto os alunos tinham acesso e organizavam programas e, periodicamente, acompanhavam o trabalho da rádio para saber de sua estrutura administrativa e artística.

Quais os objetivos principais da rádio?

Eu falei que os objetivos principais da rádio eram o trabalho pela educação e pela integração, porque a Universidade estava voltada, por determinação do reitor Mariano da Rocha, à integração do Rio Grande do Sul. E obviamente, a rádio, através das suas ondas transmitia informações da Universidade, tinha palestras culturais, aulas sobre diversos assuntos ligados à área da educação.

Como foi a formação da equipe que fundou a rádio?

Foram requisitados profissionais, talvez os melhores profissionais de rádio e jornal da cidade. Não havia ainda sido fundada a TV local.

Como era a situação das rádios em Santa Maria na época?

Santa Maria dispunha de várias emissoras de rádio AM. Era a Imembuí, Santamariense, Medianeira e Guaratã. Não tinha ainda FM. Havia um excelente relacionamento entre as emissoras, principalmente porque a rádio Universidade não era considerada concorrente. Ela não apresentava textos comerciais pela própria determinação legal. Em face disso grande parte do pessoal trabalhava numa outra emissora comercial e também na rádio Univesidade.

Você pergunta se a audiência era boa. Era. Ela tinha uma programação, além dessa parte educativa, ela tinha uma excelente programação musical. Era uma emissora com um padrão como hoje são muitas FMs, voltada para música, para música ambiente, para música selecionada, para música orquestrada, para música de alto padrão.

Um fato marcante.

Eu assinalo apenas que a rádio serviu, em grande parte para o desenvolvimento da UFSM. A sua presença nas programações, nos eventos, foi de extraordinária importância para a divulgação dos trabalhos da Universidade, dos seus diversos centros educacionais e também dos diversos departamentos e do curso de Comunicação Social. Naquela época ele foi criado também para atender às solicitações da classe imprensa de Santa Maria.

Eu na verdade não me recordo quantos anos eu fiquei na direção da rádio, porque depois... a parte do curso de Comunicação Social, mas os trabalhos que se realizavam naquela época me permitem assinalar que eu devo ter ficado uns 6 a 7 anos na direção da rádio e depois passou a ser ocupada por outros funcionários e elementos do quadro da própria rádio.

Se houve mudança na programação? Sim, nós testávamos muitas vezes a programação e fazíamos pesquisa para saber o interesse dos ouvintes que, em grande parte eram professores, estudantes da Universidade e também profissionais liberais. Eram os principais ouvintes da emissora. A programação mudava periodicamente e foi dada depois uma ênfase ao radiojornalismo, permitindo que houvesse uma divulgação maior dos fatos marcantes da vida de Santa Maria e da Universidade.

de imprensa de Santa Maria. Outra função nossa, do DED, era encaminhar a todos os órgãos de imprensa de Santa Maria, jornais, rádio e televisão, não só de Santa Maria, mas de todo o estado quando a notícia era muito importante, era nossa função preparar essas notícias e encaminhar para os órgãos de divulgação do estado e de SM.

Depois então o senhor foi para a rádio. Quanto tempo o senhor ficou na rádio Universidade?

Quando o professor Benetti, que era reitor da UFSM na época extinguiu o DED todos nós fomos transferidos para a rádio Universidade. Eu não me lembro exatamente a época, mas parece que foi entre 88, 89, por aí. Aí todos nós passamos para a rádio, que como eu falei antes, primeiro tinha um programa e depois eu passei para a redação da rádio Universidade.

Como era a programação da época e as pessoas que trabalhavam lá?

Quanto à programação da rádio, começava de manhã, com o programa do Norton, tinha o programa do Vasser, o programa do Montagner, o programa do César Saccol, o Sérgio Assis Brasil também tinha um programa na rádio, tinha ao meio dia, perto do meio dia tinha o noticiário, à tarde tinha mais programa musical, mais programa de variedades e essa era mais ou menos a programação da rádio nessa época. Quase que eu ia me esquecendo dos dois programas que marcaram muito a rádio Universidade, foi o programa infantil da Maria Helena e um programa do professor James Pizarro que ele falava muito sobre ecologia, que é um dos assuntos que ele gosta muito de falar. E o programa da Maria Helena, houve uma época em que o James escrevia as historinhas e nós encenávamos lá na rádio, foi muito boa essa época também.

Quem trabalhava nesse programa de historinhas?

A Maria Helena, o James, o César Saccol, o Roberto Montagner, eu, era praticamente, quase que... nós variávamos muito o elenco, mas praticamente todo o pessoal da rádio participou deste programa.

Como é que eram produzidos os programas?

Cada um era encarregado de fazer o seu programa e...porque todos eram programas muito variados, por exemplo, o programa do James Pizarro, o James falava muito sobre ecologia e ele batia em cima do pessoal que estava acabando com a natureza, por exemplo, a retirada de areia do rio Arenal, do rio Verde, a sujeira que largavam no antigo rio Vacacaí, que hoje nada mais é do que uma pequena sanga. A Maria Helena produzia o programa dela voltado muito para criança, então era um programa muito gostoso da gente ouvir, da gente participar quando ela nos convidava.

Como é que eram os personagens, eram fixos?

Não. Como era aquele programa do James...o sapinho...do James não, eu cometi um erro aqui, quem escrevia as histórias era o João Teixeira Porto.

E como é que funcionava o programa, era diário, os personagens eram fixos?

O programa da Maria Helena parece que era só no fim de semana e cada um tinha o seu personagem fixo... Voltando aos programas da rádio Universidade, pela manhã o Norton fazia o programa de nativismo, o César tinha um programa de variedades, o Otto depois que foi pra rádio também participava de um programa de variedades, o Montagner tinha um programa cultural, a Maria Helena apresentava o noticiário, o Sérgio Assis Brasil tinha um programa de variedades à tarde também. Fim de semana tinha esse programa infantil, o título do programa "Era Uma Vez".

E esse programa terminou por que?

Bom, quando eu saí da rádio e fui pra Assessoria de Divulgação me parece que este programa ainda estava no ar.

A Assessoria de Divulgação era o mesmo DED? Era a mesma função, o mesmo trabalho?

Praticamente, mas nós fazíamos algumas coisas a mais. O Sérgio Assis Brasil foi diretor da Assessoria e trabalhávamos lá, o Sérgio, o Rogério, a Marta...

Não tinha nenhuma relação com a rádio Universidade?

Era Assessoria de Divulgação do Gabinete, nós trabalhávamos diretamente subordinados ao Gabinete do Reitor e lá nós fazíamos divulgação dos eventos da Universidade.

Então, resumindo, o senhor trabalhou de 88, 89, até 90 na rádio e foi como redator, produtor do programa Região 800, depois como redator geral assim dos noticiários e também participando do programa Era Uma Vez.

Eu trabalhava, quando eu fazia a produção do Região 800, até que ele saiu do ar. Depois eu fiquei na redação da rádio, colaborando com os noticiários, com textos culturais e algumas vezes tive participação no programa Era Uma Vez, quando nós gravávamos as historinhas que eram escritas pra esse programa. Em 1990 eu fui convidado pelo Sérgio Assis Brasil pra fazer parte da equipe de Assessoria de Divulgação do Gabinete. Aí me foi dada a seção de vídeo.(...fala da experiência com vídeo...)

E o senhor guarda alguma coisa marcante lá da rádio Universidade?

Uma coisa que marcava muito lá na rádio era o clima com que nós trabalhávamos. Sempre um clima agradável, todo mundo se dava bem. Até eles me chamavam do moleque da rádio, porque eu tava sempre aprontando alguma. Era isso que eu lembro da rádio, aquela amizade que a gente tinha, as brincadeiras que a gente fazia.(a partir daqui o entrevistado falou sobre sua experiência com vídeo e fotografia)

Entrevistada: Áurea Evelise Fonseca

Data: julho/94

Eu entrei em 77, Glaíse, como estudante de Comunicação, no meu primeiro semestre de Comunicação, entrei como bolsista. Eu fazia um trabalho para a rádio, mas eu desenvolvia o trabalho aqui na reitoria. Existia uma assessoria de comunicação, assessoria de imprensa do Gabinete do Reitor e havia uma funcionária aqui e mais um bolsista permanentes, que levavam material para a rádio, que naquela época era no centro da cidade. Então a rádio ficava no centro, a assessoria de imprensa do Gabinete ficava aqui no prédio da reitoria. Então eu comecei trabalhando, era bolsista da rádio, mas a minha atuação era aqui no prédio da reitoria. A gente colhia as notícias da Universidade diariamente, levava para a redação da rádio que era lá no terraço do prédio da antiga reitoria e lá essas notícias eram elaboradas e transformadas em releases para toda a imprensa, pela equipe de redação da rádio. Esse trabalho, posteriormente, veio a ser mais delineado quando a rádio se transferiu para o Campus. Até acho que antes da rádio se transferir para o Campus se ampliou a assessoria de imprensa. Exatamente, antes da rádio vir, naquele processo de transferência da rádio, parte da redação da rádio já foi se transferindo pra cá pro Campus. Então houve essa época de transição. A gente elaborava os releases da Universidade aqui, então a assessoria de imprensa e rádio era uma coisa meio conjunta. Quando a rádio se transferiu, lá pelo final de 81, para o prédio da reitoria, no Campus, houve a criação do Departamento de Divulgação, que incluía a gráfica da Universidade, o setor fotográfico, a própria Assessoria de imprensa, a rádio. Daí, quando a rádio se transferiu, em sua primeira transmissão, a redação já estava funcionando aqui fora. Na verdade, a redação que servia à assessoria de imprensa. Então, alguns redatores ficaram exclusivos da rádio e outros redatores ficaram fazendo releases para a imprensa e forneciam material para a rádio também. E eu estava nessa segunda categoria. Eu pertencia ao Departamento de Divulgação (DED) e elaborava os releases, acompanhava as reuniões do Conselho, acompanhava defesas de teses, fazia o serviço de reportagem geral. A gente transformava isso aí em releases para a imprensa e atravessava o corredor aqui e passava para a redação da rádio. Mas a redação da rádio era uma redação exclusiva. Havia duas redações aqui nesse mesmo décimo andar: uma da rádio, outra do Departamento, que era a que elaborava os releases para a imprensa. Numa certa altura aí do andamento das coisas a equipe começou a entender que não tinha muito sentido, a estrutura da coisa não estava funcionando a contento e a gente resolveu fazer o encaminhamento pra reitoria... a gente soube que ia ser desativado o DED, como Departamento, e então o pessoal da assessoria de imprensa passaria a compôr o quadro, ia separar a gráfica da rádio. Nós fomos transferidos pro quadro da rádio, definitivamente, então, mais na estrutura burocrática da coisa. A rádio se desligou dos outros órgãos e daí, logicamente que ao longo deste últimos anos, dependendo do reitor, dependendo da gestão na Universidade, as assessorias de divulgação vêm trabalhando de uma ou outra forma, mais ou menos ligadas à rádio. Acho que sempre tem um elo de

ligação porque são profissionais da mesma área, trabalham com a mesma informação, então naturalmente está sempre ligado. O pessoal da assessoria passou a compor os quadros da rádio, mas logo em seguida começou a se formar uma nova assessoria, porque na verdade o gabinete de um reitor sempre precisa de uma assessoria de divulgação. Então ampliou-se a equipe da rádio, mas teve de se buscar novos profissionais para se compor a assessoria do Gabinete que, na verdade, hoje ela vem a ser de toda a Universidade, ela centraliza material da Universidade.

O que tu lembras do dia da inauguração da rádio no Campus?

Era um dia de visitação, de portas abertas. A gente não acompanhou a instalação porque a gente estava no outro andar trabalhando no serviço de redação. Naquele dia a gente mais recebeu gente, o pessoal vinha conhecer a rádio, era um trabalho de muito relações públicas. Quem entendia da parte de equipamento mostrava os estúdios e nós ficamos aqui recebendo as pessoas. Uma coisa que eu acho interessante da gente lembrar, que começou lá na antiga rádio, no prédio da ex-reitoria e depois teve uma sequência boa aqui por um longo tempo, foi a montagem de histórias infantis. Produção e montagem de histórias infantis. Nós tínhamos no nosso quadro o João Teixeira Porto, que escrevia histórias, era uma pessoa muito ligada ao teatro. Ele criava histórias em torno de um personagem ecológico que era o sapinho Hortêncio, e a partir dessa relação de trabalho com o James também, que já tinha um programa ecológico na rádio. Então, pra fazer esse tipo de conscientização ecológica que a rádio trabalhava muito nessa linha. O James Pizarro vinha num trabalho pioneiro, uma das primeiras pessoas que abriu o grito em nome da ecologia e foi uma idéia do Porto fazer um trabalho de conscientização ecológica com as crianças. Ele criou um personagem que era o defensor das florestas e da natureza. Ele criava episódios semanalmente da série do sapinho Hortêncio. Ele produzia tudo e já definia os papéis e dava dicas de interpretação. Saíam produções lindíssimas. Foi uma época bem legal e seguia uma linha bem educativa. Lembro também que na linha educativa, a rádio trabalhou por vários anos com o SINRED e hoje, com grata satisfação a gente está reativando o SINRED. Tudo começou numa reunião que eu fui em Santa Catarina no mês de maio, agora no mês de agosto a gente se encontra no Rio de Janeiro, o grupo de todo o Sistema de Rádio Educativo Brasileiro, estamos reativando o SINRED. Dentro desse sistema, lá pelos anos 80, se produzia programas que eram veiculados nacionalmente. Havia uma grade de programação em que entrava nossa Universidade, com a responsabilidade de produzir tantos programas sobre tais assuntos, sobre música, cultura, a parte histórica. Já saíam prontos pra veiculação em rede nacional. Isso foi desativado no governo Collor e nós agora podemos reativar e participar deste processo de renovação do rádio educativo no Brasil. Isto está sendo bastante gratificante pra nós.

E, atualmente, como está a transmissão da rádio? Existe uma possibilidade de transformá-la em FM?

Este é um assunto que está indefinido ainda. De repente pode se definir de hoje para amanhã, a gente nunca sabe. Mas a queda da torre da rádio Universidade aconteceu no dia 31 de maio por problemas que foram ao longo dos anos se acumulando. Problemas de ordem técnica, de engenharia, de erosão do terreno, e que acabou um dia, sem o menor aviso, a torre vindo abaixo. Então exigiu de nós irmos atrás de soluções, e soluções não só para a questão da torre mas para questões que vinham se acumulando, como a questão do transmissor principal que está desativado há 3 anos por sucateamento. Naquela semana anterior à queda da torre, havíamos negociado com a Secretaria do Ensino Superior do MEC uma verba para a compra de um transmissor. Acabou que essa verba veio pra emergência da reconstrução da torre. Agora a gente tá indo nesse novo encontro buscando verbas pra compra, pra aquisição desse transmissor. Enfim, a queda da torre pode parecer uma coisa super negativa, ela realmente tem o lado negativo, que é o lado do prejuízo, o prejuízo material, a torre é uma coisa caríssima. Nós temos que ver assim, a possibilidade de renovação e de melhorias. Com a queda da torre, que estava instalada num terreno que não pertence à Universidade, temos que nos obrigar a pensar na construção da torre no terreno da Universidade. Isso aí é muito positivo: a transferência da torre do local onde se encontrava para o terreno da Universidade. A outra coisa é a possibilidade de transformar a emissora em FM. Em AM estamos com a torre caída e o transmissor desativado. Então a nossa AM está quebrada, e temos uma reserva de canal FM educativo pra Santa Maria e a prioridade é nossa, de ocupação desse canal. Então estamos assim, numa encruzilhada: FM ou AM? Fizemos dois estudos completos, com orçamento de cada um e apresentamos à Administração Central, que também está buscando orientação em Brasília, inclusive da Fundação Roquete Pinto. O Reitor se encontra essa semana com o presidente da fundação pra que a gente defina realmente qual é a melhor solução.

Entrevistada: Áurea Evelise Fonseca

Data: agosto/95

Como é que foram as negociações para a implantação do novo parque de transmissões?

Na época em que caiu a torre da rádio, que foi no dia 31 de maio, 3 dias antes a gente havia negociado em Santa Catarina, num encontro de rádio e TVs educativas, com o então secretário da educação superior do MEC, uma verba para a rádio, mas para aquisição do transmissor. Em função do desabamento da torre três dias depois, em função da promessa de verba pra nós, a gente encaminhou toda a documentação; 45 dias depois já havia sido assinado pelo reitor e pelo ministro um convênio, repassada essa verba, em 45 dias estava o dinheiro aqui em Santa Maria. O que a gente poderia rapidamente ter dado sequência à construção, para implantação desse trabalho. Mas tudo é muito difícil no serviço público, com um agravante: a proximidade da Base Aérea. Neste estudo anterior que já havia para implantação de um novo parque, já havia um estudo de anos passados da localização do novo parque de transmissões caso houvesse uma transferência para o Campus da Universidade. Então, neste local, que a gente chama de área nova do Campus, ele fica a uns 4Km distante da reitoria, cerca de 5Km da pista de pouso da Base Aérea. Isso é considerado muito próximo pra descida do avião com relação à altura da torre. A torre anterior era de 105 metros, tendo em vista os 10 Kw da rádio. A rádio não vinha operando em 10 Kw, mas tem a concessão para 10 Kw, então ela deve funcionar em 10 Kw. Em funcionando em 10 Kw ela deveria ter uma torre com aquela altura, de 105 metros. Nas negociações feitas com a Base o caso foi considerado de difícil solução e foi encaminhado pro 5º COMAR (COMANDO AÉREO REGIONAL). Então houve negociações em POA, a Universidade precisou chamar um engenheiro que trabalhasse com transmissões... Então só dois meses depois nós conseguimos a resposta definitiva das autoridades militares e essa resposta foi no sentido de que poderia ser implantado um parque de transmissores naquele local com o máximo de altura da torre de 77 metros. Isso era um impedimento técnico pra nós, porque em 77 metros era impossível fazer o tipo de transmissão a que a gente se propõe. Daí nós saímos à procura pelo Brasil inteiro de um projeto técnico que pudesse contemplar uma transmissão de 10 Kw numa altura de torre de 77 metros. Foi como procurar agulha num palheiro, até que nós descobrimos um projeto, um engenheiro, em Goiás, que tinha um projeto novo de torres para rádio, que seriam os monopólos dobrados... Já existem várias dessas torres nesse novo sistema, implantados pelo país, mas nenhuma no Sul. Nós vamos ser os primeiros a trabalhar neste sistema...Então foi feito todo o processo de licitação, as firmas nas quais o engenheiro esse trabalha participaram. A firma que venceu, ela trouxe o projeto do engenheiro, que era único...Cumprir todos os prazos é uma coisa muito demorada...então isso dificulta muito...Enquanto eram cumpridos todos os prazos nós já estávamos trabalhando no projeto da casa de transmissores, para abrigar todo o equipamento, que também demorou bastante. Em se tratando de serviço público a gente sabe que as coisas não andam tão rapidamente assim.

...explica prazos, licitação, edital... A licitação da casa começou a andar de março para cá. Enquanto isso, a torre já tinha sido construída e está lá esperando a finalização da casa... Daí venceu uma firma de Porto Alegre na licitação da casa, houve um problema, as outras firmas recorreram e foi repetida a licitação... Acabou vencendo uma firma de Santa Maria, que está hoje construindo a casa.

O que falta então é a casa?

É, e ela está em processo adiantado de construção. O prazo para entrega de tudo é de 90 dias, contando de hoje esse prazo deve estar na metade... Depois a rádio deve ficar uns 2 ou 3 dias fora do ar para transferência do equipamento... E vai funcionar não ainda em 10 Kw, porque o transmissor está sucateado. Então a gente vai deixar em condições de bom uso o equipamento de 1 Kw... Mas nós temos em Brasília um projeto para 10 Kw, este projeto tramitou ano passado lá, venceu o ano, não foi liberado recurso, nós reencaminhamos e estamos aguardando a liberação de recursos.

Como é que funcionou a rádio neste tempo, desde que caiu a torre?

Então, 13 dias depois da torre desabar nós voltamos a operar com antena horizontal, que nada mais é do que postes interligados por fios e que está transmitindo há mais de um ano com uma potência muito inferior a 1 Kw. Mas nós conseguimos manter uma equipe trabalhando e cumprindo uma função social que superou nossa expectativa inicial. Nós pensamos: não temos mais nenhum ouvinte, se tu fores comparar a qualidade do som da rádio com as demais nós vamos perder completamente a audiência, o que não acontece. E isso é talvez, a coisa mais gratificante de todo esse processo, o fato de que nesse período crítico nós conseguimos ter implantado uma programação de qualidade, renovando e qualificando a programação, mesmo num período crítico de qualidade de transmissão.

Como é que está a programação da rádio, houve na tua direção uma intenção de dar um enfoque mais jornalístico?

A programação jornalística da rádio já era consolidada. Esse enfoque já era característico. O que a gente conseguiu deixar bem consolidado: manhãs puramente informativas, qualificar o processo informativo da rádio, provar que é possível colocar muita informação no ar. Então nós criamos uma fórmula: manhãs informativas, tardes com música e informação, noites musicais. Só que à noite nós suprimimos, porque à noite as rádios transmitem com uma melhor qualidade e nós não conseguimos concorrer. Quem quer ouvir música não vai ouvir música com ruído, então nós suprimimos. Então a rádio fecha depois da Voz do Brasil e da meia hora de educação à distância. A rádio fecha às oito e meia. No momento em que for implantado o parque de transmissões volta a programação noturna da rádio. Então, para não desperdiçar essa programação musical, nós jogamos para o final de semana. Nós temos uma programação de segunda a sexta e no final de semana ela é diferenciada. No final de semana nós

entramos com a programação musical nativa. Os inícios das manhãs de sábado e domingo é com música nativa.

...pausa com a chegada de alguém...

Mas, como eu te falava, o grande triunfo de todo esse processo pra nós é sentir assim que...quanto colaborador apostou nessa rádio precária, mas que tem tradição, durante esse processo de transição. Então, talvez essa seja a coisa mais gratificante, de saber que nós conseguimos consolidar uma programação. No momento em que nós voltarmos com a qualidade de som nós não precisaremos nos preocupar em implantar: agora vamos trabalhar com a consolidação, com uma nova programação. Não. Nós teremos uma ótima programação, daí sim com bom som. Mas nós estaremos com a ótima programação já consolidada e essa programação...são, então, as manhãs informativas, as tardes com música e informação, com um detalhe, o horário das cinco às seis horas. Esse horário, ele foi inicialmente reservado para a Faculdade de Comunicação Social (FACOS), então hoje nós temos três dias da semana já sendo utilizados com programas, com produção dos acadêmicos de jornalismo da FACOS que é fruto de um projeto rádio-escola que é a "menina dos olhos" da gente, por que a gente aposta muito nessa formação, nessa parceria de ter a rádio com essa característica de rádio-escola, assim como o Hospital Universitário é para os estudantes da área da saúde. Sempre pensei que essa era uma fórmula muito boa, que é colocar os estudantes produzirem a programação. Então, no horário das cinco às seis horas, na terça-feira, a partir agora do segundo semestre, o programa Ciência no Ar; o programa Rádio Ativo na quarta-feira, com um detalhe, o Rádio Ativo não vai até as seis. O Rádio Ativo ocupa todo o espaço, das cinco até as sete, ele para às sete horas por causa da Voz do Brasil, senão ele passaria. São debates que têm reunido os temas mais polêmicos e têm trazido os representantes dos segmentos que realmente discutem a sociedade, os problemas da nossa sociedade, tem sido um programa com a maior repercussão na comunidade. Grandes debates que duram duas horas e só param por causa da Voz do Brasil. Então, é gratificante esse programa. Na quinta-feira o Repórter do Campus, que é um noticiário da Universidade produzido pelos alunos também. Agora nesse segundo semestre nós teremos um quarto programa de rádio, que também está relacionado à FACOS, que é um programa sobre livros, mas, esse, objeto do projeto experimental de conclusão de curso de uma das alunas. Então nós teremos praticamente quatro programas produzidos na FACOS. Esse quarto vai ao ar nas sextas-feiras, divulgando informações sobre edições universitárias brasileiras. E na segunda-feira a gente está utilizando um programa novo, só com instrumental brasileiro, produzido pela equipe daqui. Nós também temos a contribuição do SOE, que entra no ar hoje. Hoje pela primeira vez está entrando no ar um programa do SOE que hoje se chama SOEPS e que é assim direcionado ao aluno. Tem todo um trabalho de atendimento aos problemas da comunidade universitária. E vários colaboradores foram se somando àqueles que já estavam trabalhando conosco. Nós temos colaboradores há 24 anos no ar. O programa "Panorama Agropecuário" é o mais antigo da rádio Universidade, produzido por

um professor do Centro de Ciências Rurais. Nós temos um outro programa produzido por um professor que já é aposentado do Departamento de Biologia, que é o "Antes Que a Natureza Morra" que está há 19 anos no ar. Então, isso nos gratifica porque eles estão acreditando nessa rádio há duas décadas e não deixaram de acreditar porque a rádio perdeu a torre. Mesmo com o som precário, eles continuaram aqui com o seu trabalho. A eles se somam outros. Então hoje nós temos a contribuição de uma médica psiquiatra que faz um programa sobre comportamento. O professor do Centro de Artes que faz o programa sobre música Gospel. Nós temos agora a contribuição dos alunos, o DCE amanhã estréia um programa aqui na rádio. O DCE já fazia algum tempo que não ocupava espaço aqui. Então a rádio contempla hoje com programas três segmentos: os dois sindicatos, de professores e servidores, mais o DCE. Tem um outro programa que também é de colaborador, que se somou a nós e que vai aos sábados ao ar, que é um programa sobre Ritmos da América Latina, um professor da extensão rural, que é pesquisador dessa área de som, de ritmos latino-americanos. O interessante é que esses colaboradores não ganham absolutamente nada pra esse trabalho, eles são realmente colaboradores que vem se somar à equipe da rádio trazendo as suas especialidades pra cá. Então isso é uma coisa, pra mim, talvez a mais gratificante de todas. Um outro programa que também entrou no ar há pouco é da Pastoral Universitária. É um programa de reflexão que tem trazido os estudantes pra dentro do estúdio, tem trazido os estudantes pra debaterem, refletirem. Uma sequência no sábado de programas de colaboradores que nós temos.

...término de um lado da fita...

Eu tava te falando então, Gláise, que se somou a nossa equipe, uns foram contratados, foram feitos concursos nesse período. Nós estamos com uma equipe boa de operadores de som, foram feitos concursos e a parte da discoteca recebeu pessoal novo e na redação nós temos dois novos jornalistas. O Gilson já é especializado na área de esporte, então ele implantou com o Cândido, eles voltaram ao ar com dois programas que a rádio possuía há um tempo atrás e que estava fora do ar, que era o "Universidade Esportiva" e o "Radar Esportivo". A gente contou também com a colaboração de um outro repórter que é aluno de pós graduação da Universidade, que é jornalista da área esportiva, ele, por exemplo, cobriu os jogos pan-americanos, agora os pré-olímpicos em Atlanta, na Geórgia, nos Estados Unidos. Ele também cobriu pra nós, em parceria com a Rádio Imembuí, isso é outra parceria que a gente faz, e vai cobrir o ano que vem os jogos olímpicos. Nós estamos conseguindo colaboração também nesse espaço. E é um espaço que está com correspondente internacional e estão qualificando bem a programação esportiva da rádio. Hoje o esporte tem um espaço específico na rádio. Então hoje a gente tem uma programação que é só questão de se cuidar pra continuar produzindo bem, mas ela do jeito que está já é uma coisa gostosa de ouvir, que é uma coisa que gratifica, eu acho muito boa a programação da rádio do jeito que ela está hoje.

Entrevistado: César Saccol

Data: julho/94

Eu trabalho há 19 anos aqui na emissora, e a rádio Universidade, nestes anos todos, tem mantido uma tradição de ser uma rádio opcional em Santa Maria. Eu recorro que logo que comecei a trabalhar na emissora, na época não existiam as FMs aqui em Santa Maria e a rádio Universidade era um referencial como uma emissora de qualificação no que tange à programação, característica musical, programas culturais, informativos, enfim. Era a emissora preferencial nos setores como escritórios, consultórios, lojas. Com o passar do tempo foram proliferando as emissoras aqui em Santa Maria, hoje temos seis FMs, então a rádio perdeu esse "filão", digamos assim. Houve a necessidade, até por consenso, de que a rádio Universidade deveria ocupar um outro espaço, em razão de ser AM e não poderia concorrer com o número expressivo de rádios FMs, que tem uma qualidade de som muito melhor. E quem está a fim de ouvir música teria logicamente a opção das FMs. Aí aos poucos foi surgindo este consenso de que a rádio deveria partir mais pra este lado jornalístico, programas educativos, culturais, e assim tem sido nos últimos anos. Acredito que principalmente nestes últimos 4, 5 anos é que teve essa tendência. Durante a minha gestão como diretor aqui da rádio Universidade, a rádio teve essa maior preocupação, procurando atingir a informação de um modo geral e também aqui da UFSM, que precisava de uma divulgação mais intensa. Então, se pensou e se criou aí vários programas, dando enfoque à Universidade, os sindicatos aqui existentes, que tem uma participação muito efetiva, o sindicato dos servidores, o sindicato dos docentes, o próprio DCE com programas contínuos aqui na emissora, o curso de Comunicação com programas-laboratórios aqui na rádio também vem se mantendo e agora com a nova direção isso aí tem se intensificado, essa espécie de convênio com o curso de Comunicação, com o aproveitamento dos alunos que de uma certa forma trazem um aperfeiçoamento nos seus conhecimentos, colocando em prática aqui na rádio os programas feitos como laboratórios do curso de Comunicação e também a direção atual manteve a linha informativa, temos aí acho que praticamente a metade da programação dirigida ao radiojornalismo e pelo menos por enquanto, o que se observa, a tendência aqui na rádio é essa. Agora, existe a possibilidade da rádio se tornar FM, aí é claro a situação muda, mas eu acredito que enquanto isso não acontece, a tendência é que a rádio continue com esse enfoque de ser uma rádio bastante informativa e procurando divulgar o que acontece na Universidade. É claro que ainda existem falhas porque a Universidade é muito grande, e pra cobrir todos os Centros e todas as áreas da Universidade necessitaria de mais profissionais, mas de uma certa forma ela tem conseguido trazer essa cobertura do que acontece na UFSM e também ser uma emissora que atinja setores da comunidade, informações da política, da economia, coisas principais que acontecem na cidade e na região.

Entrevistado: Gaspar Bianor Miotto

Data: outubro/95

O DED, ele era um Departamento que centralizava todo o setor de divulgação da Universidade. Na época, alguns centros tinham uma estrutura de divulgação assim, bastante precária, um melhor, outro pior. O Gabinete do Reitor tinha uma pequena estrutura, também. Alguma pró-reitoria tinha também uma estrutura. Então, nós procuramos fazer o seguinte: centralizar tudo num único setor, que atendesse a toda a instituição. Então o DED na época coordenava a rádio, a editora, a gráfica da Universidade, tinha o serviço de imprensa, tinha o serviço de relações públicas, tinha especialista na área de publicidade para produzir peças promocionais pra Universidade, tudo num único setor. Então, por exemplo, o curso de Medicina tava organizando um Seminário Internacional, o Departamento de Divulgação produzia o material, as pastas, fazia a divulgação, sonorizava o evento, porque nós tínhamos equipamento pra isso, a rádio tinha, transmitia, se julgava conveniente, transmitia o evento, mandava releases pra imprensa, marcava entrevistas coletivas com palestrantes, e o pessoal da imprensa então vinha até o DED ou até o local do evento pra fazer essa entrevista. Fazia todo o atendimento. Então o que acontecia, nós levamos para o Departamento de Divulgação todas as pessoas que eram da área de divulgação, publicidade, relações públicas ou jornalismo, ou técnicos em sonorização ou em fotografia, e assim por diante, e juntamos todo esse setor e atendia toda a Universidade. Então o trabalho era mais eficiente e com muito mais qualidade. Desde o cerimonial, quando vinha alguma autoridade, participar de algum curso, que não era da reitoria, de qualquer setor da Universidade, se fazia até isso. Então se atendia a esses eventos desde o planejamento até a execução final. Então o DED funcionava assim. Um dos setores do DED era a rádio Universidade e era muito importante pra nós a rádio. E quando eu cheguei no DED a convite do professor Valandro, na época, não me recordo bem a data, foi em torno de 1984, a rádio, fazia pouco tempo que ela havia sido transferida para o Campus, ela funcionava no terraço do prédio da antiga reitoria e foi pra lá. Tinha umas instalações novas, bem confortáveis, que tinha um bom ambiente de trabalho, mas o equipamento da rádio tava bastante superado e não tinha uma organização interna na rádio pra agilizar a produção, pra melhorar a qualidade dos programas da rádio. Então a primeira preocupação que eu tive foi colocar um diretor na rádio que se preocupasse com programação. Alguém que passasse todo o tempo ali preocupado com esse aspecto da programação, porque a rádio tinha uma audiência razoavelmente boa, tinha um público cativo, que são os funcionários públicos e a comunidade universitária em geral, a rádio tinha um bom alcance, razoavelmente bom, atingia praticamente todo o estado na época, mas a programação tava muito voltada pras questões internas da Universidade. A rádio, ela tem que pegar o que tem dentro da Universidade e levar pro público externo também. Alguns programas deveriam atender o público interno. Informações, etc e tal, o que acontece dentro da Universidade, preocupações funcionais, preocupações de informar o servidor do que tá acontecendo dentro da

Universidade, mas especialmente, dedicar a maior parte do tempo em atender o público externo, demonstrar pra comunidade em geral que a Universidade tem uma rádio preocupada em divulgar as coisas boas que acontecem na cidade e na Universidade. Então foi ali que nós conseguimos um esquema de integrar a rádio Universidade naquilo que se chamava na época o SINRED, Sistema Nacional de Rádio Difusão Educativa. Então começamos, como nós não tínhamos uma equipe grande para produzir programas, então nós começamos a receber programas das outras rádios educativas do país. Então já começava a melhorar a nossa programação. Por outro lado os programas produzidos aqui em Santa Maria, nós começamos a mandar pra todas as emissoras integrantes desse sistema. Então os nossos programas estavam sendo veiculados em Porto Alegre, em diversas capitais. Então isso começou a motivar o pessoal que produzia programas. E esses programas que nós produzíamos e que eram divulgados na cadeia de rádio educativa, nós recebíamos recursos. A FUMTV, que é um organismo ligado ao MEC, extinto agora, ele patrocinava esses programas. E com os recursos desses programas nós conseguimos começar a comprar discos, porque a rádio passou um período de quase um ano que praticamente não comprava um disco novo. Então como é que se pode fazer uma boa programação musical com discos antigos, já. Eu defendia a hipótese de que o disco, quando era lançado, o primeiro a comprar tinha que ser a rádio e o público conhecer o disco, o lançamento, através da rádio. Então, fizemos esquemas com distribuidoras de discos, mantivemos contato com gravadoras para receber os discos e começou a melhorar um pouco, não chegou ao ideal, essa parte de música. E se motivou a equipe de produção de programas, começaram a receber alguns recursos e começaram a produzir programas que eram veiculados nacionalmente. Então motivou a equipe e a rádio começou a crescer. Então ali por 85, por ali, a rádio tinha um bom conceito na comunidade, algumas pesquisas feitas na época mostravam que em alguns horários ela chegava a ser a mais ouvida na cidade. E isso tudo motivava o pessoal que trabalhava ali. Então aconteciam coisas assim, o pessoal antes tinha dificuldade quando tinha que fazer uma transmissão externa porque o pessoal não gostava de ir, fazer hora extra e não receber nada por isso. Então, a partir desse momento o pessoal começou a se entusiasmar, e queria fazer transmissão externa e queria colocar um novo programa no ar. A partir daí a rádio começou a crescer. Eu tenho a impressão que nesse período de 85, 86 foi um bom período para a rádio Universidade. Ela teve períodos melhores logo que foi criada, até o início dos anos 80, teve um período bom, depois caiu, 85, 86 ela voltou a crescer. O pessoal estava motivado, tava com vontade de trabalhar. E um argumento que eu sempre usava pro pessoal que trabalhava na rádio, que na época os salários não eram muito bons, a tal ponto que algumas pessoas que trabalhavam na rádio, espontaneamente saíam, iam para a iniciativa privada, pra outras emissoras de rádio, porque os salários eram muito baixos. Eu sempre dizia pra eles o seguinte, que, se nós fizessemos uma boa rádio, uma boa programação, não era só a Universidade que estava ganhando, não era só o ouvinte da rádio que tava ganhando, mas os que trabalhavam ali tinham seu conceito profissional aumentado. Era um argumento que se usava na época e que funcionava muito

bem, porque quem fazia um programa, quando ele saía na rua, o pessoal dizia: olha eu vi teu programa, achei muito bom, continua assim, e as pessoas telefonavam, sugerindo, participando dos programas e isso motivou a equipe. Motivou de tal forma que a rádio chegou num ponto que mesmo não tendo equipamento de última geração, equipamentos modernos, não se dispunha quase de recursos para fazer as coisas, mas motivava muito o pessoal e se conseguiu fazer uma rádio que, eu considero na época assim, bastante boa para a Universidade. Pergunta alguma coisa senão eu fico falando...

O diretor que o senhor colocou lá na época foi o Montagner ?

Foi o Montagner. Até acontece um fenômeno interessante. Trabalhava na rádio um rapaz formado em Jornalismo que era o César Saccol. Então como ele era formado em jornalismo... o primeiro convidado foi o César, ele tinha mais experiência, mais qualificação pra ser o diretor da rádio. Mas, a gratificação para ser o diretor da rádio era tão baixa que o César não quis. Ele fazia programas em outras emissoras de rádio da cidade, e sendo diretor ele tinha que deixar esses outros programas e achou que não valia a pena. Então a única alternativa, não tinha mais outro formado em jornalismo para colocar, o Montagner era Geógrafo, formado em Geografia, então, um bom locutor, bastante dedicado para rádio, convidei o Montagner. E o Montagner se saiu muito bem, porque ele era dedicado, não tinha hora, gosta de rádio e a rádio cresceu bastante com ele.

E o senhor saiu quando de lá ?

Em dezembro de 86, quando terminou o mandato do professor Valandro. E a partir daí assumiu o professor Benetti, convidou o professor Adair Peruzzolo para ser diretor do Departamento de Divulgação. O professor Adair ficou pouco tempo. Ele saiu para fazer doutorado no Rio. E quando ele saiu para o doutorado aconteceu um fenômeno que eu, pessoalmente, achei que não deveria ter acontecido, que desestruturaram o departamento de divulgação, a rádio passou a ficar ligada à pró-reitoria de extensão, a editora passou pra pró-reitoria de pós-graduação, a assessoria de imprensa que era da Universidade passou para o Gabinete do Reitor, onde continua até hoje. A Universidade não tem um sistema de divulgação, não tem uma assessoria de imprensa, não tem um serviço de relações públicas da Universidade. Alguns centros, alguns cursos da universidade têm, e o Gabinete do Reitor tem. Eu sempre defendi essa proposta de que nós devemos trabalhar na instituição não é por um setor, por um grupo, por algumas pessoas. Nós devemos trabalhar pela instituição como um todo. E hoje a assessoria de imprensa está no gabinete e trabalha para reitoria, pro reitor e pros pró-reitores. Mas eu considero que é importante também divulgar o que o reitor faz, as decisões que a equipe administrativa da reitoria toma, mas muito mais importante é divulgar e apoiar as atividades fins, que são as atividades de ensino e pesquisa da Universidade, e de extensão também. O esforço da parte de divulgação e da rádio também é muito voltado para o quinto andar do prédio da reitoria. Eu não acho isso interessante. Tem que se divulgar as decisões

administrativas sem dúvida nenhuma, as decisões políticas, tudo isso, mas não se pode descuidar do restante da instituição.

Quem era o reitor quando foi criado o DED e quem foi o primeiro diretor do DED?

Foi o professor Vinadé, porque foi no início do mandato do professor Valandro. Eu não me recordo bem as datas de criação, eu nunca fui muito ligado a datas. Ah, começou na época tal...não. Eu cheguei num certo momento em que o Departamento de Divulgação tava bem estruturado, então eu peguei um setor bem estruturado e a partir daí o meu trabalho maior foi motivar a equipe a trabalhar, e na época um dos fatores motivacionais que é o salário estava bastante baixo. Nós conseguimos motivar a equipe de trabalho, conseguimos mostrar pro reitor de que precisava colocar mais gente lá pra trabalhar, que precisava investir mais na divulgação da Universidade e ele entendeu isso. Então a partir daí, o restante foi bastante fácil de fazer. Os reitores que vieram depois, não é que eles não entendam que não é importante investir na divulgação. Talvez não seja isso, é que eles estabeleceram outras coisas como prioridade e descuidaram um pouco desse setor, que ele se desestruturou e foi loteado. Cada pró-reitoria pegou uma parte. O Gabinete pegou outra e tal e então ele não tem mais força. Hoje o nono andar, onde funcionava o Departamento de Divulgação, que era um setor grande, com bastante gente, dinâmico, hoje ele tá restrito ali à redação e ao trabalho da rádio especificamente....pausa...Eu acho que o ponto alto da rádio Universidade foi quando ela começou a produzir programas que eram veiculados nas emissoras educativas, todas as emissoras educativas do país e alguns programas que eram para o projeto Minerva, que eram veiculados por todas as emissoras de rádio do país ao mesmo tempo. Pra recordar...um programa sobre as Missões, que foi veiculado por todas as emissoras do país. Foram a Santo Ângelo, se entrevistou gente, se produziu, um bom programa. Se produziu um programa sobre jornalismo no interior, se produziu um programa sobre Mata, os fósseis de Mata, a região paleontológica e o trabalho que a Universidade tá fazendo na região de Mata, sobre os fósseis no Morro da Alemoa, sobre o Castelo de Pedras Altas da família Assis Brasil, não me recordo todos eles..., sobre a Califórnia da Canção Nativa que a rádio Universidade na época transmitia e foi a primeira rádio a começar a transmitir a Califórnia, se não me engano. Com certeza a primeira rádio aqui da região nossa, de Santa Maria. Depois todas passaram a transmitir. Foi a primeira rádio aqui da cidade que começou a transmitir a Califórnia. Depois veio a Tertúlia de Santa Maria, também acompanhava demais. Então foi um momento importante da rádio, porque os programas que produziam aqui eram ouvidos por todo país. Então, as pessoas depois ligavam pra saber mais coisa, queriam cópia do programa e tal, então a rádio começou a... o nome da nossa rádio começou a ser conhecido, a ser divulgado em todo país. Consequentemente, a nossa Universidade junto. E sempre se fazia um programa, tanto das Missões, como da região paleontológica da Mata, o Morro da Alemoa, sempre tinha professores da Universidade, sempre tinha muito pesquisador da Universidade que fazia parte do programa, que

orientava, que dava entrevistas, que participava da equipe de produção do programa, então, divulgava nossa Universidade. Acho que foi um momento muito importante da rádio esse. ...pausa... Nesse período, meados da década de 80, tinha alguns programas que marcaram a rádio, tinham audiência certa. Tinha o programa do Nórton sobre nativismo, diário na abertura da rádio de manhã, que simplesmente era o programa mais ouvido no início da manhã em Santa Maria. Tinha o programa infantil da Maria Helena, que recebia muitas cartas, muitos telefonemas. Tinha o "Antes que a natureza morra", do Pizarro, era um programa polêmico, era muito ouvido. Não recorro de outros que falamos antes. Ah, tinha programa de esportes, feito pelo pessoal da Educação Física, tinha o programa do Centro de Ciências Rurais, e nós começamos a criar um programa de cada um dos centros da Universidade. Nem todos os centros conseguiram fazer o seu programa, porque não tinham estrutura ou não se encorajavam e foram adiando o projeto. Nos diversos centros tinham o seu programa pra divulgar as suas atividades. A rádio Universidade, dentro da Universidade, qualquer evento importante que tivesse na época, se fazia transmissão ao vivo, então se colocava o reitor ao vivo, quando tinha algum ato importante no Gabinete do Reitor, ou em qualquer setor da Universidade. Sempre tinha algum curso, algum Congresso, algum seminário importante, em qualquer setor da Universidade, ao menos a abertura se transmitia ao vivo. Isso motivava o pessoal que fazia o encontro também. Dava status pro encontro. Então a rádio, ela criou uma estrutura mínima que podia fazer isso, ela tava sempre à frente dos acontecimentos, ao menos nos acontecimentos ligados à área educacional. Então eu acho que isso aí que fazia a rádio crescer na época. O equipamento, não era o mais moderno, as demais emissoras tinham equipamento muito mais sofisticado, tinham unidade móvel, que nós não tínhamos, etc. e tal, mas com o equipamento, com os recursos materiais que se tinha, se conseguia motivar o pessoal a fazer um trabalho que eu considero muito bom. Uma coisa que eu falava no início, que eu considero importante, pro sucesso da rádio nesse período em que estive lá dirigindo o DED, que tinha o Montagner como diretor do setor rádio do DED. O diretor da rádio, ele não lutava sozinho, pelas coisas da rádio, ele tinha junto o diretor do DED e o DED, ele tinha um status muito bom dentro da Universidade. O DED estava ligado, além da rádio, assessoria de imprensa, assessoria de relações públicas, a editora da UFSM, a gráfica e outras coisas mais. Então o diretor da rádio tinha o diretor do Departamento junto pra conquistar, pra conseguir as coisas. Na estrutura que tem hoje o diretor da rádio tá praticamente sozinho. Fica muito mais difícil conseguir as coisas. Então ele não tem o respaldo de um Departamento como ele tinha na época. Então, através desse respaldo do Departamento, se conseguia muita coisa. Se conseguia desde transferência de pessoal, de recursos, as reivindicações tinham muito mais força, então, isso tudo ajudava a rádio a crescer. Hoje em dia, a diretora da rádio, atual, ela tá conseguindo alguma coisa, mas com muita dificuldade, porque ela é sozinha pra defender as reivindicações dela do setor rádio. Então, na época, o Departamento ajudando a rádio, ficava muito mais fácil conseguir as coisas e se conseguiu muitas coisas em função disso.

Entrevistada: Ivone Dalcol

Data: agosto/95

Como é que era quando tu entraste na rádio Universidade, em que ano foi?

Bom, eu entrei em agosto de 78, era diretor o Dr. Roberto Bisogno, estava saindo e estava entrando o Dr. Nicola. Eu entrei, fiz concurso pra locução, mas aí a redação estava sem ninguém, então o Dr. Nicola me propôs que, locutora já tinha a Maria Helena, então ele me propôs que eu ficasse na redação, perguntou se eu era boa de português e eu disse que sim, né, e ali eu fiquei e nunca mais saí. Deixei a locução completamente de lado e só me dediquei à redação.

Como é que era a equipe da época?

Um pouquinho antes que eu, chegou na rádio a Jane Toneto, que foi muito tempo chefe de redação, mas depois ela também saiu porque foi assumir a assessoria de imprensa do Gabinete do Reitor, então foi lá pra fora. Eu fiquei só, trabalhei muito tempo sozinha. Eu fazia o noticiário, fazia textos culturais, fazia programa, tudo.

E as reportagens, quem é que fazia?

Reportagem vinha muito pouco, quase não se fazia assim muita entrevista. As matérias da Universidade vinham tudo da assessoria de imprensa. Então o pessoal lá, os estagiários, colhiam as matérias e traziam pra fazer a redação na redação da rádio Universidade, faziam os releases, então batiam matrizes, depois rodavam no mimeógrafo, e essas matérias iam pra todas as rádios e jornais da cidade.

Tinha estagiários naquela época?

Tinha do curso de Comunicação. A Áurea, a atual diretora, por exemplo, foi estagiária durante muito tempo, então ela trabalhava lá na assessoria, no Gabinete, e colhia matéria e trazia, e aí na redação da rádio eram redigidas as matérias, passadas nas matrizes pra depois mimeografar.

Em relação à programação?

Bom, logo que eu cheguei nós usávamos muitos textos culturais, então a gente... baseadas em enciclopédias, em livros, a gente fazia, dava informações culturais a respeito de novidades científicas, músicos, compositores e novidades da ciência, geografia, história, biologia, tudo era trabalhado, eram textos culturais que iam assim... se tocava duas músicas e dava um texto cultural. E depois tinha os textos informativos, que vinham matérias, coisas que aconteciam, não só da cidade, mas como do estado, do país, nós trabalhávamos com jornais também e mais ênfase se dava para as notas da Universidade. Seminários, cursos, visitas que faziam, convênios, tudo servia de notícia para nós.

E como eram os noticiários naquela época?

Bom, de manhã eu lembro que começava com o programa do Xiru Vasser, e ali já ia as notinhas da Universidade, nós deixávamos pronto de um dia pro outro, e tinha um pequeno noticiário de 5 minutos, eram textos avulsos que a gente compilava e era lido no noticiário. Flashes dentro do programa nativista. Depois, durante o dia tinha todos estes textos pequenos, sempre informando alguma coisa, depois, às onze e meia era entregue o noticiário, nós fechávamos pra ir ao ar ao meio-dia. Sempre com o nome de "Editoria da Notícia". Isso é muito antigo na rádio, bem antigo. Então fazíamos notícias do país, do estado, da cidade e alguma vez se usava alguma coisa internacional, que tivesse acontecido, que tivesse muita projeção. E, como sempre o destaque se dava pras notícias da Universidade. Era o mesmo "editoria" que é hoje. Só que variava de duração. Eram 15 minutos, depois meia hora, outras vezes diminuía mais ainda, porque era época de férias na Universidade, então diminuía o potencial de notícias. Hoje é meia hora e temos uma editoria nacional que vem através da parabólica. Mas, todo o dia tinha informação. Depois tinha um programa do Norton César, ali também tínhamos o noticiáriozinho da Universidade, que era matéria do dia que vinha e que nós fazíamos resumos, era às seis horas da tarde.

E alguma lembrança importante, sobre algo emocionante...

Olha, o emocionante é que todo mundo trabalhava e ninguém se queixava. Muitas vezes na sexta-feira, nós trabalhávamos até oito, oito e meia da noite, ninguém reclamava, pra deixar toda a programação gravadinha pra o fim de semana. Hoje ninguém move uma palha além do seu serviço habitual e do seu horário.

Mas quando é que começou a mudar isso?

Começou a mudar quando a rádio foi lá pra fora.

Foi ruim?

Olha, num certo sentido foi, porque nós saímos do centro da cidade onde era o pólo gerador de todas as notícias e ficamos mais longe, apesar de estarmos mais inseridos na comunidade universitária. Talvez a distância da cidade, as coisas se tornaram difíceis, apesar de lá o espaço físico ser melhor que aqui. Eu sei que acabou aquela amizade, aquele sentido de equipe. Ninguém fazia nada sozinho, todo mundo se ajudava. Naquele tempo além do radiojornalismo, tocava pra redação alguns programas que ficaram muito conhecidos, o "Informe Cultural", que hoje tá com o Roberto Montagner, era um programa muito ouvido, às 4 da tarde, e era um programa intercalado com música, agradável de ouvir.

Mudou muito de lá pra cá?

Mudou, mudou muito, porque o Roberto faz assuntos menores, nós, quando fazíamos esse programa, era um assunto por dia, e hoje o Roberto faz trechos menores, com duas ou três inserções por dia. Esse "Informe Cultural" era de redação minha e da Jane, e depois da Cleusa Machado. Depois tínhamos um

programa semanal, que era "Música da Terra", que era um programa mais dirigido pro homem do campo. Ensinava-se como é que se fazia uma poda, como é que se fazia uma plantação, o que que se fazia quando surgia algum problema com o gado, e sempre entremeado com música nativa.

Alguma coisa marcante:

O que eu lembro é da cobertura da Primeira Coxilha de Cruz Alta. Mais ou menos em 1980. Que foi o Norton, o Xiru Vasser, eu e a Cleusa. Nós fomos fazer a cobertura em Cruz Alta, era transmitido ao vivo, nós ficamos dois dias lá. Foi a primeira cobertura de Festival, além da Califórnia, que por muitos anos nós transmitimos.

Como é que era a audiência na época em que tu começaste na rádio?

A audiência era bem boa. Nós entrávamos nas lojas, consultórios médicos, laboratórios e lá estava sempre a rádio Universidade. Era muito boa a audiência. Tornava a gente conhecido naquela época. Era uma rádio alternativa, tinha muita música e se fazia uma programação tipo FM. Seria uma linha como tem a Cultura hoje.

Entrevistado: João Teixeira Porto

Data: outubro/95

Em 69 eu entrei na rádio, comecei a auxiliar os outros e fazia programas, procurava reportagens e levava as pessoas para serem entrevistadas no rádio. Eu aproveitava a televisão e levava os mesmos, no rádio e na televisão, fazia tele-aula. Então, eu consegui fazer 960 horas/aula na televisão. Eu custei a conseguir o elo de ligação entre o professor universitário e o grande povo porque o professor universitário está acostumado a falar para alunos de intelecto já desenvolvido, que tem o segundo grau, e o povão das vilas não sabe. Então, eu queria descobrir o como fazer um professor dar aulas comuns pra gente comum, sobre aspectos importantes. Verminose, essas epidemias que dá, diarréias, que dá todos os verões, as doenças respiratórias. Então, ia aproveitando, aproveitava também os agrônomos, aproveitava todo mundo.

Fazia programas na rádio com isso?

Programas na televisão. Mas aí houve uma época que a rádio foi trocando de diretor e começou a cair. Saiu o Abelim, entrou outro, saiu aquele outro, entrou um outro, e a rádio começou a não ser mais ouvida. Assumiu a chefia do gabinete um grande sujeito, que é meu amigo, o Alexandre Chaves Amêndola, que disse assim "vocês vão deixar a rádio cair? tu vai deixar a rádio cair?", disse pra mim. Eu disse, "mas eu tenho curso de televisão." "Mas tu não tá na rádio? tu não escreve?", escrevo, "tu não é ator?" , sou, "então não deixa a rádio cair".

Isso quando mais ou menos, em que ano?

70. Aí o Saulo assumiu e me chamou: "Vamos fazer levantar essa rádio?", "Vamos."

Mas o senhor já estava na rádio?

Já.

O senhor fazia o quê?

Eu era produtor, eu escrevia cinco programas. Eu escrevi um ano sobre imigração alemã, quando fez 100 anos, 100 ou 150? 150, em 74. Nos anos seguintes eu escrevi, um ano sobre imigração italiana, pesquisei e escrevi. Então eu tinha um programa de uma hora nos domingos, sobre imigração alemã de São Leopoldo. Depois, eu escrevi um ano sobre imigração italiana, que eu tinha uma hora todos os domingos, letra e música da Itália. Eu tinha três programas semanais chamado "O Fabuloso Mundo da Verdade". Eu descobria coisas que fossem verdade e que não fossem conhecidas. Eu tinha um programa chamado "Os Grandes Momentos da História", que eu não relatava, eu encenava o grande momento. Dom Pedro II conversando com a Princesa Isabel.

Tipo radioteatro?

Radioteatro, mas um radioteatro educativo. Por exemplo, a II Guerra Mundial, decisões tomadas pelos grandes chefes militares que pontearam a II Guerra Mundial. Eu fazia o encerramento do rádio. Eu escrevia um programa "Simplesmente Boa Noite", 5 minutos diários, esse eu aguentei um ano, escrevendo todos os dias, 365 programas. Depois eu continuei no rádio, eu tive que sair um período, eu fui emprestado pro Centro de Ciências Humanas, fiquei 4 anos fora. Quando voltei, iniciei. Aí foi em 79.

Mas o senhor estava falando daquela época em que o Saulo lhe chamou, como é que foi aquilo?

Aí diziam "se as rádios de Porto Alegre têm o Flávio Alcaraz Gomes, nós também temos. O nosso Flávio pode fazer alguma coisa.". Então eu tive que escrever coisas incríveis, eu descobria, escrevia, apresentava, gravava e fazia. Então, houve época que eu tinha 6 programas escritos, era só gravar e apresentar.

E conseguiram levantar a rádio?

Conseguimos. A rádio começou a ser escutada. Depois entraram uns jovens que começaram a renovar a rádio com programas jovens. Aí eu me retirei e fui pro CCSH. Mas quando eu volte a rádio já era em Camobi. Quando eu voltei, em 82.

O senhor saiu em que ano?

Eu fiz 69, 70, 71 até 75. Depois saí, fiquei quatro anos fora e fui pro Centro de Ciências Humanas, mais um ano, 80, no Gabinete do Reitor, e dali eu voltei pra rádio. A pedido. Me chamaram. Daí eu voltei pra rádio novamente.

Já existia o radioteatro com a Maria Helena?

Não. Existia o "Era Uma Vez", que ela apresentava. Vinha umas fitas do Rio de Janeiro pra ela, mas não tinha quem escrevesse aqui. E ela perguntou "Tu não é capaz de fazer histórias?", sou, "então escreve pra mim". Daí eu comecei a fazer 15 minutos no programa dela. Eu comecei escrevendo sobre assuntos comuns, o canário Silvestrim, Nizinha, a coruja sofisticada. Eu tinha uma filha, tenho ainda, que tem os olhos muito grandes e quando era pequeninha chamava corujinha. Então eu fiz pra ela. Fiz pra outra filha minha. Depois eu fui fazendo e eu lembrei que o James Pizarro começou a trabalhar perto de mim. Ele fazia o "Antes Que a Natureza Morra", então eu me lembrei: eu vou usar o James pra mim, eu vou criar um personagem que cuida das espécies. Pensei e criei o sapinho Hortêncio, um sapinho verde, pequeno, mas com poderes sobrenaturais. E aproveitava situações normais da existência. Lembra uma vez que uma baleia ficou presa na Baía de Florianópolis? Eu fiz uma historinha: Hortêncio e a Baleia. Mas aí o Hortêncio não podia fazer nada, que ele era um sapinho pequeno, ele precisava de ajuda. Então, a minha história foi o seguinte: eu falei com o grande duende do Brasil, protetor das espécies de todo o país e o sapinho ganhou

poderes para ir até o fundo do oceano, falou com o Deus Netuno, e o Deus Netuno mandou as fadas protetoras das baleias até Florianópolis e fez as baleias se soltarem. Quando passou o filme ET eu fiz Hortêncio e o ET. Aquilo me despertou várias histórias. Enquanto eu tava escrevendo uma, eu pensava a seguinte. Então eu fiz Hortêncio e o Eremita, que foi, na minha opinião, o melhor que eu fiz. Depois fui fazendo histórias, havia uma idéia de encenar a peça. Mas como fazer o Hortêncio caminhar como sapo, do jeito que ele é, gordo,...usar crianças não dava. Uma peça minha foi encenada pelo Coronel Pillar: O Plantador Solitário. Eu me baseei na Lenda do Plantador de Maças da Califórnia, aquele que... dizem que as macieiras da Califórnia não foram plantadas. Agora foram, mas antes elas existiam como selvagens. Existia um sujeito no século passado que resolveu plantar maçãs e encontrou-se com um anjo. Na opinião dele, um anjo selvagem, um anjo bem comum, que começou a conversar com ele e saiu com ele. Então, ele plantou maçãs a vida inteira. Então as macieiras eram selvagens, agora são cultivadas. Depois teve o Teco's Bill que se apaixonou por Maria Rosa.

Somos iguais

de pessoas? Isso durou quanto tempo? Até o senhor sair da rádio?

Até 86. Enquanto eu estive lá eu escrevi no programa "Era Uma Vez", escrevi o "Fabuloso Mundo da Verdade", escrevi "Os Grandes Momentos da História". ...fim de um lado da fita... Eu escrevi uma peça dedicada a uma filha minha. Eu tenho uma filha chamada Gera que eu gostava muito, gostava não, eu gosto, mas é que ela era jovem naquela época. Eu escrevi uma peça: "Os Bastidores da Inconfidência."

Criar

Quantos

São

Foram duas novelas que foram ao ar pela rádio Universidade?

"O Príncipe em Nassau" e "Os Bastidores da Inconfidência". Esse aí aparece todos os personagens conversando. O Alvarenga Peixoto, o Luís Antônio Gonzaga, até eu fiz o Tiradentes, o Joaquim José da Silva Xavier apareceu conversando. Ele deixou 3 filhos no caminho. Ele caminhava do Rio para Vila Rica, ele levava três meses, depois em 1781, foi descoberto um caminho que levava da Vila Rica ao Rio, 21 dias. Então ele começou a fazer esse caminho e, no caminho, ele pregava. Então, até vou te dizer aqui, é que ele pôs a perder a revolução porque ele falava demais, ele tomava parte nas reuniões secretas, com Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, que é o autor intelectual da Revolução. E eu criei esse personagem e dediquei essa peça pra minha filha. Essa peça foi encenada todos os dias, 32 capítulos. Quando Tiradentes é condenado e está preso no calabouço no Rio de Janeiro, ele escreveu três cartas que nunca foram encontradas. Então eu escrevi as cartas na minha peça para os filhos dele e aconteceu um caso interessante: uma professora do Bilac foi me procurar para copiar as cartas que o Tiradentes tinha escrito, e eu não tive coragem de dizer pra ela que não era dele. Ela acha até hoje que é dele.

O que que mais marcou o seu trabalho na rádio durante esse tempo?

O seguinte: o grande trabalho que me deu, segundo, o ensaio. Era difícil reunir o pessoal. Depois de reunir começavam brincadeiras, e o teatro é uma coisa séria. Eu sou ator experimentado, da Escola de Teatro Leopoldo Fróes, entrei em 1944 e saí em 77. Então, valendo-me da minha experiência, dos conhecimentos, das peças que eu li, dos livros que eu tive que ler, eu comecei a escrever com facilidade. Então, o que me marcou foi isso. Eu criava uma história agora, para essa semana, eu já tinha a da semana seguinte na cabeça, da outra semana...

Foi uma coisa que deu muito prazer isso?

Deu muito prazer, muita satisfação. Agora, muita dificuldade em conseguir atores que conseguissem interpretar como eu queria.

Do rádio-teatro todo mundo participava, né?

É. E uma vez eu comecei a exigir demais e "para aí, Porto, nós não somos iguais a ti, nós não somos atores". Então eu comecei a diminuir o número de personagens, para usar os melhores. Porque no rádio tem que interpretar, dar valor à palavra. Mas o sapinho ficou famoso. Então, uma vez, eu recebi uma carta do Rio dizendo que as minhas peças não eram muito boas. Eu não me importei.

Mas era um grande sucesso isso na rádio?

Era um sucesso. Mas foi mandado pro Rio uma peça, e sabe como é que é que examina. A minha mulher fez um hino uma vez, "Santa Maria Criança", que foi cantado por 10 mil crianças, e foi pra Secretaria da Educação. Quando voltou, seis meses depois, era pra modificar uma linha, isso e aquilo. São pessoas que vivem em Gabinetes e que não sabem como é que se faz e qual é o campo de trabalho. É mesmo que um campo de batalha. O general decide, mas quem vai se arrastar no barro é o soldado. No dia que chegou essa carta, era um sábado, por acaso eu estava lá, subiu uma moça e eu vi que vinha uma criança gritando, falando diferente. E quando ela chegou, a criança era uma fã minha, tinha cinco anos e era mongólica. Aí ela disse, "Minha filha, vem cá, esse aqui é o pai do sapinho Hortêncio". Aí ela abraçou o meu rosto e chorou. E ela era débil mental, ela não era aquela professora do Ministério da Educação que disse que eu não sabia. Essa mongólica entendeu e aquela que tinha cérebro bom não entendeu. Mas eu não liguei, continuei escrevendo como eu queria.

Mas como é que foi parar lá?

Nós mandamos, porque tinha que mandar pro Ministério da Educação um programa por mês, para aprovação ou não. E não foi aprovado. Mas eu não creio muito nessas críticas comuns, eu creio nos críticos de valor.

Como é que era a programação da rádio em geral, na época em que o senhor trabalhou lá?

Começava às sete horas com o "Querência Xucra", do José Vasser, que depois passou pro Sérgio, e depois pro Norton. Depois disso, às nove da manhã passava um programa de entrevistas. Eles pegavam o telefone, ligavam e entrevistavam pessoas. Depois vinha a "Editoria da Notícia". Depois, de tarde eu não ia. Eu escrevia. Meus ensaios eram às quartas-feiras, aí o dia todo era meu. O locutor que eu mais gostava de usar era o Roberto Montagner, excelente locutor, pra fazer a narração. Porque em rádio tem que haver a narração pra situar uma cena e outra.

O senhor trabalhou mais escrevendo mesmo, por ter essa origem no teatro...

É...agora, que eu produzia, que tinha que ler e apresentar, era "Os Grandes Momentos da História" e "O Fabuloso Mundo da Verdade", "Letra e Música da Itália" e "Imigração Alemã". Esses eu apresentava. Eram 12 minutos. Eu falei sobre a ilha da Páscoa. A ilha da Páscoa é uma ilha chilena que fica 4.500 quilômetros do Chile, lá no meio do Pacífico. Eu soube dela porque eu sou militar e eu me lembro de um telegrama da I Guerra Mundial, que os ingleses captaram, porque havia um corsário que estava afundando os navios ingleses, e captaram um telegrama que dizia "Estou navegando entre o Chile e a Ilha da Páscoa". (segue falando sobre a ilha da Páscoa e estátuas existentes lá)

Entrevistada: Maria Helena Mello

Data: agosto/95

Como é que foi teu início na rádio Universidade?

Eu comecei na rádio Universidade no ano de 74 e o meu primeiro trabalho foi o programa infantil "Era Uma Vez", que, sem dúvida nenhuma, foi o que marcou realmente, porque trabalhar com o público infantil sempre me atraiu, eu sempre gostei muito de criança, então o meu trabalho foi nesse sentido. A duração era de uma hora, aos domingos e, dentro deste programa, eu procurava levar as historinhas que as crianças gostam, as músicas infantis, mas, acima de tudo, transmitir cultura, informações de saúde, tipo escovação de dente que a criança é muito arredia nessa parte, então eu procurava sempre informar, levando professores, dentistas, que explicavam...enfim, tudo nessa área de saúde, de educação, o programa levava tudo isso para as crianças. Aí foi indo, vários setores que eu passei, vários programas, mas teve um outro também, que foi marcante pra mim e acho que em termos de sintonia, foi "Universidade Feminina", que eu fazia na parte da manhã, com duas horas de duração e ali a gente tinha participação, mulher e direito, mulher e saúde, cada profissional dessa área ia nesse horário fazer a sua participação, informando e educando através do rádio, que naquela época o fundamental na programação da rádio Universidade seria a educação e a informação ampla. Na parte musical inclusive, se tinha muita música ambiental, era uma rádio alternativa, uma rádio que não era competitiva, e esse programa concentrava tudo com relação não só à mulher, porque a informação de um modo geral entrava nesse horário.

Esse programa "Era Uma Vez" foi criado com a tua entrada na rádio?

Foi, o programa Era Uma Vez, toda a produção, a apresentação, foi minha. Claro, eu levava sempre participantes, mas a produção era minha. Já anteriormente, em outra emissora, esse programa, não com esse nome, mas já existia um programa infantil com a participação da Maria Helena. Eu trabalhava muito em cima de pesquisa, redigia os textos e levava ao ar. Com o passar do tempo foi se aprimorando e mais recentemente a gente teve, inclusive, que marcou muito, radioteatro, através de histórias criadas pelo João Teixeira Porto e era o sapinho Hortêncio, ela era interpretada pelos próprios funcionários da rádio. Todos participavam e ali se criava, eu lembro por exemplo do Sapinho Hortêncio indo à romaria, ele ia acompanhar a romaria, ele era interpretado pelo professor James Pizarro e tinha inclusive a musiquinha que ela cantava dentro da história, isto marcou muito. Era muito bonito, às vezes a gente tinha dez, doze dentro do estúdio, cada um interpretando seu papel. Uma história educativa, sempre levando para o lado ecológico e sempre se tinha muita solicitação para que reprisassem certas histórias. A gente tem até hoje arquivadas as fitas em que era tudo gravado, até pra gente poder depois ouvir e, funcionários, estagiários da Comunicação, que participavam daquelas histórias, que hoje estão muito longe, a

gente já nem sabe onde estão e a gente identificando as vozes é bonito lembrar. Então foi evoluindo o programa até chegar a ter radioteatro.

Em que época foi isso e quanto tempo durou?

Isso foi já quando a rádio estava no Campus, em torno de uns sete anos ela durou. Não foi mais ao ar porque as pessoas vão se transferindo e vai dificultando. Uma coisa que me marcou, porque foi uma coisa meio que inesperada, em 84, era comum ser editada na Universidade uma agenda pra ser distribuída entre a população e os visitantes, e foi distribuída essa agenda de 84 com a nossa foto e o nome do programa "Era Uma Vez". Foi uma coisa que me marcou porque eu acho que foi carinho, foi uma referência especial. Em termos de apresentação de programas também, a gente tinha muita transmissão externa, se transmitia tudo, as formaturas inclusive, eram todas transmitidas pela rádio Universidade e arquivadas as fitas, então a gente transmitia exposições e essas externas sempre traziam algo especial pra gente, isso também me marcava muito. E mais recentemente foi na minha carreira dentro da rádio Universidade, foi o Jubileu de Prata que a gente comemorou em 93 e dentro de toda a programação, foi uma coisa que me emocionou, que eu gostei muito, inclusive um baile no Clube Esportivo a gente realizou, e a presença dos ex-colegas, todos, foi muito bonito, muito gratificante dentro da minha carreira na rádio Universidade. Foram 21 anos de trabalho e também por aí passaram muitos e muitos colegas, de todas as áreas, porque anteriormente não era vinculado só à área de comunicação, a gente tinha bolsistas de Medicina, de Zootecnia, enfim, qualquer área. Então, muitos desses deixaram recordações que se tem com muito carinho guardado. Eles trabalhavam em todas as áreas, operador, discoteca, locutores. Em épocas bem anteriores, quando a rádio funcionava no prédio da antiga reitoria, no centro da cidade, tinha o programa "Querência Xucra", que era apresentado na época pelo José Vasser. Em épocas de aniversário da rádio, cinco horas da manhã o pessoal começava já a se deslocar, com um entusiasmo muito grande até o prédio da reitoria, e quando o programa começava já tinha quase que toda a equipe por lá e desde chimarrão, café, salsichão, enfim, se fazia uma festa, até a metade da manhã quando começava outra programação, mas o dia todo o pessoal ficava envolvido dentro da festividade da rádio. Também em muita virada de ano, muitas vezes se passou dentro do estúdio da rádio, desde o diretor até o mais humilde funcionário. Todo mundo gostava de participar. Também tem uma passagem interessante, em que eu não lembro o ano, era uma época em que existiam aqueles telefonemas anônimos, denunciando bombas e naquele dia tinham ligado pra rádio dizendo que tinha uma bomba dentro do prédio e eu não tinha nem tomado conhecimento, chegou o meu horário de trabalho, cheguei em frente ao prédio, tava aquela confusão formada, não dava pra entrar, o prédio tinha sido evacuado, tinha ficado só o operador lá em cima, mas eu subi. Cada volta daquele andar parecia que a bomba já ia explodir, que ia ir pelos ares, mas felizmente nada disso aconteceu. Fiquei, cumpri meu horário, só eu e o operador lá dentro.

Entrevistada: Nedi Medeiros Lima
Data: outubro/95

Nos conte um pouco sobre a sua experiência aqui dentro da rádio Universidade, suas lembranças...

Ah... tem muitas lembranças, né. Faz anos que eu trabalho aqui, 10 anos. Adoro esse serviço aqui, o pessoal são muito bom. Todos da rádio, não tenho uma queixa de nenhum. São mesmo que uns pais pra mim. As vezes mil vezes eu tá aqui no serviço do que na minha própria casa, né, de tanto que eu gosto daqui. Sou muito querida por eles aqui, gosto muito deles, graças a Deus. Até que agora eles me tiraram daqui uns meses. A dona Áurea batalhou, batalhou, até que ela me trouxe de volta. Graças a Deus. Eu fiquei feliz, feliz quando eu voltei. Conheço muita gente, todos foram bons pra mim. Os diretores, tudo. Eu adoro meu serviço.

Alguma lembrança que a senhora tenha da rádio, de quando a senhora entrou...

É... só teve troca de setores, de serviços. A dona Áurea trabalhava naquela sala, depois, passou pra aquela outra lá, na...como é que a gente diz...a Assessoria, né? Daí agora ela passou a diretora. É, outros já saíram aposentados. Que eu me lembro de diretor da rádio, é o seu Gaspar, o Nicola, o Vinadé, o seu Montagner, o César Saccol e agora a dona Áurea. Isso que eu me lembro dos diretores da rádio. Todos foram ótimos pra mim.

Durante todo o tempo que a senhora esteve aqui, esses foram os diretores?

Foram, foram eles os diretores.

E alguma mudança que a senhora tenha notado...alguma coisa diferente, alguma lembrança de alguém em especial?

Não, não me lembro, sempre...parece que continua sempre o mesmo né, a mesma coisa sempre assim, os operador tudo assim, bem legal. Eu não vejo nada de diferença quase.

A senhora saiu daqui e foi pra onde?
Eu fui pro Centro de Educação.

E não gostou?

Eu não gostei. Por fim eu já tava me acostumando. Eu tava me acostumando, mas meu sentido era daqui. É muito serviço, tudo diferente, não tinha nem onde parar lá, assim sentar um pouquinho embaixo da escada, tudo ruim, sem uma peça pra gente, nada. Aqui eu sempre me acostumei. Estranhei muito. E trabalhar junto também, eu gosto sempre de trabalhar sozinha As vezes eu quero fazer um serviço a outra já diz, não quero, isso e aquilo. Eu gosto

quando eu tô disposta a fazer, fazer. Quando me pedem também pra fazer um serviço que eu gosto, vou de boa vontade.

Aqui a senhora trabalha sozinha?

Sozinha.

É como uma família pra senhora aqui?

É, como uma família. Sempre me dão presente no final de ano, de Natal. Claro, nem por isso, mas, né, bah...

Demonstram carinho...

É...

Isso que a senhora tava sentindo falta lá, tudo diferente..?

Ah, é! As pessoas mesmo, mas eu já tava fazendo amizade lá. Graças a Deus sempre onde eu ando, eu sempre me dou bem com as pessoas, claro. Mas dez anos é bastante. Acostuma mesmo.

A senhora ouve a rádio?

Aonde, em casa?

É.

Não.

A senhora não tem rádio?

Eu tenho rádio, mas eu não tenho quase tempo de escutar, sabe?

A senhora ouve aqui mesmo, ou não?

É...aqui. Isso mesmo. Rádio em casa eu nunca ligo. Ouço aqui.

Qual programa que a senhora mais gosta, quer dizer, tem algum que a senhora goste mais ou não?

Não, não tem.

A senhora ouve tudo? Quando está trabalhando está ouvindo?

É, as musiquinhas bem boa que dá.

A senhora prefere música.

É, gosto de uma musiquinha. Eu gosto assim quando tá calmo uma musiquinha é bem bom, né?

Entrevistado: Nicola Garofallo

Data: agosto/95

O reitor, o Dr. Mariano, o reitor fundador da UFSM entendia que a universidade tinha que ter um canal de comunicação com a comunidade, uma emissora educativa com a missão de levar cultura, naquela época não tinha FM, então a rádio Universidade era uma espécie de FM em AM. O canal foi concedido pelo governo e a UFSM implantou a rádio Universidade aqui no terraço da antiga reitoria.

Quais as lembranças que o senhor tem do início da rádio Universidade?

Eu acredito que essa idéia já estivesse na direção superior da Universidade antes, bem antes. Um canal de rádio-difusão, a concessão desse canal é precedido por todo um processo, em que se tem que fundamentar o pedido para ter a concessão. E aí então uma série de coisas tem que ser providenciada. O equipamento, os estúdios, a área da torre, os transmissores, isso tudo corre por conta da pessoa que vai ter essa concessão. O Dr. Mariano tinha uma idéia muito objetiva em relação a isso e convidou para ser a pessoa que fosse tocar esse projeto adiante o Antônio Abelim. Mas não era só rádio, ele pensava numa divisão de imprensa, rádio e TV Educativa. A universidade mais tarde teve o canal de televisão e usou esse canal de TV. Aí é uma outra história... foi o embrião da TV Imembuí. Mas a rádio é bem mais simples que a televisão porque demanda equipamentos bem mais reduzidos, mas tudo primando pela qualidade. Os estúdios da rádio Universidade funcionaram durante muito tempo no terraço da antiga reitoria. Ali eram instalações pequenas mas confortáveis. A programação foi bem estudada, era bem trabalhada, com locução ao vivo. A locução era ao vivo com um grupo dos melhores locutores da cidade e do estado.

Como era composta a equipe?

O Antônio Abelim, diretor, o Quintino Oliveira e o Saulo Dalfollo, no Departamento de Produção, o Luiz Fernando Vinadé, responsável pela discoteca, pela parte de programação, os locutores, o Antônio Borges, Landri Lüdke, o Samuel Santos. O Vinadé também era um locutor muito bom, o próprio Quintino, o Saulo, eram pessoas que já tinham experiência em rádio e formaram uma grande equipe. Eu comecei como repórter, no setor de divulgação, que distribuía informativos também para os outros órgãos da cidade. Ali trabalhava o Carus Giuliani, o Harb Outro que também fez parte da primeira equipe foi o engenheiro Flávio Baldissera, do setor técnico da rádio.

Quais foram as dificuldades para colocar a rádio no ar?

Eu acho que não houve problemas porque já existia esse plano nacional de rádio educativo e normalmente as Universidades tinham a prerrogativa por canais educativos, tanto de rádio como de TV. Houve muito empenho do reitor e das pessoas, mas a questão é que a Universidade tinha que

investir a parte dela no equipamento. Talvez aí, comprar o equipamento pro estúdio, os transmissores, enfim, tudo que precisasse pra rádio funcionar.

Foi quanto tempo de preparação, antes da rádio entrar no ar?

Ela transmitiu um bom tempo em caráter experimental, não sei te precisar quanto tempo. Muita música selecionada. Eu me lembro dos comentários, que era uma programação excelente, tava entrando no ar uma emissora com características semelhantes, na época, à Guaíba de Porto Alegre. Com características assim, principalmente de sobriedade na programação.

Eram mais notícias culturais e da Universidade ou abrangia a cidade?

Algumas coisas da cidade, mas principalmente voltada pra coisas culturais, pros acontecimentos da Universidade, do Ministério da Educação se noticiava muito e evidentemente se noticiava assuntos da cidade. Mas o destaque maior era pra Universidade e assuntos culturais. Haviam pessoas que aplaudiam essa idéia e outros achavam que não, que por ser uma rádio em ondas média, AM, ela deveria seguir os mesmos... características das suas co-irmãs, que faziam um noticiário local muito ativo. Mas essas pessoas não levaram, porque a rádio continuou com essas características. Com esse estilo de programação ela não atrapalhou o mercado, as outras emissoras continuaram seu trabalho e a rádio Universidade tinha suas características especiais, não concorria diretamente. Se bem que em determinadas época ela teve uma audiência fantástica, muito boa mesmo. E as pessoas que falavam mal da rádio diziam que ela não tinha audiência.

Ela chegou a ter maior audiência que as outras em algum período?

Bom, os empresários de rádio sempre mediram a audiência dos seus veículos pra saber a quantas andam as coisas, e aqui em SM não foi diferente. Só que a rádio Universidade não tinha faturamento e não tinha recurso, assim, dinheiro ao vivo para entrar num esquema desses, então ela nunca participava e consequentemente não tínhamos uma idéia exata...e isso era segredo guardado a sete chaves, o empresário guarda, quando não interessa...e nós ficamos à margem dessa pesquisa do IBOPE durante um bom tempo e numa época, mais tarde, vem uma pessoa nova do IBOPE em Santa Maria pra fazer os contatos, pra uma nova pesquisa, e ele foi me procurar na rádio. E pra demonstrar o trabalho do IBOPE ele me mostrou uma planilha do ano anterior e me deixou pra minha análise. Eu rapidamente mandei xerocar aquilo porque os números da rádio Universidade eram ótimos, justamente num momento em que afloraram muitas críticas. Isso foi em 73, 74, por aí eu acho. Outro dia ele veio buscar o documento, eu agradei e disse que a rádio não tinha condições. Mas aí com esse documento oficial do IBOPE nós desmanchamos muitos mal entendidos dentro da própria rádio Universidade. Nós aí divulgamos que a rádio em muitos horários estava muito bem. Porque as pessoas gostavam do estilo da rádio Universidade, era uma rádio sóbria, com música boa, com informações, com muita coisa cultural, nós

tínhamos muitos estudantes ligados à rádio. Nós tínhamos colaborando com a rádio alunos de vários cursos. Embora as instalações fossem pequenas passava por ali muita gente, trazendo material, ajudando. Eu lembro, no início, a Califórnia da Canção em Uruguaiana, era uma coisa importante, mas ainda não se tinha descoberto...quem nos trouxe o LP da terceira ou quarta Califórnia foi uma aluna, da Faculdade de Direito, que tinha estado lá e que achou muito interessante o Festival e trouxe o que aconteceu, o disco de presente. Nessa época nem se sonhava em transmitir um Festival de música gaúcha, e a rádio Universidade nesse ponto foi pioneira, porque ela que começou a transmitir a Califórnia e foi uma coisa que fez muito sucesso, depois as outras emissoras entraram em cadeia, começaram a transmitir junto. Mas tu estavas me perguntando da fase experimental. Se rodou uma programação piloto, pra em maio de 68 entrar normal. Eu acho que nessa fase experimental muita coisa foi acertada em termos de intercâmbio, a rádio Universidade se preocupou em intercambiar e aí que eu acho que foi um trabalho do Dr. Abelim, do Quintino Oliveira, do Saulo, que eram do departamento de produção. Eu acho que nessa fase, e depois continuaram, os contatos pra rádio receber material educativo de emissoras como a Deutsche Welle, da Alemanha, a BBC de Londres, que eu acho que até hoje eles mandam material, a BBC mandava programas fantásticos, culturais, sobre música, sobre teatro, atualidades, a Deutsche Welle também com material de alta qualidade. Então, também dos países baixos, a rádio Niderland. Chegavam e a rádio Universidade não tinha um centavo de custo, chegava gratuitamente e nos dava um molho dentro da programação que contribuía para que as pessoas assim gostassem, porque as outras emissoras não pensariam num programa produzido pela BBC e tinha programas às vezes de meia hora, 40 minutos de duração. Aquilo vinha com um molho europeu, muito bem produzido, então isso aí foi formando um acervo, porque esse material, fitas e discos que vinham de lá não precisavam voltar, podia ficar. Então a gente podia reprogramar, o programa não perdia a atualidade, então nós tínhamos ali um material riquíssimo. Claro, era uma emissora educativa, ela teve um intercâmbio muito próximo com a FEPLAM. Aí a coisa se sofisticou mais, chegaram a ter os telepostos. Era um trabalho integrado, a rádio era o veículo, a FEPLAM produzia os programas, entrava a parte da Delegacia de Educação e, de tal a tal hora, em horários noturnos, esses telepostos entravam em funcionamento com os alunos e o acompanhamento pelas apostilas. Foi uma coisa bem sofisticada.

da rádio

comunicar

universidade

E por que acabou?

A rádio, por ela não tinha problema nenhum, nunca teve, porque justamente entrava num horário tipo oito horas, horário pra teleaulas, um horário pra nós ótimo. A FEPLAM produzia todo esse material didático pra rádio, então já vinha tudo, era só colocar a fita com a aula. Eu realmente não sei. Pelo estado...porque precisava um acompanhamento, e aí entrava a parte didática que não era nossa, tipo delegacia de educação, secretaria de educação, envolvia esse pessoal todo, a gente só sabia que tinha tantos telepostos, no colégio tal, tal e tal, e que de tal a tal hora nós tínhamos aquele compromisso de veicular aquele

material. Isso foi por volta de 1970 e que durou bastante tempo. Depois daí muda o Secretário de Educação, e acha que a coisa não é por aí e não dão segmento a uma coisa boa, que eu acho que isso aí era uma coisa boa, porque, pelo menos, em várias partes do mundo a gente sabe que funciona assim, justamente para pessoas que não têm condições de assistir uma aula formal, através do rádio, com uma didática toda especial, e mais acompanhamento e mais apostila, pelo menos se tem bons resultados.

A rádio começou num período de ditadura, em 68. Isso interferiu de alguma forma na rádio ou não?

Não havia preocupações maiores com a rádio Universidade, porque como era uma emissora voltada para a educação, cultura, ela não teve... não lembro de problemas. Não havia preocupação. Claro que alguns episódios, isolados, de coisas... por exemplo, eu me lembro quando a rádio começou a falar muito em ecologia e houve um mal entendido, porque quando se fala em ecologia é sempre uma linguagem mais contundente pra poder mexer com as pessoas, e isso aí foi mal interpretado, foi interpretado como assunto proibido. Esse é apenas um exemplo. Eu acho que como a rádio Universidade foi de uma certa forma pioneira no movimento da música nativa, na parte de ecologia eu acho que ela também foi pioneira porque ela começou sistematicamente a divulgar essas idéias de preservação do meio ambiente, que na época causavam até, parecia uma coisa meio louca, mas que hoje está aí todo falando a mesma coisa. Mas também eu lembro que isso não foi qualquer coisa que impedisse, não, foi algum comentário, mas a gente continuou falando nos assuntos sem maiores intervenções.

Fato marcante:

Olha, eu acho que todo o trabalho lá na rádio era feito com muito entusiasmo por parte de todos, realmente era um a equipe muito boa, uma equipe entusiasmada com o que estava fazendo, justamente pela rádio ter aquelas características, abrir espaços. Então isso dava uma certo charme na programação e todo mundo trabalhava muito bem. E também a vida universitária, por estar inserida neste contexto, eu me lembro que a gente recebia muitos estudantes, os diretórios tinham programas na rádio, tanto o central quanto os dos cursos, então isso dava um clima de muito entusiasmo. Eu me lembro de momentos muito importantes da rádio. As datas, sempre se fazia uma festa na data de aniversário da rádio, era uma coisa muito badalada, importante. Cada ano era muito comemorado. No mais, como repórter ali eu acompanhava a vida da universidade, ligado diretamente à reitoria, então eu tive oportunidade de estar naqueles grandes momentos que a universidade vivia. A reitoria ali da Floriano, eu costumava dizer que funcionava num esquema quase de embaixada, porque era difícil o dia que não tivesse um professor, um visitante importante de alguma parte do mundo.

Quanto tempo a rádio ficou no centro?

Ficou desde a fundação até o final do reitorado do Derblai Galvão, foi durante o reitorado do Derblai que, aí a reitoria já havia se mudado e nós ficamos na cidade, e aí ficou uma coisa meio... claro que era muito confortável... mas a reitoria já estava funcionando lá fora.

Essa mudança foi boa ou não?

Pra rádio foi boa. Se ela não tivesse se mudado pra lá nós teríamos que pôr uma sucursal lá, pra cobrir os acontecimentos do Campus, ou então ela abraçar uma outra linha e fazer as coisas da cidade. Porque se ela é uma emissora que tinha como prioridade os assuntos da Universidade, da cultura, da educação, enfim, pra divulgar a Universidade. Porque, logo que passou pra 10 KZ, eu tava na direção, o transmissor de 10 Kz estava funcionando em condições, na frequência em que nós transmitíamos, a rádio Universidade era ouvida, por exemplo, em fazendas em Uruguaiana. Muitas pessoas acompanhavam o resultado do vestibular na praia, muito frequentemente você saía de Santa Maria pela estrada velha de São Sepé e ia quase até a ponte do Guaíba ouvindo. Nós recebíamos cartas de ouvintes em Dourados, no Paraná, onde tem uma colônia de santamarienses muito grande. Nós, quando abríamos programas pedindo que as pessoas escrevessem, até era motivo de orgulho pra nós que não tínhamos as pesquisas do IBOPE, expor essas cartas nos murais, fazer notícias, eu fiz muitas notícias dando a opinião do ouvinte. Quer dizer, o alcance da rádio Universidade era muito grande, porque ela trabalhava numa frequência privilegiada. Depois começaram as crises de recursos, o dinheiro foi escasseando, e aí as coisas vão se deteriorando porque a manutenção tem que ser diária. A rádio tem dois transmissores, o principal e um menor, então quando um tá em manutenção, tu trabalha com um menor, então tinha o de 10 e o de um, mas o de dez foi indo, foi indo, e aí eu não estava mais. No início era um, quando eu fui diretor da rádio, eu acho que duas coisas muito importantes foi o aumento de potência de um pra dez, com o correspondente transmissor de 10 KZ e a Universidade não tinha dinheiro pra comprar esse transmissor e eu consegui esse transmissor doado pra rádio, transferido da rádio MEC, eu descobri esse transmissor no Rio de Janeiro dentro de uma sala, porque a rádio lá tinha aumentado a potência, e a UFSM gastou só o frete e isso foi um negócio sensacional, nós estávamos correndo contra o tempo, havia um prazo pra instalar, mas nós conseguimos chegar dentro do prazo e colocar os 10 KZ no ar. A outra coisa foram os novos estúdios. O reitor me deu pra escolher no prédio da administração central o local pra instalar as novas instalações da rádio, que aqui não tinha mais condições mesmo, tava muito apertado, a parte elétrica também tava dando choque até nas paredes, aí nos foi destinado, nós chegamos a um consenso que o melhor seria no décimo andar e aquilo lá estava desativado, não tinha sido nem feito o acabamento da obra, lembro que tinha muito entulho, restos de construção do prédio. Então ali foram construídos os novos estúdios da rádio, com características muito importantes, técnicas também, porque a gente se preocupou com a proximidade com a Base Aérea, então os estúdios tinham que ter um acabamento acústico muito bom pra

que não houvesse problemas. Nesta época também nós inauguramos um sistema, era um enlace entre o estúdio e a torre, um enlace em frequência modulada, era o link, eliminando a linha física. Porque a linha física sempre era um problema, nós funcionávamos aqui, o som ia pra torre por um fio, saia da cidade e dava mil voltas por aí tudo, ia lá na torre e isso dava interferência, era um pavor. E com link são duas antenas que se enxergam, o som que sai daqui é o mesmo que chega lá. A reitoria nos deu muito apoio, compramos gravadores e microfones de ótima qualidade. Os estúdios, no fundo foi feito um auditório, porque a idéia era colocar um piano lá pra apresentações, fazer programas de música erudita, programas de debates. A idéia do piano foi bem recebida, mas aí eu saí, se eu tivesse ficado lá eu teria colocado um piano lá. Alguns falaram: Mas por que um auditório? Não. Mas tem que ter. A rádio ficou assim, com um auditório completo, com cabine de som própria, um estúdio principal, locução e técnica, um estúdio de gravação, locução técnica e mais uma sala e um quarto estúdio que, na minha concepção era um estúdio pra FM, já ficou prontinho.

Quais eram suas funções desde que o senhor entrou lá?

Bom, eu entrei como repórter, eu trabalhava em jornal, eu posso dizer que fui funcionário da empresa do Assis Chateaubriand, dos Diário e Emissoras Associados, que eu comecei a trabalhar no jornal dos Associados. Fui para universidade como repórter. Me atraiu muito a idéia de que a cidade ia ganhar uma emissora educativa, ligada a uma universidade. Isso aí, naquele meu início de carreira me chamou muito a atenção, achei uma coisa assim muito interessante. Então eu vim pra rádio como repórter, iniciante. Depois me registrei como jornalista profissional. Não havia o curso de Comunicação, o curso veio bem depois, me registrei e comecei a trabalhar como redator. Fui chefe substituto de seções, porque era Divisão de Imprensa, Rádio e TV Educativa. Quando mudou pra lá virou Departamento de Divulgação e que depois terminou e hoje é só rádio Universidade. Depois fui diretor da rádio. Depois de diretor eu trabalhei como assessor de comunicação do reitor Benetti. Aí saí da rádio.

Quantos anos de rádio?

Desde 68 até 84, 85.

O que havia de mais gratificante em trabalhar na rádio Universidade?

Trabalhar na rádio Universidade naquela época, em si só, já era muito gratificante. Pela equipe, pelo tipo de trabalho que se fazia, pela preocupação de trabalhar num veículo de comunicação voltado para finalidades educativas e culturais. Na minha vida profissional de jornalista foi uma das coisas melhores que podia ter acontecido, por durante todos esses anos ter me dedicado e contribuído de alguma forma para que essa emissora cumprisse o seu papel. É muito emocionante hoje lembrar alguns fatos, como era o nosso dia de trabalho, às vezes não tinha hora pra terminar, tal o entusiasmo com que a gente fazia as coisas. Eu me lembro de até mais tarde as pessoas ficarem lá montando seus

programas, enriquecendo, pesquisando, para que fosse ao ar o melhor possível. Claro que houve deficiências, nada é perfeito. Mas a experiência rádio Universidade marcou não só a minha vida, mas acho que a vida de todos que durante esse tempo estiveram lá.

Problemas:

A rádio sempre correu atrás de recursos financeiros porque ela dependia do orçamento da universidade. Mas de uma certa forma a universidade sempre procurou atender na medida do possível. E também sempre houve uma preocupação muito grande para se manter uma equipe boa, uma preocupação com os recursos humanos.

Entrevistado: Norton César

Data julho/94

Meu começo foi em 1974, quando a rádio Universidade funcionava no antigo prédio da ex-reitoria. Eu iniciei fazendo o que eu faço até hoje, comecei como locutor e sou locutor nestes 20 anos de rádio Universidade. Desde o início nós tínhamos o compromisso de além de trabalhar na locução, de produzir programas na rádio Universidade, que nestes 20 anos tivemos várias transformações, por motivo de ideologia, de filosofia, de cada diretor e de cada administração que a rádio teve nesses 20 anos, inclusive a sua troca de instalação aqui para o Campus, um outro fator assim, pelo menos importante, porque, importante assim num questionamento mais profundo, porque até hoje muitas pessoas não entenderam o que veio fazer a rádio Universidade no Campus, sendo que a proposta inicial e o objetivo maior seria de estar em contato permanente com a comunidade de Santa Maria e também da Universidade, evidentemente. Mas são coisas assim que se passaram nestes 20 anos e que o nosso trabalho, o nosso início de trabalho dentro da rádio Universidade, até hoje estamos seguindo as orientações dessas administrações.

E os programas que tu desenvolveste, apresentaste e produziste durante esses vinte anos?

Bom eu tive um programa...é bom lembrar também que a rádio Universidade há 20 anos atrás, ela era uma das emissoras que tinha picos de audiência na cidade e na região, uma porque nós não tínhamos as FMs que hoje temos aí, então tínhamos duas emissoras que no mundo jovem, houve até uma certa rivalidade na época entre a rádio Universidade e a rádio Medianeira, pela proposta de programação que oferecia à comunidade jovem. Naquela época eu fazia um programa dirigido ao jovem, eu fazia o programa Seleção Nossa, especial, onde nós dávamos um giro pelo mundo da música e com as músicas de sucesso. É o que faz a FM hoje. De uns anos pra cá eu comecei a me interessar pelo nativismo. Além do nativismo é bom lembrar que fiz muito noticiário, novela, rádio-teatro, esse rádio-teatro nós tínhamos um produtor, que foi até diretor da rádio, o Saulo, que produzia, junto com o João Teixeira Porto, onde nós também trabalhávamos como atores do rádio. Depois me interessei pelo nativismo, comecei a vivenciar o nativismo, isso já faz mais de 10 anos, e de lá pra cá eu tenho trabalhado nessa área do nativismo. Não só na rádio Universidade como em outra emissora que eu trabalho também, participo dos festivais e tudo mais. Então os programas, o "Seleção Nossa", que era voltado para o jovem, nós tivemos também um programa para o motorista, chamado "Faixa de Segurança", de educação para o trânsito, era um programa muito ouvido, onde nós tínhamos a participação do Sindicato dos Motoristas de Santa Maria, dos motoristas de Santa Maria e da região toda, foi um programa muito ouvido. E depois, quando a rádio terminou com a proposta de uma rádio cultural, nós também terminamos com o programa.

Até quando foi essa proposta de rádio cultural e por que mudou?

Eu não lembro bem ao certo, mas terminou porque cada diretor e cada administração tem uma proposta de trabalho para a nossa rádio Universidade. Particularmente, e bem particularmente, eu sou contra. Acho que qualquer emissora de rádio que... seja ela estatal ou de uma empresa privada, ela deve ter um corpo, uma linha, e dentro dessa proposta ela desenvolver o seu trabalho por conta do futuro aí, sempre dessa proposta. A rádio Universidade, infelizmente do meu ponto de vista, não tem obedecido isso aí, pois nós tivemos inicialmente uma proposta de música clássica-erudita, depois nós tivemos uma rádio com uma proposta eminentemente cultural, onde nós tínhamos desde programas culturais, textos culturais, nós tínhamos a programação toda ela voltada para a cultura de uma forma geral, isso com produção, com apresentação, enfim, a rádio era voltada inteiramente pra isso. Depois tivemos uma outra fase, onde a rádio Universidade teve uma proposta musical, de música nacional, internacional, e hoje estamos com uma proposta de um radiojornalismo.

Quando é que a rádio atingiu o pico de audiência?

Foi justamente nesta fase em que ela atingiu o público jovem, e foi onde, juntamente com a rádio Medianeira, as duas emissoras que tinham essa proposta na época, que obteve o maior pique de audiência. Foi antes de 74, antes da minha época. Eu entrei quando a rádio estava nesta situação. Depois nós tivemos a manutenção de programas premiados inclusive a nível de Padre Landel de Moura, entre outros, mas já com uma outra proposta, já com uma proposta de uma rádio cultural. Esta premiação foi de um programa nativista, o primeiro que nós tivemos em Santa Maria, com a produção e apresentação do José Figueiredo Vasser, o programa "Querência Xucra", e isto já em 71 72, por aí. A rádio Universidade é pioneira na cobertura de trabalhos musicais como a Califórnia da Canção, a rádio Universidade é a única emissora, talvez, fora de Uruguaiana, que acompanhou a Califórnia desde sua primeira edição, através do produtor que era na época José Vasser. Depois, esse programa "Querência Xucra" foi premiado com o troféu Negrinho do Pastoreio, uma premiação estadual, instituído pela Padre Landel de Moura, mas já com a proposta de termos uma programação cultural, em todos os sentidos, iniciava as sete horas da manhã com este programa, "Querência Xucra", depois nós tínhamos ali vários outros programas também voltados para a cultura.

Entrevistado: Quintino de Oliveira

Data: julho/94

Eu entrei para a rádio Universidade antes de ela abrir oficialmente. No dia da inauguração quem representava a rádio Universidade era eu, porque o diretor Antônio Abelim estava viajando. Então ele me deixou as credenciais para representá-lo e a abertura oficial da rádio Universidade foi feita, com as autoridades da Universidade, Dr. Mariano da Rocha, ... Mas a história começou na verdade bastante tempo antes. A rádio começou em 68, mas já em 65 eu comecei a ter algum tipo de relação com esse serviço da Universidade. Em 65 eu havia me formado e fui encaminhado pela própria Universidade para realizar um curso de televisão educativa no Rio de Janeiro, em que 55 brasileiros, de praticamente todos os estados, receberam esse curso, porque naquela época falava-se muito no Brasil em TV Educativa e já existia uma experiência concreta de televisão ligada a Universidade que era lá no Recife, existe até hoje a TV Cultura, do Recife, pretendia-se abrir uma em São Paulo, etc., e o Dr. Mariano sempre pensou em ter uma TV Educativa ligada à Universidade, aliás, o Dr. Mariano da Rocha era pioneiro na utilização de televisão pro ensino, porque aqui em Santa Maria, no Hospital Astrogildo de Azevedo, ali na Presidente Vargas, funcionava o curso de Medicina, as aulas práticas e foi colocado um sistema de TV em circuito fechado para as aulas de cirurgia, eu não tenho nem referência de data, mas é uma coisa muito antiga, mas isso assegura à UFSM o pioneirismo no Brasil de utilização de TV no ensino. Então o Dr. Mariano sempre foi muito entusiasmado com isso, quando houve essa oportunidade de formação de pessoal especializado ele me mandou pra fazer este curso. Eu voltei, a televisão educativa continuava parada, o projeto na gaveta, e eu fui lecionar em outra área. Como eu tava te falando eu me formei em Medicina Veterinária e fui convidado pra trabalhar no Instituto de Higiene e Saúde Pública e eu fui lecionar, toquei a vida. Em 68, quando tava pra abrir a rádio, o Antônio Abelim, que foi chamado pra dirigir a rádio, que aliás já era funcionário da Universidade, ele era Chefe do Gabinete de Imprensa, o Abelim me chamou, já que eu tinha essa ligação, né, e mais o projeto da TV, ele não havia morrido, ele apenas estava sendo protelado até que de repente surgisse uma solução. Então tinha muito a ver a rádio, que pretendia ser uma rádio cultural, educativa, etc., tinha muito a ver a rádio com isso tudo, então eu acabei sendo nomeado Coordenador Artístico e Cultural da Rádio e TV Educativa da Universidade. Esse era o meu cargo, digamos assim. E veja que já consta TV por que a gente continuava pensando em ter uma TV Educativa. Eu fui chamado e eu me encarreguei exatamente de organizar a programação da rádio Universidade, uns meses antes da data prevista pra inauguração. Inclusive a seleção de pessoal pra vir trabalhar na rádio Universidade, até testes e coisas deste tipo passaram por mim e, principalmente, eu fiz contatos com a FEPLAM (Fundação Educacional Padre Landel de Moura) em Porto Alegre, que já fazia na época programas de rádio educativo. Tinha programas até de alfabetização pelo rádio. Então com esses contatos com a FEPLAM já se estabeleceu que a rádio daqui seria uma das emissoras que entre

outras coisas na sua programação deveria ter também assessoria direta da FEPLAM e principalmente neste projeto chamado Escola do Ar, que era um curso de alfabetização e depois uma sequência de primeiro grau pelo rádio, com monitores que eram treinados, e uma das coisas que eu acho que mais nos envolveu e nos motivou na abertura da rádio Universidade foi justamente isso. Porque nós acabamos tendo na cidade mais de 50 tele-postos, 50 locais, espalhados pelas vilas e arredores de Santa Maria, e no centro também, onde todas as noites, num certo horário as pessoas interessadas em fazer o curso se reuniam, havia um monitor que dava umas orientações e depois eles ouviam a aula pelo rádio acompanhados de apostilas. Depois esse projeto foi se diluindo, começaram as dificuldades, o trabalho dos monitores era voluntário e eles iam saindo. Os alunos acabavam desistindo porque a aula pelo rádio era pouco atrativa, era cansativa, e muitos deles trabalhavam durante o dia e à noite já estavam cansados. Aí eu organizei a programação e talvez seja importante eu salientar que, desde o início, eu achava que a rádio Universidade deveria tocar música popular, ao contrário, pra citar um exemplo, da rádio Universidade de Porto Alegre, que já existia e que tocava exclusivamente música erudita e que tinha uma audiência igual a zero vírgula zero, zero qualquer coisa, quer dizer, ninguém ouvia a não ser meia dúzia de pessoas. Como eu tava muito ligado ao meio porque eu era radialista já há anos, jornalista, eu conhecia bem essa questão, eu sempre achei que uma rádio de uma Universidade, a primeira coisa que ela precisava era conquistar a simpatia do público e ganhar audiência especialmente nos destinatários da programação cultural ou educativa, não adiantava ter uma rádio pra uma elite que apenas ia ligá-la pra ouvir as suas peças clássicas. Isso aí colocado assim de início gerou um conflito preliminar com o pessoal do Centro de Artes que achava que a rádio da Universidade deveria só tocar música erudita, etc, etc. Daí houve uma série de reuniões e a gente explicou, nós não tínhamos nada contra a música erudita, música clássica, pelo contrário, gostamos muito disso, se você for lá em casa vai ver que eu tenho uma coleção de clássicos, adoro clássicos. Mas exatamente por isso tudo é que eu achava que a rádio não podia tocar só clássico, porque eu sou uma pessoa que só fui gostar de clássicos depois que me explicaram algumas coisas, que comecei a ouvir, etc. Porque antes eu também fazia como a maioria das pessoas, não a música clássica é chata e tal, porque a gente não entende, precisa ouvir com o tempo pra apurar o gosto. Digo, o que vocês precisam no Centro de Artes é ensinar os nossos ouvintes a gostar das músicas clássicas, vocês têm que ir lá e não simplesmente jogar um disco e rodar. Vocês têm que explicar o que que é, como é que é, etc e tal. E nós vamos ter horários destinados a isso e eu coloco desde logo os espaços na rádio Universidade à disposição de vocês pra vocês montarem um programa de educação para a música erudita, não simplesmente jogar música o dia inteiro e ninguém vai ouvir, as pessoas que gostam vão ligar, são poucas, e as pessoas que não gostam nunca vão ligar porque não vão ter nenhuma motivação pra isso. Aí eles entenderam a nossa idéia e até eu me recordo que o professor Sebastian Benda, que na época lecionava aqui no Centro de Artes, que era uma sumidade em música, foi uma das pessoas que teve o cuidado de preparar fitas magnéticas

com peças clássicas, com explicações... e aí a gente deslanchou com a programação, que também tinha música popular, desde que fosse boa, como ela tem até hoje, quer dizer, pelo que eu saiba a rádio Universidade foi durante muito tempo a única rádio ligada à Universidade que tinha uma programação acessível ao público em geral, com espaços destinados a vários segmentos da comunidade, de ouvintes. Então, esse aí foi o nosso trabalho no início da rádio Universidade, quer dizer, a rádio Universidade nasceu com a programação assim, uma parte destinada a educação de primeiro grau, ligada a Fundação Educacional Padre Landel de Moura, durante o dia nós tínhamos programas culturais, eu me recordo que nós produzíamos, além de umas fichas que ficaram históricas né, porque muita gente chamava de cultura inútil e algumas eram realmente cultura inútil, mas são aquelas coisas que a gente divulga e embora seja cultura inútil, constituem um atrativo, as pessoas gostam de saber curiosidades, isso aí tu já deve ter observado que, de modo geral, qualquer revista ou jornal que apresente curiosidades "Você sabia que" isso aí é uma coisa que atrai as pessoas. Então nos intervalos das músicas nós substituíamos os comerciais que nas outras rádios existem, nas emissoras comerciais, nós substituíamos por fichas culturais, e algumas coisas realmente eram banais, mas eram bem populares, e outras não, outras eram informações, principalmente da área da saúde. Como eu tinha ligação com a área da saúde eu me preocupava muito em divulgar coisas relacionadas com a saúde e até hoje eu prego, qualquer programa de rádio que trate de assuntos de saúde pode ter certeza que além de ter uma boa audiência, porque as pessoas em geral, elas se interessam muito por essas questões de saúde, além disso é uma oportunidade de se prestar um excelente serviço à população. No caso da Universidade, que tem todo...os professores que ela quiser, de todas as especialidades, então a gente trazia as pessoas pra fazer palestras curtas, etc., e se montava muito programa, muita coisa de geografia, história, arte, enfim, era uma programação variada assim, tudo era produzido. Os noticiários na época, eles tinham maiores limitações do que hoje porque vivia-se o chamado período revolucionário, que começou em 64 e terminou agora há pouco, em termos históricos foi agora há pouco. Então, como era uma emissora do governo, ligada ao governo, ela tinha limitações maiores do que as próprias emissoras de rádio comerciais, que também tinham limitações, e não eram pequenas, né, mas isso nós podemos falar outro dia. As limitações eram muito grandes, as proibições eram muito grandes, não se pode falar no fulano, não pode noticiar não sei o quê, quer dizer, o noticiário era muito complicado, então nós, como emissora do governo, é evidente que nós não podíamos de jeito nenhum, nós éramos extremamente visados nessa questão, a Universidade era visadíssima nisso, então o noticiário se limitava àquelas coisas de interesse da comunidade, não se entrava em discussões de ordem político, ideológico, porque não havia essa possibilidade, então os comentários que a gente fazia eram sempre sobre temas culturais, sobre essas coisas, porque ninguém ia tá fazendo comentário jornalístico a respeito de política, de ideologia, porque isso seria mal entendido ou bem entendido, enfim, em qualquer uma das hipóteses seria possivelmente submetido a interrogatório e ninguém tava a fim disso aí e prejudicava a imagem da Universidade e nem era a

finalidade da rádio Universidade a divulgação de idéias desse tipo. A idéia do Dr. Mariano era ter uma emissora que pudesse servir de alguma forma à comunidade, levando educação, tanto convencional que a gente fazia através daquelas aulas, como a cultura de um modo geral, através de uma pregação constante de temas culturais. Mas a partir daí, 68, 69, 70, começaram a surgir muitas emissoras, mais tarde veio a rádio FM, tivemos o advento da televisão que prejudicou muito a audiência de rádio, e as coisas mudaram muito, quer dizer, a própria audiência da rádio Universidade relativa aos demais veículos da cidade deve ter diminuído, porque na verdade é muita escolha, muita alternativa, e a gente tem por experiência que o público é um pouco refratário aos temas culturais e educativos, quanto menos cultura tem um povo, mais refratário ele é, quer dizer, ele reage, quando a gente apresenta um programa cultural, se o povo tem uma certa cultura ele aceita bem, se o povo não tem ele rejeita, ele muda pra qualquer sertanejo da vida aí, porque ele quer mais é se divertir. Aí é uma questão que merece uma análise sociológica, mas na realidade, na prática o que a gente verifica é isso, todos os veículos, seja televisão educativa seja rádio educativa, tem pequena audiência na faixa popular. E esse é o grande desafio de quem faz TV ou rádio educativa, é conquistar essas pessoas, até hoje não se achou a fórmula ideal, uma coisa é certa, não seria com música erudita o dia inteiro e com palestras sofisticadas, etc, etc, que nós faríamos, isso é evidente que não era porque já existiam outras e nós já tínhamos essa experiência, essa comprovação. Então nós tentamos outra forma, que foi tornar a coisa mais popular, ao nível das emissoras comerciais, tivemos sucesso no início, mas depois pela própria concorrência...hoje é a maior dificuldade uma emissora de rádio deter uma boa faixa de audiência, elas tão com a programação segmentada, tem audiência num horário, não tem nenhuma em outro horário, quer dizer, o negócio hoje é muito dividido, até por causa da televisão.

Por que o sucesso da emissora no início?

Bom, em primeiro lugar nós contávamos com o fator novidade, qualquer emissora que abre tem um período inicial muito bom. Esse era um fator favorável a nós. Segundo, era uma emissora que surgia dentro de uma Universidade que tinha um apelo popular fantástico. A UFSM até a formação de suas primeiras turmas, ela estava de alguma forma mais integrada à comunidade do que hoje. Bom, será uma falha da Universidade ter se desintegrado da comunidade? Não. Eu diria que o que aconteceu foi que a cidade cresceu de forma extraordinária, fantástica, em função até mesmo da Universidade e com isso ela deixou de ser a grande novidade, afinal de contas hoje a Universidade tem mais de 20 anos. A Universidade também era uma novidade, isso aqui era um pólo, as pessoas vinham de todo o estado estudar aqui, comentava-se diariamente na mídia impressa e eletrônica os fatos relacionados com a Universidade. O que Santa Maria tinha pra comentar nas suas rodas aqui eram os assuntos da Universidade, ela era realmente o ponto alto de tudo, em qualquer cidade brasileira que se chegava, se falava na UFSM, ela era conhecida, nós tínhamos um reitor, fundador da Universidade, e ele lutou tanto pra ter essa Universidade,

pra fundar a primeira Universidade do interior do Brasil e ele ficou conhecido praticamente no mundo inteiro. Então era evidente que uma emissora de rádio ligada a uma Universidade que já era assunto de todo mundo, ela tinha um apelo incrível, as pessoas queriam ouvir a rádio Universidade. Tem um outro fator que nos ajudou muito, o fato de nós termos um equipamento novinho, com a qualidade de som muito boa. Um outro fator, a qualidade das músicas que nós executávamos, embora fossem populares de todos os gêneros, a gente sempre dizia, aqui só tem dois tipos de música, ruim e boa, a boa a gente toca, a ruim a gente rejeita, quer dizer, nós não comprávamos discos a não ser de músicas de boa qualidade, independente de gênero musical, tocava-se todos os gêneros, como ela toca até hoje, música popular brasileira, música popular internacional, música nativa, etc., mas só de boa qualidade. E com som bom, muito bom, numa frequência boa, nos 800, era uma posição boa, de poucas interferências. O número de emissoras de onda média era muito menor, significativamente menor, então não havia tanta interferência como há hoje, hoje é a maior dificuldade sinalizar bem uma rádio em onda média. Naquele tempo se ouvia aqui em Santa Maria com a maior facilidade, em qualquer rádio portátil, se ouvia a Gaúcha, a Farroupilha, hoje é uma luta pra conseguir sintonizar uma rádio de Porto Alegre em Santa Maria, devido ao número excessivo de emissoras que surgiram exatamente de lá pra cá. Depois ela foi deixando de ser novidade, surgiram outras alternativas, de repente surgiu a FM, então uma das características da rádio Universidade é o som privilegiado e uma programação muito parecida com o que viria a ser a programação da FM, ela quase que antecipava aquele padrão FM, que hoje também é discutível, porque as FMs já estão segmentadas e você vai encontrar FM de todos os tipos, inclusive tocando músicas mais bregas e as mais inúteis também, porque é uma questão de ganhar um segmento e trabalhar em cima daquele porque aquela programação mais sofisticada, ela ficou com algumas emissoras. (...fala sobre FMs...) Mas de fato a rádio Universidade por essa razão e por muitas outras que eu já te falei, e principalmente porque todos os assuntos relacionados com a Universidade eram de interesse de todo o mundo, e como a rádio Universidade era a primeira a divulgar tudo que se referia a própria casa, então ela começou a ser realmente muito ouvida. E depois ela diminuiu porque o bolo de audiência foi dividido por um número muito maior de alternativas, de emissoras, e também porque as dificuldades financeiras, acho que é bom a gente dizer alguma coisa, a rádio foi envelhecendo, o equipamento envelheceu, a discoteca foi ficando demode, os recursos que a Universidade pôde destinar a este setor foram diminuindo, como outros setores da Universidade que atravessam dificuldades terríveis, como se vê hoje o HUSM está sempre em crise, as próprias casas dos estudantes não puderam nem ser concluídas, há coisas inconclusas lá no Campus até hoje, prédios lá pela metade. Então houve de uns anos pra cá um certo descaso em relação às verbas pras Universidades por parte do governo, sei lá, eles tiveram outras prioridades que eu não sei bem quais foram né, mas houve uma época que as coisas foram cessando, tanto que aquele projeto da TV educativa que a gente falou no início acabou indo decididamente pro brejo, nenhuma Universidade pôde abrir a sua TV educativa, que era um sonho,

lá em 65, tanto que praticamente todas as Universidades em 65 estavam representadas naquele curso que eu fiz lá no Rio. Porque havia essa idéia por todo o país, as Universidades deveriam ter uma emissora educativa de TV(...fala sobre TV Educativa....)

...prazo, tem a
é mais difícil: Qual é a sua opinião sobre as modificações que vieram ocorrendo na rádio, que agora segue uma linha mais jornalística?

os irmãos: Eu acho que é sinal dos tempos, como eu te falei quando ela abriu, ela abriu num período em que havia uma certa mordança nos jornalistas de um modo geral, era muito delicado, muito perigoso, e era praticamente proibido pensar que um veículo de comunicação do governo pudesse contestar atitudes do governo, pudesse discutir as atitudes do governo, pudesse abrir o jornalismo. Não havia essa possibilidade, as próprias emissoras comerciais, que eram entre aspas independentes, porque na verdade nada em rádio é independente, todas as emissoras são concessões do governo e a rigor todas elas podem sofrer sanções seríssimas a qualquer momento, mas é evidente que as comerciais ainda tinham um pouco mais de liberdade. Com as aberturas todas que ocorreram, eu acho natural, eu acho que é um caminho a seguir, e até acho que hoje se eu fosse reabrir uma rádio, pra ser uma rádio Universidade com certeza eu não priorizaria música como atração, porque eu acho que o que falta pra comunidade de Santa Maria é uma emissora que priorize a notícia, porque pra música nós já temos muitas alternativas(...fala sobre música...)Então com essas mudanças todas que aconteceram, hoje eu abriria uma rádio Universidade priorizando a palavra, priorizando o pensamento, priorizando as idéias, priorizando a discussão de temas de interesse da comunidade, priorizando inclusive a informação local, que é uma coisa que Santa Maria no momento peca(...fala que as rádios não têm informação local suficiente...) Então de repente seria um caminho pra trazer os ouvintes para o rádio, e não tenha dúvida, as pessoas só ligam o rádio se elas têm um interesse sobre isso, elas buscam alguma coisa. (...fala que os jovens só buscam o que lhes dá prazer...)

Lembranças da inauguração da rádio:

O que eu mais lembro da data de inauguração são as dificuldades, porque, como eu falei, o Abelim havia viajado, o Dr. Mariano marcou a data e nós não tínhamos móveis, a rádio funcionava no prédio da antiga reitoria, no terraço, onde o engenheiro Wilson Aita fez um projeto e foi construída uma casinha lá, e lá é que a rádio funcionava. Mas nós não tínhamos móveis, nós não tínhamos nem gravadores ainda, grandes, profissionais, e essa era uma briga com o professor Benda da Universidade, porque nós tínhamos que ter um gravador de qualidade para poder reproduzir as fitas de música que ele trazia inclusive da Alemanha, que era uma coisa maravilhosa. Uma coisa que a gente fez logo no início foi contato com as embaixadas, convênios, recebíamos programação da Deutsche Welle, da Alemanha, tudo gravado em fita, e não tínhamos na época nem material adequado pra reprodução desse material que já tava começando a chegar. Então eu me recordo do corre-corre, da necessidade que a Universidade

tem de fazer as concorrências, que demandam um certo tempo, quer dizer não é como uma empresa privada, que a gente sai na rua e compra tudo que a gente pode no mesmo dia e entregam, no outro dia você já tá com tudo funcionando. No caso da Universidade, como é um órgão público você precisa deixar correr um prazo, tem a concorrência e vence quem tiver o menor preço, quer dizer, tudo é mais difícil. E às vésperas da inauguração nós ainda estávamos conseguindo coisas emprestadas, nós fomos em algumas lojas e conseguimos um gravador com os Irmãos Ugalde, conseguimos um terno de sala com a antiga Central de Máquinas que era uma loja que vendia móveis, e uma série de coisas de última hora, pra gente poder mostrar a radiozinha que era pequenininha e nós íamos receber ali todas as grandes autoridades, afinal nós estávamos abrindo a rádio da Universidade que como eu te disse era uma grande notícia, porque a Universidade toda era notícia. E todos que estavam na equipe da rádio eram profissionais já experientes, então não teve a necessidade de preparar ninguém pra trabalhar na rádio. Nós tínhamos um noticiário dos assuntos ligados à Universidade, não tínhamos essa preocupação jornalística com a cidade, o estado ou o país, porque na época as outras emissoras tinham muito melhores condições pra fazer isso aí, e faziam com muita competência. O jornalismo em rádio aqui em vez de melhorar, piorou nos últimos anos, ele era muito melhor em 75, 80 do que é hoje. Então nós nos restringíamos mais aos fatos da Universidade.

E qual sua opinião em relação a mudança da rádio para o Campus?

Eu fiquei uns três anos só na rádio, o período inicial, então eu não vivi essa época na rádio. Eu estava dando aula no curso de Comunicação, mas eu acho que foi um fato normal.

Entrevistado: Roberto Montagner -

Data: julho/94

Bem, eu entrei na rádio Universidade em novembro de 1979, foi na qualidade de bolsista, quando eu fazia o curso de geografia licenciatura e geógrafo, que era o bacharelado da geografia também. Eu entrei como locutor, fiquei um ano e meio, aproximadamente, com esse trabalho de locução na qualidade de bolsista. O contrato como funcionário da Universidade surgiu em 1981. Aí, entrei como agente de comunicação social, que naquele tempo era o apelido dentro da nomenclatura do serviço público que se dava pro locutor. Bem, em abril de 1983 eu entrei na direção da rádio, a convite do Gaspar Miotto, que era o diretor do Departamento de Divulgação. Naquele tempo a rádio estava subordinada ao DED, que era o Departamento de Divulgação, hoje não existe mais, está extinto no caso. E dentro dessa estrutura então, funcionava aqui no décimo andar esse Departamento de Divulgação, que tinha como um dos órgãos subordinados a ele a rádio Universidade. E eu fiquei na direção então de abril de 83 até novembro de 87, 4 anos, 6 meses e 9 dias. Foi o meu tempo de direção, e nesse tempo a gente trabalhava muito em conjunto então com o diretor do DED, do Departamento. Nós tínhamos uma subordinação não apenas na hierarquia funcional da rádio, no seu esquema de pessoal, mas também com relação ao orçamento. Sempre que se precisava fazer algum gasto a gente solicitava ao diretor do Departamento de Divulgação, para que se viabilizasse o que se pretendia em termos de trabalho dentro da rádio Universidade. Também foi dentro desse tempo de direção que a gente implementou, fortaleceu muito o SINRED, que é o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa que, naquele tempo, as emissoras ligadas a esse sistema, produziam e apresentavam programas que eram veiculados em todo Brasil, na grade do projeto Minerva, o antigo projeto Minerva, que hoje está extinto. Então a gente elaborava programas, dando destaque para a cultura local especialmente e, se divulgava, nas aproximadamente 2.000 emissoras de rádio do país o que se fazia em termos de cultura aqui no Rio Grande do Sul e na região de Santa Maria, sendo portanto uma força que o próprio SINRED dava para as emissoras que integravam esse sistema, no caso, nós, pertencendo também a esse sistema. Nós fomos a emissora fundadora do SINRED que, quando foi criado existiam apenas cinco emissoras, nós eramos uma delas e, depois, foram surgindo muitas outras e hoje o sistema engloba não só as emissoras de rádio, mas também as emissoras de TV. São mais de 60 emissoras em todo o país. Eu acredito que a parte mais saliente da minha administração foi essa, dando uma projeção para a rádio, em termos nacionais, levando o que se produzia aqui em Santa Maria, de Santa Maria para o resto do país. Com relação à parte da programação a gente continuava dando destaque para uma linha jornalística, uma linha cultural, como sempre foi a filosofia e os objetivos da emissora em seguir esse tipo de programação, porque desde o tempo da fundação, através do professor Mariano da Rocha, ele sempre tinha essa preocupação de destacar a parte da cultura aliada também evidentemente ao jornalismo, mas, salientando sempre uma programação mais voltada para a

cultura, dando destaque para o que se produzia em termos de pesquisa, de ciência, de cultura dentro da Universidade e levando essas informações para toda a sociedade. Então, em cima dessa filosofia de programação é que nós norteávamos o trabalho de produção da rádio Universidade, com todos os programas daquele tempo, muitos hoje não existem mais, outros ainda permanecem e, a partir de 87 então eu deixei a direção da rádio e em 1990, quando assumiu o César Saccol como diretor, eu assumi a Secretaria da rádio, até o final da gestão dele e a partir de 94 então, quando Áurea Fonseca assumiu a direção eu passei a ser Chefe da Seção de Rádio. Junto com isso, claro, nunca deixei de lado a minha atividade de locutor e de produtor de programas que eu venho desempenhando desde o dia em que entrei na emissora. Então, hoje, além da produção e apresentação de programas, eu tenho também a chefia da seção de rádio, como controle de locução, discoteca e operação de áudio.

Nos fala um pouco sobre os programas que tu produzes e apresentas hoje.

Bem, hoje eu apresento o Roteiro, que é programa diário, de segunda a sexta-feira, das três e trinta até às cinco da tarde, que divulga informações culturais, jornalísticas, também com música e levo pro ar também reportagens internacionais a partir da Deutsche Welle, a emissora internacional da Alemanha, que tem convênio com nós há muito tempo e manda fitas aqui para a emissora, com produções culturais e jornalísticas e a gente coloca então esses informativos no ar. Também apresento Informe Cultural. Este programa já está há doze anos no ar, a uma da tarde, até uma e dez, uma e quinze, por aí, e é um programa feito em cima de narração de fatos, de acontecimentos, enfim, em cima do conhecimento universal, ele engloba arte, ciência, cultura, geografia, história, personagens, enfim, tudo que é tipo de conhecimento que possa enriquecer o universo cultural do ouvinte é apresentado então dentro do Informe Cultural. É um programa sem música, apenas com um trabalho de narração e sonoplastia. Também apresento, mas agora, temporariamente suspenso, o Sala de Concertos, que é um programa erudito, que está suspenso em função da rádio estar fechando às oito da noite, pela queda da torre da emissora, mas esse programa é de segunda a segunda, são sete dias da semana, que normalmente ele vai pro ar, das 8 às 9 da noite com música erudita. Destaca então todas as obras eruditas, os grandes mestres e compositores, o que fizeram e também os grandes intérpretes e executores individuais ou orquestras e conjuntos. Também apresento, às onze da manhã, um programa curto de 5 minutos apenas, chamado Ciência e Cultura. Esse programa apresenta cinco textos diário com duração de 30 segundos a 1 minuto cada texto, dando destaque única e exclusivamente pra ciência e cultura, literatura, cinema, música e na parte da ciência todos os conhecimentos científicos que existem e que são pesquisados no universo dos cientistas brasileiros e internacionais, se faz então esse levantamento, essa pesquisa na área científica e eu coloco no ar então esse programa que é um quadro do Redação Aberta. Entra, portanto, no ar às 11 da manhã. Também produzo e apresento, juntamente com o Norton César, o programa Campus da Gente, às 7 e 35 da

manhã, que sempre traz um entrevistado por dia, falando daquilo que ele conhece, daquilo que ele faz, daquilo que ele produz e pesquisa. É um professor, é um servidor, é uma autoridade política ou administrativa então, que é convidada pra falar dentro de sua área de trabalho e de atuação. Esse programa começa às 7 e 35 e vai até às 8 da manhã. Tem, portanto, 25 minutos de duração. Mais ou menos são esses, então, os programas que hoje eu produzo e apresento dentro da rádio Universidade, além, claro, do trabalho administrativo na Chefia da Seção de Rádio.

Quais os programas que permaneceram desde a época em que tu foste diretor?

Os que permaneceram, assim, que eu estou lembrado... um deles é o "Antes que a Natureza Morra", do James Pizarro, que é um dos mais antigos da emissora, esse programa já está há quase 20 anos no ar. Tem o "Panorama Agropecuário", do Paulo Muceneck, também aos domingos pela manhã. Tem o próprio "Informe Cultural" que começou como "FACES do Brasil", que só tratava de temas do Brasil, mas que depois mudou para "Informe Cultural", para dar uma abrangência mais universal, com todos os temas, não só envolvendo o Brasil, mas também temas mais universais, do conhecimento geral. E tem outros programas aí que permanecem, o próprio "Sala de Concertos", permanece também o "Roteiro", naquele tempo eu acho que eu já apresentava... eu apresentava um programa nesse estilo, mas tinha outro nome, era "Brasil, Bem Brasil", dando destaque mais para a música popular brasileira, no caso. Então, esse já não tem mais, no caso. O "Roteiro" hoje tem MPB e Internacional. Naquele tempo, eu apresentava mais MPB, em cima da MPB, né. Mas hoje modificou muito a programação. Está mais voltada para o jornalismo a emissora. Você vê que naquele tempo tinha, pela parte da manhã, tinha música com informação também e hoje a rádio Universidade apenas veicula exclusivamente jornalismo pela manhã.

Então houve essa mudança bastante saliente...a partir de quando começou a ocorrer essa mudança?

Isso aí aconteceu a partir da administração do César Saccol, foi então a partir de janeiro de 1990 que nós começamos a implementar mais a parte de jornalismo pela manhã e os programas com música e informação ficaram mais restritos à tarde e também à noite, no caso. Então, no meu tempo tinha também música e informação pela manhã, o que hoje não existe por exemplo. E outros programas assim, tipo "Era Uma Vez", com a Maria Helena, que era um programa infantil, hoje não existe mais, pela aposentadoria da própria Maria Helena. Então coisas assim que, com o dinamismo da programação, uns permanecem, outros vão entrando na programação, né? Mas tem muita coisa que hoje já não existe mais na rádio e outros programas que surgiram fazendo parte dessa dinâmica de programação das emissoras.

Metas.

Eu acho que...em termos de metas assim, foi mais a produção levada a nível nacional, que foi exatamente nesse meu tempo que a rádio participou da Grade do Projeto Minerva e havia também um intercâmbio de programas de outras emissoras que vinham pra nós aqui. Emissoras educativas, também do SINRED se fazia essa veiculação aqui. A gente mandava os programas pro Projeto Minerva, outras emissoras mandavam pra nós produções locais e se fazia esse intercâmbio cultural envolvendo produções de todo o Brasil. Agora, dificuldades, como sempre, eu acho que, quase como todos os anos, eram orçamentárias. A rádio não tinha muito recurso orçamentário e vinha lutando com dificuldade até para reequipamento da própria emissora, enfim, acho que o orçamento foi o que limitou muito as atividades, por que a partir disso houve a restrição de muitos projetos assim, que não foram viabilizados em função da falta de recurso, exatamente para tocar em frente muitos projetos, mais até na área de equipamentos, de materiais que viriam a melhorar a qualidade de transmissão da própria emissora. Acho que foi mais nesse sentido aí.

Entrevistado: Saulo Dalfollo

Data: agosto/95

Eu entrei na rádio Universidade em 1967, antes da fundação da rádio. Na época, a equipe era formada pelo Antônio Abelim, que era o diretor, o Quintino Oliveira era assessor, o Luiz Fernando Vinadé que era programador, locutor e o engenheiro Fábio Baldissera, que era encarregado da parte técnica da rádio. Tudo isso antes da rádio entrar no ar. Nós fomos os precursores, nós fomos organizando tudo, discoteca, programação, enfim, tudo. Porque nós começamos da estaca zero, nós recebemos um prédio sem instalações e nós fizemos todas as instalações. Levamos mais ou menos 8 meses e no dia 17 de maio de 1968 entrou no ar a rádio Universidade. Um detalhe muito curioso, a bênção inicial foi dada de Roma pelo Bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis. Então Dom Antônio encontrava-se na Espanha e o Abelim também estava viajando, parece que encontrava-se na Espanha. Então foi uma inauguração assim meio que internacional, falou o Abelim da Espanha, o Dom Antônio, de Roma, e foi muito bonito. Uma época saudosa. A visitação foi intensa durante todo o dia, porque nós colocamos uma sonorização em algumas lojas e eu lembro que tinha na Imcosul e em outras lojas de eletrodomésticos, então nós convidávamos as pessoas para comparecer, e foi uma romaria até a rádio, muito bonito. E além disso, o espírito da programação, porque pela primeira vez nós tínhamos em Santa Maria uma programação essencialmente educativa. A rádio começou na antiga reitoria e, uns oito anos depois, ela foi transferida pro Campus. Bom, mas nós tínhamos uma equipe de cinco ou seis repórteres, eu não lembro bem, que eram dirigidos pelo Nicola, que posteriormente veio ser diretor também da rádio. O João Teixeira Porto era o nosso autor de textos e, entre outros, nós apresentamos em forma de radioteatro a Lenda de Imembuí, que eu acho que é uma das poucas vezes que se fez a radiofonização dessa lenda. Foi um programa que obteve muito sucesso. Nós tínhamos programas como fatos históricos radiofonizados e tínhamos uma linha de notícias, nós tínhamos diversas editorias que se especializaram em notícias de ensino, notícias da comunidade, enfim, era uma rádio essencialmente regional, tendo como pólo Santa Maria. Esse foi o critério quando foi criada a rádio. A programação na época obedecia uma lei, não sei se vige ainda hoje, de executar 75% de música brasileira, 25% então ficava pros demais, situação essa que parece que hoje se inverteu bastante. Em resumo, era uma rádio diferente, na medida em que ela foi criada com essa finalidade. Não existia publicidade, ela era sustentada pelo Ministério da Educação e Cultura, exatamente pra produzir cultura. Acho que, mais ou menos em linhas gerais é isso aí.

Qual era a sua função?

Eu acho que eu trabalhei em tudo, tirando a parte técnica eu fiz de tudo na rádio Universidade. Até que em 1976 eu fui escolhido pelo reitor da época como diretor. O reitor era o Hélio Homero Bernardi. Fiquei na direção até 1978 e aí depois fui cumprir outras missões dentro da própria Universidade.

Como era a programação no início?

A parte da manhã começava com música gaúcha, começava às sete horas da manhã. Depois disso entrava a linha informativa. Porque tinha um sistema, entre cada duas músicas existia um bloco de informações, as mais variadas possíveis. E tinha os noticiários específicos. Depois tinha o local, o nacional, e o internacional. Tinha uma programação variada. Os apresentadores eram eu, o Vinadé, o Sérgio Assis Brasil, o Norton César, e outros.

Na época em que o senhor foi diretor quais eram suas metas?

Quando eu fui diretor nós formamos uma equipe de umas 30 pessoas que pegavam junto, nós colocamos o idealismo acima do profissionalismo, então chegávamos a trabalhar 17, 18 horas por dia, quando a nossa jornada normal era de 8 horas. Mas a turma pegava junto e nos repartíamos nas mais diversas funções, aquilo criava um elã e a gente fazia tudo com muito amor. Pena que durou pouco. As metas eram as metas da reitoria, então todas as prioridades eram dadas pro rádio cultural e educativo. Nós não tínhamos intenção de concorrer com outras emissoras, e mesmo assim tinha uma boa audiência. Eu lembro que foi na minha administração que montamos o parque de transmissores que existe ainda hoje na rádio. Foi comprada uma área e naquela época nós inauguramos a maior antena da região, não pelo fato de ser a maior, mas porque dava uma abrangência maior do nosso som. Nós tínhamos locais aí que nos surpreendia, nós chegávamos na fronteira e o pessoal ouvia...fitas gravadas...ordem dos diretores...lembranças: primeira califórnia da canção nativa, as fitas eram mandadas pelo Vasser e iam ao ar pela manhã, pois não se conseguia linha direta...horários de meditação, Pai Nosso, mensagens de otimismo...momentos gratificantes: quando nós tínhamos a oportunidade de ler textos como esse do João Teixeira Porto, um poema sobre Santa Maria. Eu cheguei em muitas ocasiões às lágrimas com os textos que brotavam do coração. Era uma oficina de trabalho, era como se fosse um atelier do pintor, como um recanto de um poeta. Eu tenho um total de 26 anos de rádio. Mas a rádio era um lugar onde se podia criar, exercitar a criatividade, isso é a coisa mais linda que tem.

Entrevistado: Sérgio Assis Brasil

Data: julho/94

Bom, eu comecei na rádio em 74, primeiro de abril de 74, e no início eu fazia um programa chamado "Transas do Cinema" de manhã, e à tarde fazia um programa chamado "Fotografia, Arte e Técnica". Eram programas que falavam, um especificamente sobre cinema, não com a pretensão de ser uma crítica cinematográfica, mas analisar os filmes sob vários aspectos, desde a linguagem cinematográfica até curiosidades sobre a produção dos filmes, trucagens, etc.. Então, era um programa sobre cinema. E à tarde um programa sobre fotografia. Pode parecer uma coisa engraçada um programa sobre fotografia na rádio, mas tem muita coisa pra se falar sobre fotografia, então eu procurei levar mais ou menos assim. Isso durante uns 3 ou 4 anos, eu não sei exatamente. Depois eu iniciei um programa... na época tinha um programa pela manhã na Rádio Universidade chamado "Querência Xucra", um programa de gaúcho, né? E o apresentador precisou se afastar e me convocaram e eu digo "Mas eu não dô pra essas coisas de gaúcho, não tenho nem jeito pra isso, embora seja gaúcho, mas programa tradicionalista não fecha muito comigo, mas enfim, o que eu puder fazer pra colaborar..." Então iniciei fazendo um programa chamado... mudamos o nome, não era mais "Querência Xucra", mas sim "O Canto do Gaúcho", isso lá por 78, ...77 ou 78, não lembro exatamente. Fiz durante muitos anos esse programa e até era uma coisa engraçada porque eu morei um tempo pra fora então precisava sair muito cedo pra abrir a rádio, esse programa começava as sete horas, eu saía de casa as seis horas, no inverno era noite. Então foram os programas que eu fiz na época. Esse "Canto do Gaúcho" ficou durante muitos anos no ar. Hoje, quem apresenta o programa é o Norton César. E aí eu tive que me adaptar. Eu acho que, acho que no rádio nós temos que nos adaptar, principalmente em rádio do interior, que não existe setoristas. E hoje, quem faz esportes, faz geral, enfim, a rádio hoje, as pessoas precisam se adaptar a essa linguagem. Eu não sei seu eu me adaptei muito bem, mas eu consegui levar durante algum tempo o programa e acabei gostando. Porque eu procurei imprimir no programa a minha cara, um pouco irreverente, errando muitas coisas às vezes no ar, mas o programa funcionou, tanto é que ele continua até hoje. Bom, nesse meio tempo eu fazia redação na rádio, eu fazia produção, eu acho que eu passei na Rádio Universidade por todos os setores. Fui programador da rádio durante muito tempo também e, eventualmente, eu acabei assumindo a direção da rádio, em 1988, depois do Montagner. Aí, nesse período era uma atividade mais executiva, mas que, com a experiência que a gente adquire durante alguns anos não é tão difícil assim comandar uma equipe. Eu não sei, basicamente eu passei por todos os setores da rádio.

Quais eram as principais metas quando tu foste diretor?

Acho que são as metas que todos os diretores têm. Nós lutamos com uma coisa hoje chamada burocracia, que é extremamente complicada e difícil. Se é uma rádio particular você tem a sua disposição verbas comerciais e tem

agilidade na compra das coisas. A minha meta, quais eram as minhas metas principais: melhorar o som da rádio e procurar manter uma programação padrão, uma programação cultural, dita educativa, enfim, por aí. Algumas coisas eu fiz, outras não consegui fazer e eu volto a dizer isso aí pra ti, os entraves burocráticos hoje dificultam bastante qualquer realização. O nosso trabalho foi também no sentido de melhorar o som. Veja só, se nós temos hoje um problema técnico na rádio, quanta coisa é preciso fazer. Eu vejo aí a Áurea lutando pra conseguir levantar essa torre da rádio, não é fácil, isso não depende do diretor da rádio, depende de todo um sistema, e tem algumas tramitações legais que o diretor precisa cumprir.

As principais dificuldades foram então em termos burocráticos?

Sem dúvida, e não por falta de vontade das pessoas aqui da Universidade, mas pelo próprio sistema que dificulta as coisas. E como a rádio não tinha verba própria ela ficava um pouco amarrada. Parece que a intenção hoje da atual administração é que a rádio tenha um orçamento, ou seja, pifa o microfone, eu não preciso depender de toda uma tramitação. Vou lá e compro o microfone. Isso é o ideal pra qualquer administrador.

Fala um pouco sobre o teu trabalho depois de deixar a direção da rádio.

Depois que eu deixei a direção da rádio, fui assessor, durante 4 anos, do Reitor Tabajara, mas, na verdade a minha atividade profissional na Universidade está ligada à rádio, desde que eu entrei na Universidade, como produtor de rádio.

Entrou como funcionário direto?

Entre, entrei como funcionário direto. E como produtor de rádio, fazia a produção, enfim. Mas o meu trabalho, paralelo a rádio, eu desenvolvo um trabalho de vídeo. Então são as duas atividades que eu trabalho. Atualmente eu faço um programa aqui na rádio, chamado "Em Nome da Música", que a proposta é que seja um programa diário, e ele começou assim até que houve o acidente na torre, e a rádio perdeu muito da qualidade sonora, então a direção achou conveniente que a rádio ficasse fora do ar durante a noite. Mas a proposta é uma programação diferenciada não especificamente um programa de Jazz, mas dando um destaque especial ao Jazz. Então seria a programação noturna da rádio. Eu disse uma programação diferenciada. Os ouvintes é que vão avaliar se a programação é boa ou não. Essa é a nossa proposta. No momento o programa vai ao ar apenas aos sábados em função destes problemas técnicos, mas assim que a rádio retome com o som, que normalize esta questão técnica, o programa então fica de segunda a sexta.

Qual é o horário?

Das nove as onze da noite.

Curiosidades:

Bom, um momento muito curioso da rádio, assim... que eu tenho, que eu lembro...eu diria pra ti até dois momentos: uma transmissão do vestibular que nós fizemos de helicóptero, na época isso aí era ... hoje é um fato bastante comum nas coberturas jornalísticas, depois do satélite, microondas, enfim, uma cobertura com helicóptero é bastante simples. Mas na época, isso lá por 76, era uma inovação e a rádio fez uma transmissão do vestibular, um helicóptero sobrevoava o campus, então dava flashes lá de cima, contando a movimentação, o trânsito. Então eu lembro isso aí, que as pessoas, chamou a atenção inclusive dos colegas de outras rádios, o helicóptero sobrevoava a faixa, orientando o trânsito. Então foi interessante. E na época do radioteatro na rádio, que eu também fazia um personagem, era o radioteatro dirigido pelo João Teixeira Porto. Nós gravávamos neste estúdio, logo que a rádio veio aqui para fora e tinha os personagens, tinha o sapo, que era o James Pizarro, tinha o coelho, tinha a bruxa que era a Áurea. Enfim, eram personagens assim criados pelo João Teixeira Porto e que nós vibrávamos com aquilo. Eram historinhas infantis dirigidas especificamente ao público infantil, mas que os adultos assistiam também e eram capítulos. É o momento da rádio que eu recordo com muito carinho.

M.J.95.8

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

02.04.96	9.10.00		
13.04.96	10.10.00		
03.06.96	20.11.00		
08.07.96	30.11.00		
02.09	19.04.02		
25.03.98	07/09/02		
30.03.98			
06.04.98			
15.04.98			
29.7.98			
24.09.99			
28.10.99			
06.12.99			
07.04.00			
19.09.00			
29.03.00			

Curiosidades
 É um momento muito
 que eu lembro, eu lembro
 que nós fizemos de
 comum nos trabalhos
 coberturas com
 uma inovação
 sobre os campos
 o trabalho

UFSM — CESH M.J.95.8
 FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
 GABINETE DE LEITURA

PALMA, Gláise Bohrer
 AUTOR

A história oral na captação
 de uma reportagem...
 TÍTULO

Devolve em	LEITOR
06.12.99	Antonio Thier
07.04.00	Marciele Romm 498
19.09.00	Dalva 493
29.09.00	Dalva 493
9.10.00	Dalva 493
18.10.00	Dalva 493
20.11.00	Luciano D. Jorge 417
30.11.00	Dalva 493
19.04.02	Norman
07/09/02	Thais Jivá Schmitz
11.10.02	646
18.10.02	646

M.J.95.8